



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

WÂNIA CRISTIANE BELONI

**UM ESTUDO SOBRE A FALA E A CULTURA DE ITALODESCENDENTES EM
CASCAVEL/PR**

**CASCAVEL/PR
2015**

WÂNIA CRISTIANE BELONI

**UM ESTUDO SOBRE A FALA E A CULTURA DE ITALODESCENDENTES EM
CASCAVEL/PR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais e de Diversidade

Orientadora: Profa. Dra. Sanimar Busse

Coorientadora: Profa. Dra. Rosemary Castañeda Zanette

CASCAVEL/PR
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B39e

Beloni, Wânia Cristiane

Um estudo sobre a fala e a cultura de italodescendentes em Cascavel/PR.
/Wânia Cristiane Beloni.— Cascavel, 2014.
155 p.

Orientador^a: Prof^a. Dr^a. Sanimar Busse
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras

1. Talian. 2. Cultura italiana. 3. Identidade étnica. I. Universidade Estadual
do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 20.ed. 410

WÂNIA CRISTIANE BELONI

**UM ESTUDO SOBRE A FALA E A CULTURA DE ITALODESCENDENTES EM
CASCAVEL/PR**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug
Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS
Componente da Banca

Prof. Dr. Ciro Damke
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste
Componente da Banca

Profa. Dra. Rosemary Irene Castaneda Zanette
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste
Componente da Banca

Profa. Dra. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste
Orientadora

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual Londrina/UEL
Componente da Banca

Cascavel, março de 2015

A todos os imigrantes e descendentes de italiano.

AGRADECIMENTOS

A Deus por guiar meus passos, pela proteção, sabedoria e força para a execução deste estudo;

Aos meus pais pela oportunidade de vir à vida, pelos valores e princípios ensinados;

À minha Orientadora, professora Doutora Sanimar Busse, pela dedicação, sabedoria e incentivo. Pela orientação valiosa e olhar cuidadoso nas leituras e em suas observações;

À professora Rosemary Irene Castaneda Zanette, pela paciência, bondade e carinho. Pela cooperação e leituras cautelosas;

Aos informantes de Cascavel, participantes dessa pesquisa, pela disponibilidade, atenção e carinho com que me receberam em suas casas e locais de trabalho;

À Capes pela concessão da bolsa que possibilitou a minha dedicação à pesquisa;

Aos Professores do curso de Mestrado, que contribuíram imensamente com minha formação intelectual;

Ao meu marido, Henrique Miguel Andriolo, pela paciência, apoio, carinho e confiança;

Às minhas amigas Juliana de Sá, Suzana Ferreira, Juliana Voigt e Franciele Orsatto pelo incentivo e pela amizade;

Aos meus alunos de italiano e amigos: Lucia Trevisan Richetti, Vânia Breda Borghesan, Marisa Tomazzoni, Stella Follador, Terezinha Tomazzoni, Miriam Luza e Jaime Richetti, falante e revivificador do *talian*, pelo apoio e pela ajuda em diversos momentos da pesquisa. Obrigada por me instigarem, com seus hábitos, costumes, crenças e atitudes, a realizar esta pesquisa.

*Gli uomini possono cambiare i loro abiti, le loro mogli, la loro religione, le loro filosofie, misura più o meno grande; ma non possono cambiare i loro nonni.*¹

Horace Kallen

¹ Os homens podem mudar de roupa, de mulher, de religião, de filosofia, a seu bel-prazer; mas não podem mudar de avós.

BELONI, Wânia Cristiane. **Um estudo sobre a fala e a cultura de italodescendentes em Cascavel/PR**. 2015. p. 155. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel, 2015.

RESUMO

A manutenção e preservação de uma variedade linguística estão ligadas a questões históricas, as quais, conseqüentemente, delineiam as crenças e atitudes de uma comunidade. Dependendo do grupo em que o falante está inserido, sua forma de se comunicar pode ser estigmatizada ou prestigiada. Sendo assim, além de fatores históricos, os componentes cognoscitivos, afetivos e emocionais, os quais estão ligados à forma de pensar, sentir e avaliar, são determinantes para que uma variedade linguística se mantenha ou não. Compreender, portanto, o processo de imigração dos italianos e de migração dos descendentes desta etnia até chegarem a Cascavel é relevante para que se possa entender como os fatores históricos influenciam nas crenças e atitudes da comunidade italiana de frente sulista neste município. Além disso, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) vinculam as atitudes linguísticas também aos fatores sociais idade e gênero. Sendo assim, com o objetivo de demonstrar o comportamento de alguns italodescendentes em Cascavel perante a língua e a cultura de seus antepassados foram selecionados 18 informantes, descendentes de italianos de colonização sulista e que moram nesta localidade há mais de 30 anos ou que nasceram nesse município, os quais foram distribuídos nas seguintes dimensões: diageracional e diassexual. A partir disso, foram realizadas entrevistas individuais, por meio da aplicação de um questionário semidirigido e os dados oportunizaram verificar o comportamento linguístico e cultural da comunidade de descendentes de italianos de frente sulista, ou seja, daqueles que vieram do Rio Grande do Sul e/ou de Santa Catarina. Constatamos que os níveis de bilinguismo variam dependendo de fatores sociais, como sexo e faixa etária, assim como de fatores históricos. A língua é uma das formas de expressão de uma cultura, no entanto, uma comunidade étnica não pressupõe a existência de uma comunidade de fala.

PALAVRAS-CHAVE: *talian*, cultura italiana, identidade étnica.

BELONI, Wânia Cristiane. **Uno studio sulla parlata e sulla cultura di italo-discendenti di Cascavel/PR**. 2015. p. 155. Tesi (Master in Lettere) - Programma Post Laurea in Lettere, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel, 2015.

RIASSUNTO

La conservazione e la preservazione di una varietà linguistica sono legate a questioni storiche che, a loro volta, indicano credenze e comportamenti di una comunità. A seconda del gruppo in cui il parlante è inserito il suo modo di comunicarsi può essere stigmatizzato o apprezzato. Per questo, oltre ai fattori storici, componenti affettive e emotive, connesse al modo di pensare, sentire e valutare, sono pure determinanti ai fini della permanenza di una varietà linguistica. Comprendere il processo di immigrazione degli italiani e di migrazione dei loro discendenti fino al loro arrivo a Cascavel è quindi rilevante per capire come i fattori storici influiscono su credenze e comportamenti della comunità italiana della colonizzazione del sud del Brasile in questo comune. Oltre a ciò, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) vincolano i comportamenti linguistici anche a fattori sociali come l'età e il genere. Così, allo scopo di dimostrare il comportamento di alcuni italo-discendenti di Cascavel nei confronti della lingua e della cultura dei loro antenati, sono stati selezionati 18 informanti, discendenti di italiani della colonizzazione del sud del Brasile, che abitano in questa località da più di 30 anni o che sono nati in questo comune, distribuiti, in funzione della ricerca, nelle seguenti dimensioni: diagenazionali e diasessuali. Su questa base, sono state realizzate interviste individuali mediante l'applicazione di un questionario semi-orientato e i dati hanno permesso di verificare il comportamento linguistico e culturale della comunità di discendenti di italiani della colonizzazione del sud, ossia di quelli che sono venuti dagli Stati del Rio Grande do Sul e/o di Santa Catarina. Abbiamo constatato che i livelli di bilinguismo cambiano a seconda dei fattori sociali, come sesso e fascia di età, e anche di fattori storici. La lingua è una delle forme di espressione di una cultura; tuttavia una comunità etnica non presuppone l'esistenza di una comunità di lingua.

PAROLE-CHIAVE: *talian*, cultura italiana, identità etnica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Mapa com a localização de grupos étnicos bilíngues do ALERS.....25
- Figura 2 - Migrações dos grupos descendentes italianos pela região Sul do Brasil..39
- Figura 3 - Mapa indicativo das regiões e províncias italianas de onde provieram os maiores contingentes de imigrantes italianos que povoaram o nordeste do Rio Grande do Sul57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dialetos trazidos pelos imigrantes italianos.....	58
Quadro 2 - Perfil dos informantes.....	76
Quadro 3 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária mais velha - GIII	95
Quadro 4 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária intermediária - GII.....	99
Quadro 5 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária mais jovem - GI	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DIVERSIDADE E CONTATO LINGUÍSTICO	17
1.1 Fatores de manutenção e regressão linguística	28
2 IMIGRAÇÃO ITALIANA E A COLONIZAÇÃO DE CASCAVEL: HISTÓRIA, LÍNGUA E IDENTIDADE	36
2.1 A formação cultural do Sul do Brasil: os italianos e a trajetória rumo ao Oeste paranaense	36
2.2 Identidade étnica.....	44
2.3 Variedades linguísticas do italiano falado no Sul do Brasil.....	54
3 MÉTODO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	65
3.1 A localidade	69
3.2 Perfil dos informantes	75
3.2.1 Dimensões sociais	77
3.3 Coleta e tratamento dos dados.....	79
4 UMA ANÁLISE DAS MARCAS DE IDENTIFICAÇÃO ENTRE ITALODESCENDENTES DE CASCAVEL/PR.....	86
4.1 Comportamento linguístico da comunidade	93
4.2 Percepções sobre movimentos de celebração da italianidade no município	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	131

ANEXO

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da observação de um grupo pertencente à comunidade de descendentes de italianos, vindos dos estados sulistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e que se instalaram em Cascavel, no Oeste paranaense, há mais de 30 anos.

Muitos desses descendentes fazem parte da história de colonização do município. A palavra “colonização”, segundo Balhana (2002, p. 266), é utilizada para designar “núcleos de povoamento e produção agrícola” e conseqüentemente o termo “colono” é referido neste trabalho com o mesmo sentido apresentado pela autora, que define colono como um “pequeno proprietário, ou seja, um lavrador independente”, ou seja, dando um sentido positivo e não negativo, como pode ocorrer popularmente.

O conceito de colonização, quando se faz referência ao Oeste do Paraná, decorrente da imigração para o Sul do Brasil, é diferente da colonização portuguesa que ocorreu no antigo sistema colonial. Conforme destaca Deitos (2004, p. 41), a colonização do Oeste paranaense “é decorrente daquela ocorrida por ocasião da crise do latifúndio escravocrata datada ainda no século XIX”, a qual, por sua vez, necessitava de mecanismos de sobrevivência dentro da nova ordem do imperialismo.

Heye e Vandressen (2006, p. 384) lembram que, com a independência do Brasil, no século XIX, e com as dificuldades geradas pelo tráfico negreiro, o governo abriu suas portas para a imigração europeia, para garantir a mão de obra na agricultura. O Brasil recebeu, então, em diferentes momentos de sua história, alemães, italianos, poloneses, ucranianos, russos, holandeses, gregos, húngaros, armênios, chineses, ladinos, ingleses, japoneses, libaneses, espanhóis, entre outros, para que pudessem colonizar diferentes regiões do Brasil, assim como oferecer a mão de obra necessária para a agricultura e para as indústrias.

Quando os imigrantes aqui chegaram, trazendo as línguas de imigração, o Brasil já era multiétnico, com contextos multilíngues. Destacamos que, antes mesmo da colonização portuguesa, que ocorreu no antigo sistema colonial, já existiam 180 línguas indígenas no território brasileiro.

Apesar de o Brasil ter como língua oficial a língua portuguesa, decretada na constituição de 1988, no Artigo 13, e, portanto, o país ser visto como monolíngue,

Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 20) observam que neste território nacional são faladas cerca de 210 línguas, sendo que dessas, 180 são indígenas e 30 de imigração.

Dentre outros estudos, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002) registra a presença de línguas europeias não-lusas, trazidas por seus imigrantes no início do século XIX: alemães, italianos, poloneses, japoneses, entre outros. Margotti (2004) salienta que o destino desses imigrantes foi, sobretudo, para regiões encobertas por florestas, inicialmente em diversas regiões, entre elas Rio Grande do Sul e Santa Catarina e que o processo de desbravamento se estendeu, no entanto, para outras regiões, como para o Paraná. No Oeste do Paraná esses imigrantes encontraram um ambiente favorável para a preservação e disseminação da língua e cultura dos antepassados, ainda que a variedade linguística italiana não seja mantida no dia a dia de muitos descendentes.

Em Cascavel/PR, ponto de realização da pesquisa, a preservação talvez seja muito mais evidente do que a manutenção. O primeiro termo, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), tem o objetivo, como o próprio vocábulo designa, de preservar, “de garantir a integridade e a perenidade de algo”, ou seja, de realizar ações com o intuito de salvar algo que não está sendo mantido naturalmente. O termo manutenção, por sua vez, segundo o Aurélio, é “um ato ou efeito de manter-se”. Observamos que a manutenção vai muito além, pois tem o propósito de evidenciar a posição e o estado em que se encontra algo, no caso, uma variedade linguística, a qual ocorre no dia a dia das pessoas. Assim, notamos que quando se tem a necessidade de preservar, de guardar algo, é porque não se utiliza mais determinado objeto. Por outro lado, se a língua é mantida, se está em uso, ela não precisa ser guardada, protegida e conservada.

Variedades linguísticas italianas, em Cascavel, destacam-se principalmente por atividades culturais e pela presença, seja pela manutenção seja pela preservação, do *talian*, falado em ambientes e ocasiões ainda que restritas, e também pela difusão do italiano padrão por meio do curso de graduação em Letras, com habilitação em Língua Italiana, da Unioeste.

Neste trabalho realizamos um recorte sobre esse panorama multicultural e multilinguístico. Considerando que há, no interior do grupo de descendentes de italianos, duas realidades distintas no que tange à manutenção da língua e da

cultura, em que alguns descendentes preservam o *talian* e outros buscam o conhecimento do italiano padrão, como língua estrangeira, assim como os conhecimentos culturais da Itália contemporânea, esta pesquisa busca descrever e estudar a manutenção e preservação ou regressão e abandono de variedades da língua italiana, para descrever e analisar como se configura e se projeta a realidade linguística e cultural da comunidade cascavelense. Os dados foram coletados nos meses de junho e julho de 2013, por intermédio do projeto de pesquisa “Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o *talian* e o português”, o qual já foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste, por meio da Plataforma Brasil, com o número de parecer 289.274, no início de junho de 2013.

Antes de compreender a influência da língua e da cultura italiana em Cascavel é preciso observar como esse grupo se organiza, quais são suas crenças e atitudes perante a língua de seus antepassados e perante a língua italiana padrão. De que forma a valorização, a manutenção e a preservação da língua e da cultura italiana manifestam-se no comportamento dos descendentes (distribuídos nas variáveis sexo e faixa etária) inqueridos neste trabalho?

Na tentativa de apresentar um panorama da cultura italiana, a partir dos princípios sociolinguísticos, em Cascavel/PR, esta pesquisa tem o **objetivo** de identificar, descrever e estudar o comportamento de alguns descendentes de italianos de frente sulista, que moram na localidade há mais de 30 anos ou que aqui nasceram, perante a língua e a cultura italianas. Para isso, os dados serão avaliados no interior das dimensões sexo e faixa etária, a fim de verificar se há diferenças de comportamento entre os descendentes mais jovens e mais velhos, assim como entre homens e mulheres.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Levantar por meio da aplicação do questionário semântico-lexical e de crenças e atitudes o comportamento linguístico de informantes italodescendentes de Cascavel, distribuídos nas dimensões diassexual e diagenérica;
- Selecionar os dados das respostas dos informantes que podem indicar o comportamento no que tange à manutenção, preservação ou abandono da língua e da cultura italiana em Cascavel/PR;
- Descrever as crenças, os estereótipos, as expectativas sociais (prestígio, ascensão), os juízos de valor e a consciência sociolinguística dos informantes sobre

a língua italiana padrão (ensinada como língua estrangeira) e a variedade minoritária (sendo o *talian*, na comunidade de Cascavel);

- Identificar os fatores históricos e as percepções de alguns italodescendentes sobre os movimentos de celebração étnica que contribuem para que se identifiquem como um grupo étnico.

A maioria dos italianos, ao chegarem ao Brasil, era monolíngue, falava o dialeto de sua região italiana de origem - Veneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige e Friuli Venezia Giulia - do Norte da Itália. Como quase 60% dos imigrantes italianos eram do Vêneto, foi o dialeto desta região que prevaleceu entre eles. “[...] a *koiné* resultante do contato entre os diferentes dialetos italianos e denominada de dialeto vêneto, vêneto riograndense ou *talian* foi uma língua franca, pois possibilitou a interação de imigrantes italianos advindos de diferentes regiões” (PERTILE, 2009, p. 32).

Surge, então, nesse contexto, uma nova língua que teve no início função de *koiné*², ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Com base no dialeto vêneto, as famílias italianas, em um novo contexto, em que se falava português, quando se tornaram bilíngues, acabaram transformando o dialeto vêneto. Este sofreu influências do português e assim se transformou em um novo modo de falar, chamado de *talian*, ou de *vêneto brasileiro*, o qual está presente, também, no Oeste do Paraná.

Para que se compreenda como uma língua se transforma e está presente em uma determinada comunidade, acompanhar a organização da sociedade, a partir da sua formação histórica e cultural, talvez seja relevante para identificar os elementos identitários que se acomodam na língua. Busse (2010, p. 20) avalia que a fala é catalisadora do comportamento dos grupos sociais e que as “interações estabelecidas com outros grupos em diferentes momentos da história” proporcionam os movimentos linguísticos. Para Margotti, a comunidade italiana é um dos grupos linguísticos mais relevantes de ocupação no Sul brasileiro: “o italiano assume uma posição de destaque, tanto pelo número de falantes quanto pela área ocupada e sua influência no contexto lingüístico e sociocultural brasileiro” (MARGOTTI, 2004, p. 1).

Com o intuito de melhor encadear e organizar as discussões, organizamos o trabalho em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos a discussão sobre contatos

² “[...] um *koiné* é uma forma de falar [...] compartilhada por pessoas de diferentes vernáculos” (WARDHAUGH apud MONTEIRO, 2000, p. 46).

e mudança linguística a partir dos estudos de Bright (1974), Fishman (1974), Monteiro (2000), Margotti (2004), Faraco (2005), Raso, Mello e Altenhofen (2011), Frosi e Raso (2011). Ainda nesse capítulo, expomos algumas questões sobre os fatores que contribuem para a manutenção e/ou abandono linguístico, tais como os níveis de bilinguismo e as crenças e atitudes com base nas pesquisas de Lambert e Lambert (1972), Silva-Corvalán (1989), López Morales (1993) e Faraco (2005).

No segundo capítulo apresentamos o trajeto histórico dos imigrantes italianos que chegaram ao Sul do Brasil e dos descendentes de italianos ao Oeste paranaense, a partir de Mioranza (1990), Piaia (2004; 2013), Gregory (2008) e Frosi (2009). Ainda nessa parte do trabalho propomos reflexões sobre a identidade étnica de um grupo, sua relação com a língua e com outras noções ligadas à etnicidade. A identidade étnica dos italo-descendentes de Cascavel/PR pode ser expressa por meio do comportamento do grupo, seja por movimentos e ações sociais, como festas, grupos de dança, de música e associações, seja pela gastronomia, religião, entre outras ações, assim como pela língua que falam. Nesse sentido, discutimos sobre a variedade linguística italiana falada no Sul do Brasil, chamada pela comunidade italiana sul-brasileira de *talian*.

No terceiro capítulo, descrevemos a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, com base em Labov (2008) e Tarallo (2005). Com o objetivo de estudar e analisar o comportamento de italo-descendentes em Cascavel frente à língua e cultura de seus antepassados foram entrevistados 18 descendentes italianos da área urbana, sendo três homens e três mulheres dentro de cada faixa etária estabelecida: GI (20 a 40 anos), GII (40 a 60 anos) e GIII (mais de 60 anos).

No quarto capítulo, apresentamos os resultados obtidos por meio da análise qualitativa dos dados coletados na pesquisa de campo, interpretados e relacionados a fatores históricos, geográficos e linguísticos.

Nas considerações finais propomos uma reflexão sobre a análise desenvolvida. Apresentamos conclusões em relação ao comportamento linguístico e algumas percepções sobre as crenças e atitudes dos italo-descendentes que residem em Cascavel/PR, sobre os movimentos de celebração étnica na cidade.

1 DIVERSIDADE E CONTATO LINGUÍSTICO

A língua não é apenas uma forma de comunicação, mas também de expressão comportamental de um grupo, que pode ser descrita como o espelho da sociedade, pois ela muda e se diversifica seguindo e acompanhando as mudanças da comunidade. Essas transformações ocorrem constantemente a partir de variáveis sociais, culturais, econômicas e psicológicas. Conforme destaca Krug (2004, p. 3), a intenção comunicativa vai além da interpretação da mensagem. Para ele, um falante bilíngue pode se comunicar e moldar sua identidade perante o outro, pois ao “comunicar o falante bilíngue transmite não apenas mensagens, mas também valores e julgamentos”.

Para Monteiro (2000), a língua reflete a organização de uma sociedade, pois:

[...] como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explicam os fenômenos de diversidade e até mesmo de mudança linguística, conforme Labov tem insistido. E, inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta. É o caso então de examinarmos, com mais vagar, até que ponto a sociedade é condicionada pela língua e, vice-versa, em que medida a língua é condicionada pela sociedade (MONTEIRO, 2000, p. 16-17).

O autor explica ainda que os pensamentos e as atitudes de um povo dependem de sua história social, pois as pessoas estão condicionadas por sua história e pelo contexto em que se encontram inseridas. Fishman, com base na Sociologia da Linguagem, defende que as mudanças na língua ocorrem dependendo da situação:

Os membros de complexos sociais que compartilham um repertório linguístico devem saber (e sabem) quando mudar de uma variedade para outra. Uma categoria dessas mudanças é a conhecida como mudanças situacionais. Uma mudança de situação *pode* exigir uma mudança na variedade linguística (FISHMAN, 1974, p. 29).

Fishman observa, ainda, que as mudanças em uma língua decorrem de mudanças de situações. A língua se coloca, no interior dos estudos sociolinguísticos, como heterogênea, marcada pelas relações entre língua e sociedade. Para Cezario e Votre (2009, p. 141), a Sociolinguística é uma área que “estuda a língua em seu

uso real”, considerando a relação da língua estruturada com aspectos sociais e culturais. A língua é descrita, portanto, como autônoma, viva, não podendo ser estudada fora de seu contexto de uso.

Tanto a conduta frente à própria fala, quanto às atitudes e sentimentos frente ao falar do outro, são comportamentos que competem à Sociolinguística estudar. Entre os fatores de condicionamento da diversidade linguística, Bright (1974, p. 20) cita que há “diferença entre a maneira como as pessoas USAM as línguas e o que elas têm como CRENÇA sobre o seu próprio comportamento linguístico e o dos demais”. Sendo assim, o campo das Crenças e Atitudes Linguísticas vem ganhando destaque, por analisar as valorações de falantes a respeito da fala do outro e da própria fala.

Segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 20), atualmente há cerca de 5 a 10 mil línguas no mundo, “dependendo dos critérios pelos quais se defina uma língua”. No Brasil, falam-se cerca de 210 línguas, sendo que destas, 180 são indígenas e 30 de imigração. Vale lembrar ainda que há variações dentro de cada língua, os regionalismos, variações da língua padrão, os regioletos ou dialetos, variações da dimensão diatópica, assim como os socioletos, que variam conforme a dimensão diastrática, ou seja, de acordo com os diferentes estratos sociais.

Pinheiro (2014, p. 29), com base em Thun (1996) e Altenhofen (2013), observa que é comum a afirmação de que um dialeto seja uma variedade regional de uma determinada língua, pois os dialetólogos estudavam as variações linguísticas nas comunidades rurais para evidenciar as diferenças linguísticas de um lugar para outro. No entanto, a autora frisa que o emprego do termo dialeto nem sempre foi para designar apenas a variação diatópica, pois a língua é viva e está em constante mudança. Sendo assim, as línguas variam tanto no espaço geográfico (variação diatópica), como na forma de falar de uma classe social para outra (variação diastrática), de uma geração para outra (variação diageracional), de um gênero para outro (variação diagenérica), de acordo com a situação comunicativa (variação diafásica), entre outras maneiras.

A aproximação e a convivência entre duas ou mais comunidades de falas distintas fazem com que surjam novos processos de comunicação, considerando que a necessidade de se comunicar está em primeiro lugar. Assim, o bilinguismo e/ou o multilinguismo acabam vigorando e situações bidialetais diversificadas ocorrem.

O bilinguismo é determinado pelo contexto em que o indivíduo se encontra, pois é por meio do contato linguístico, da convivência de duas comunidades, que falantes de línguas diferentes se encontram e se comunicam. Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 177), bilinguismo corresponde ao “uso de duas línguas”, pois o multilinguismo seria o uso de três ou mais línguas pelo mesmo falante. Segundo a autora, “*El bilingüe puede ser miembro de una comunidad esencialmente monolingüe, o de una comunidad en la que se usan las dos lenguas a diario y de manera estable*”.³

No entanto, um indivíduo que apenas entende outro idioma pode ser considerado bilíngue? Esse assunto é complexo e há disparidades entre as conceituações dos autores, pois alguns acreditam que bilíngue seja apenas aquela pessoa que fala e entende, no mesmo nível, ambas as línguas.

Barretto (2009) explica que o bilinguismo é determinado pelo contexto em que o indivíduo se encontra, sendo “um fenômeno relativo; uma condição particular, identificada pelo contexto e forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção e abandono das mesmas” (BARRETTO, 2009, p. 121). A autora esclarece que o indivíduo, ao se apropriar de dois códigos diferentes, os utiliza em um determinado contexto: familiar, social, escolar e profissional, dependendo das circunstâncias. Tendo essas circunstâncias definidas, Silva-Corvalán (1989, p. 178) define o processo como *diglossia*:

*Si los dominios de uso de cada una de las lenguas están claramente delimitados, por ejemplo lengua A se usa en el hogar y con los amigos más íntimos, lengua B se usa en todos los demás dominios (escuela, trabajo, lugares públicos, etc.), nos encontramos con una situación de diglosia.*⁴

A definição de *diglossia*, no entanto, não se encaixa quando se trata de duas línguas oficiais, sendo nesse caso, apenas um caso de nação bilíngue.

Alguns estudiosos consideram que bilíngue é tanto aquele que tem um domínio mínimo como aquele que tem um domínio alto de outra língua, além de sua

³ O bilíngue pode ser membro de uma comunidade essencialmente monolíngue, ou de uma comunidade que se usam duas línguas diariamente e de maneira estável (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 177, tradução nossa).

⁴ Se os domínios de uso de cada uma das línguas estão claramente delimitados, por exemplo língua A se usa no lar e com os amigos mais íntimos, língua B se usa em todos os demais domínios (escola, trabalho, lugares públicos, etc.), nos encontramos em uma situação de diglossia (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 178, tradução nossa).

materna. Marcelino (2009, p. 3) explica que a definição de bilíngue não parece ter consenso, pois a maior parte dos bilíngues e monolíngues acredita que “ser bilíngue” está associado a crescer falando duas línguas, ou ser falante nativo de duas línguas.

Wei (2000), por exemplo, apresenta 37 tipos diferentes de bilíngues. Todos os tipos possíveis de bilíngues, porém, podem ser classificados com base em uma diferenciação pautada na aquisição: simultânea e consecutiva.

A aquisição simultânea pode ser chamada também de aquisição na infância, aquisição precoce e a aquisição consecutiva, de aquisição tardia, aquisição sucessiva (MARCELINO, 2009, p. 5-6).

Para Macnamara (1966), um bilíngue é alguém que possui ao menos uma das habilidades (fala, compreensão auditiva, leitura ou escrita), mesmo que em grau mínimo (MARCELINO, 2009, p. 5). Já para Grosjean (1985, 1997), um indivíduo bilíngue não é a soma de dois monolíngues, pois ele usa cada uma de suas línguas com diferentes contextos, objetivos e com interlocutores diferentes. Zimmer, Finger e Scherer também especificam que seria incoerente exigir o mesmo nível de proficiência em ambas as variedades linguísticas que um bilíngue domina. Conforme destaca o autor, “Isso significa dizer que é praticamente impossível atingir-se uma proficiência total em duas ou mais línguas, considerando-se as quatro habilidades” (ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008, p. 4), pois muitos bilíngues podem não saber escrever, mas saber ler, podem não saber falar, mas sabem ouvir e compreender, por exemplo.

Confortin (1996) apresenta três correntes para as definições de bilinguismo:

- 1) os que consideram ser bilíngue somente o falante que domine, em igual nível e com igual competência, dois sistemas linguísticos. Situamos nesta corrente, Mattoso Câmara (1968, p. 70) que define o ‘bilinguismo como a capacidade de um indivíduo de usar duas línguas distintas como se ambas fossem sua língua materna, optando por uma ou outra de acordo com a situação social em que estivesse no momento de fala’; Bloonfield (1993, p. 56), para quem há bilinguismo quando um falante tem um controle nativo das duas línguas;
- 2) os que consideram haver bilinguismo mesmo quando o falante não domine as duas línguas com igual desempenho, estando uma delas, geralmente a materna, em posição de dominância. Incluímos entre eles Halliday (1974, p. 101), que afirma: ‘há bilinguismo sempre que o falante de uma língua materna utilizar um segundo sistema linguístico, embora o domínio da segunda língua não seja completo’;
- 3) os que consideram ser bilíngue o indivíduo que domina duas línguas, não importando o grau de competência atingido em cada

uma delas ou as habilidades envolvidas no seu uso. Situamos neste grupo Weinreich (1953), para quem ‘bilinguismo é a prática alternada do uso de duas línguas’ e Lanchec (1977) que o define como ‘a qualidade de uma pessoa que fala e compreende duas línguas’ (CONFORTIN, 1996, p. 573).

A terceira corrente é a mais adequada à realidade dos informantes desta pesquisa, pois entre eles serão encontrados diferentes níveis de bilinguismo. Compreender a situação de fala de cada grupo é importante para confirmar as análises sobre a manutenção e o abandono da língua italiana na comunidade investigada.

A partir do contato linguístico, as línguas encontram elementos para mudarem e se manterem em uso. No entanto, a comunidade em contato pode adotar ou não as inovações, preservar ou não uma variedade. Essas atitudes dependem de fatores linguísticos e extralinguísticos, os quais são, para Silva-Corvalán (1989), atitudes subjetivas dos falantes bilíngues e de toda essa comunidade, tanto em relação à língua como em relação à cultura da comunidade em que se está em contato.

Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 170), *“El contacto lingüístico es en verdad una expresión más del contacto cultural y la transferencia refleja un proceso de difusión cultural o aculturación. Es en situaciones donde dos culturas se hallan en contacto directo en una misma área”*.⁵

No interior do bilinguismo surgem, no início do século XX, os termos *superestrato*⁶, *adstrato*⁷ e *substrato*⁸, designados pelos linguístas para explicar as diversas formas de contato entre as línguas. Faraco (2005, p. 68-69) explica que *substrato* é uma língua “que uma população utilizava e que, por várias razões (por exemplo, sua invasão e conquista por outra população), é abandonada e substituída

⁵ O contato linguístico é na verdade uma expressão mais do contato cultural e a transferência reflete um processo de difusão cultural ou de aculturação. São em situações onde duas culturas se encontram em contato direto em uma mesma área (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 170, tradução nossa).

⁶ “designa-se superestrato a língua, introduzida na área de outra, mas sem substituí-la, podendo com o tempo vir a desaparecer. Um exemplo tradicional de superestrato são as línguas germânicas dos povos que invadiram o império romano. Esses povos posteriormente adotaram o latim como língua” (FARACO, 2005, p. 69).

⁷ “designa-se adstrato uma língua falada num território contíguo àquele em que se fala a língua tomada como referência” (FARACO, 2005, p. 69), ou seja, é uma língua falada paralelamente.

⁸ “designa-se substrato a língua que uma população utilizava e que, por várias razões (por exemplo, sua invasão e conquista por outra população), é abandonada e substituída por outra. Um exemplo tradicional de substrato é a língua celta falada antes da ocupação romana nos territórios que hoje constituem a França, e que foi substituída pelo latim” (FARACO, 2005, p. 68-69).

por outra”. Neste contexto, podemos comparar o português imposto pelos portugueses quando descobriram o Brasil e impuseram seu idioma aos índios.

O *superestrato* é uma língua que acaba sendo introduzida em uma área em que se fala outra língua, mas que não a substitui. Faraco (2005) explica que esta língua pode com o tempo desaparecer. Já o termo *adstrato* é designado para “uma língua falada num território contíguo àquele em que se fala a língua tomada como referência” (FARACO, 2005, p. 69), ou seja, é uma língua falada paralelamente, como o guarani no Paraguai, que é falado paralelamente ao espanhol. Quando pensamos, no entanto, nas línguas alemã e italiana, por exemplo, compreendemos que no início elas tinham características de *superestrato*, depois de *adstrato*, pois eram faladas paralelamente ao português, mas com o tempo, conforme os falantes descendentes de europeus foram entrando em contato com o português, suas línguas passaram a ser *substratos*, ou seja, substituídas pelo português.

Os contatos linguísticos geram novas formas de falar, novas maneiras de se comunicar e, por isso, indivíduos de diferentes línguas acabam criando uma língua em comum, uma forma de comunicação entre eles. Calvet (2002) observa que as formas que designam as línguas, como dialetos e patoás, por exemplo, também são carregadas de estereótipos:

Esses estereótipos não se referem a línguas diferentes apenas, mas também às variantes geográficas das línguas, frequentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores. Desse modo, a divisão das formas linguísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa. À língua corresponde uma comunidade “civilizada”, aos dialetos e aos patoás, comunidades de “selvagens”, os primeiros agrupados em povos ou em nações, os segundos, em tribos. E se utiliza todo um leque de qualificativos, *dialeto*, *jargão*, *algaravia*, *patoás*, para significar em que baixa conta se tem certo modo de falar (CALVET, 2002, p. 59-60).

Essa crítica, portanto, mostra que as variedades devem ser vistas pelos sociolinguístas no mesmo nível, com um olhar sem preconceitos.

Não foi a chegada dos portugueses, em 1500, ao território brasileiro, que definiu a complexa realidade linguística nas terras brasileiras. Vale lembrar que nas terras onde está o Brasil hoje já estavam os ameríndios com suas línguas indígenas. Assim, o português brasileiro vernáculo tem como base o português do colonizador

de Portugal com diversos insumos de línguas indígenas, autóctones, e das línguas alóctones, africanas.

Além do tripé definido por Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 36), como “branco (luso)-índio-negro (africano)”, o Brasil teve mais insumos linguísticos no século XIX e na primeira metade do século XX com a vinda dos imigrantes europeus e asiáticos, que enxertaram a língua portuguesa brasileira, principalmente, na região Sul do país.

Trata-se, no caso, de línguas/variedades originárias de fora do país (por isso, alóctones), que foram trazidas ao Brasil por diferentes grupos de imigrantes, a partir da primeira metade do século XIX (alemães, a partir de 1824; italianos, de 1875 em diante; poloneses, iniciando em 1891, no Rio Grande do Sul; japoneses, em 1905, dentre muitos outros). O contato com outras variedades linguísticas, entre as quais, sobretudo, a língua oficial, o português, e o plurilinguismo decorrente desse contato surgem como resultado natural da *transposição* de um contexto sociocultural e político a outro (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 37-38).

A partir desse mosaico de línguas e culturas é que o português brasileiro se atualizou e inovou. Com este cenário o imigrante, inicialmente monolíngue, teve que conviver e se comunicar com os falantes monolíngues nativos do português brasileiro, por motivos de saúde, comércio, direito, turismo, religião, escolarização ou outros.

Na região Sul do Brasil podemos encontrar comunidades que se caracterizam pelo contato linguístico de fronteira com países *hispano-hablantes*. Portanto, o cenário sul-brasileiro pode ser definido como um laboratório étnico e linguístico.

Altenhofen (2005, p. 87) chama atenção para o fato de o Brasil ser considerado “monolíngue”, apesar de toda diversidade linguística aqui presente:

Sem dúvida, a imagem do Brasil como um enorme país “monolíngue”, dominado pelo português em toda a sua extensão, de proporções continentais, e – o que é mais incrível! – de uma forma “tão homogênea”, tem contribuído em maior ou menor grau, para ofuscar a presença de populações e áreas bilíngues oriundas da imigração. A ideia de “um Brasil com uma única língua” parece tão forte, que mesmo o falante bilíngue, membro de uma comunidade bilíngue, onde convivem lado a lado com o português uma ou mais línguas de adstrato, é capaz de rotular nosso país de “monolíngue”, não enxergando diante do seu nariz a prova cabal de seu equívoco.

O autor explica ainda que isto se deu, talvez, pelo fato de que, na época das guerras mundiais, falar português era condição inerente para ser brasileiro e que por isso, o ensino do português era sinônimo de civilidade.

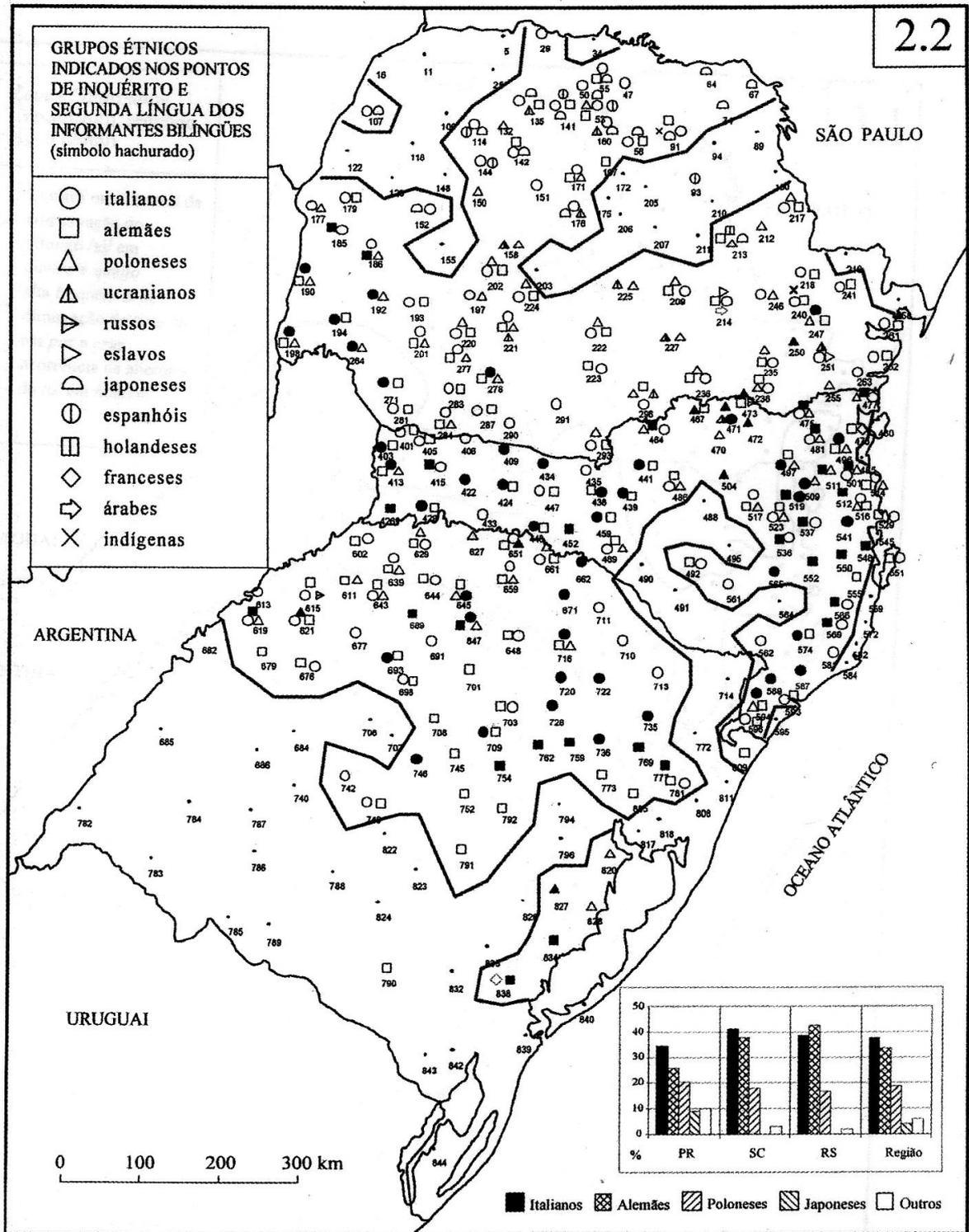
Von Borstel (2011) lembra que os imigrantes que se dirigiram ao Brasil tinham dificuldades de escrever e falar o português. Diante dessa dificuldade, entre os anos de 1930 e 1945, com o governo Getúlio Vargas e devido aos conflitos políticos, ocorreu a proibição de línguas autóctones. O ato político fez com que imigrantes e descendentes de europeus aprendessem a se comunicar em português, o que originou e/ou reforçou a estigmatização sobre os modos de falar “gringos”.

Segundo Altenhofen (2005), o bilinguismo no Sul do Brasil

[...] constitui uma das características mais marcantes, senão a mais significativa, da paisagem linguística do sul do Brasil. Ao analisar o mapa 2.2 em anexo, que cartografa a segunda língua dos informantes do ALERS, tem-se uma visão global aproximada da área de abrangência do bilinguismo na região sul do Brasil e que na verdade pode ser bem maior, se considerarmos a mera presença de grupos de imigrantes diversos (ALTENHOFEN, 2005, p. 194).

A seguir, no mapa que registra a colonização estrangeira no Sul do Brasil, destacamos a presença de grupos étnicos em toda a região Sul do Brasil.

Figura 1 - Mapa com a localização de grupos étnicos bilíngues do ALERS



Fonte: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN, 2002).

Conforme podemos observar, os três estados sulistas registram uma grande área de contato linguístico com o português e de bilinguismo. Nessa realidade, encontra-se o Oeste do Paraná, e Cascavel, no ponto 193, que concentra um

grande número de descendentes alemães e italianos. Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 40) comparam os números de imigrantes e de falantes alemães com os italianos:

[...] o número de imigrantes italianos supera de longe o de alemães, de outro lado, estes começaram a entrar no país bem mais cedo, a partir de 1824, em sucessivas levas, portanto, 50 anos antes dos italianos, que iniciaram a imigração em 1875. Considerando um número médio, nessa época, de 10 filhos por família e a idade de contrair matrimônio, pode-se hipotetizar que o número de descendentes de imigrantes alemães ao final do século XIX já devia ter se multiplicado em 10 vezes duas gerações. Isso explica por que, no censo de 1940, a língua alemã (aqui englobando todas as suas variedades – Hunsrückisch, pomerano, vestfaliano ou sapato-de-pau, Plautdietsch menonita, suábio, bávaro ou boêmio [bimsch]) aparece com 644.458 falantes, como “a língua estrangeira mais falada no Brasil”, seguida pelo número de 458.054 falantes de italiano.

Ao lado dos alemães, o italiano é um dos grupos linguísticos mais relevantes de ocupação no Sul brasileiro: “o italiano assume uma posição de destaque, tanto pelo número de falantes quanto pela área ocupada e sua influência no contexto linguístico e sociocultural brasileiro” (MARGOTTI, 2004, p. 1).

Altenhofen e Margotti (2011) explicam que, essas línguas diferentes, vindas de fora, são chamadas também de língua de imigração, denominadas, por isso, de *língua alóctone*, pois, muitas vezes, a matriz de origem se encontra tão distante que dificulta o reencontro, “apesar das novas tecnologias”. Eles afirmam, ainda, que as línguas de imigração possuem falantes descendentes de quinta ou sexta geração e que “Seu processo de ‘adaptação’ ao novo meio guarda uma longa história em solo brasileiro” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290).

Os autores esclarecem também que as línguas de imigração compartilham um *status* de língua minoritária, em relação à língua oficial, e que numericamente há cerca de 30 línguas de imigração no Brasil.

Dentre as pouco mais de 30 línguas de imigração faladas no Brasil, o alemão e o italiano sobressaem-se tanto pela presença numérica de seus falantes (dimensão demográfica), quanto pela área geográfica onde é possível registrar a sua presença (dimensão diatópica). Ambas as línguas ocorrem prioritariamente como variedades dialetais fortemente modificadas pela história social do meio brasileiro e pelos diversos contatos lingüísticos, sobretudo com o português e com outras variedades dessas línguas. Com resultado do contato intralingual e interdialetoal, envolvendo as variedades

dialetais dessas línguas, oriundas de áreas distintas na matriz europeia, costuma-se reconhecer, em ambos os casos, a existência de uma coine específica, no caso do alemão o Hunsrückisch e, no caso do italiano, o “talian” ou vêneto brasileiro (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 305).

Os autores lembram que, muitas vezes, o português, em contato com o alemão e o italiano apresenta traços linguísticos muitas vezes estigmatizados pela escola.

Hoje, com a globalização, o contato com línguas autóctones é mais frequente. Conforme destacam Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 20), o bilinguismo acabou tomando certo prestígio e a língua padrão, ou seja, a variedade oficial, principalmente:

Em um mundo globalizado, os contatos são cada vez mais frequentes e menos dependentes da presença física, o que gera uma competição cada vez maior entre as línguas e, conseqüentemente, um risco de perda de prestígio e até de morte de um número cada vez maior de línguas.

A mortandade linguística sempre esteve presente entre as línguas, pois para que novas formas de falar surjam, outras acabam sendo esquecidas e abandonadas, como López Morales (1993, p. 175) explica:

En los casos anteriores dos o más lenguas en contacto se influyen mutuamente, bien para dar origen a una tercera [...], bien dando lugar a préstamos, a interferencias o a convergencias (las alternancias de códigos en el mismo discurso no alteran ninguna de las lenguas en cuestión). Cuando se produce la mortandad lingüística, una de las variedades en contacto se debilita hasta desaparecer; el contexto comunicativo bilingüe se vuelve monolingüe.⁹

Sendo assim, a mortandade linguística percorre o caminho inverso das variedades linguísticas que se inovam e surgem, chamadas de crioulas, patoás e *pidgins*. Enquanto estas ganham novos termos e novas possibilidades gramaticais, as línguas que morrem perdem vocábulos e não são inovadas.

⁹ Nos casos anteriores, duas ou mais línguas em contato se influenciam mutuamente, tanto para dar origem a uma terceira [...], como para dar lugar a empréstimos, a interferências ou a convergências (as alternâncias de códigos no mesmo discurso não alteram nenhuma das línguas em questão). Quando se produz a mortandade linguística, uma das variedades em contato se debilita até desaparecer; o contexto comunicativo bilíngüe se torna monolíngüe (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 175, tradução nossa).

Concluimos, portanto, que as línguas, ao entrarem em contato, colocam os indivíduos em processos de bilinguismo ou plurilinguismo, e que esses contatos geram uma nova variedade linguística, assim como mortandades. O abandono de uma variedade linguística pode ocorrer por influência de diversos fatores, tais como o nível de bilinguismo dos falantes de uma comunidade, o qual, por sua vez, ocorre por pressões psicológicas, geradas pelas crenças positivas ou negativas de uma comunidade de fala.

1.1 Fatores de manutenção e regressão linguística

Quando uma variedade linguística está em contato com outras formas de falar, esta sofre mudanças, alterações, empréstimos, alternâncias e pode, ainda, com o tempo, ser preservada ou abandonada.

Com base na heterogeneidade linguística, condicionada por fatores externos sociais e internos da língua, Faraco defende que a avaliação social é o que define a permanência de uma variante. O autor explica, ainda, que grupos de falantes podem avaliar positivamente ou estigmatizar uma língua e isso fará com que este grupo adote ou rejeite uma determinada variedade. Para o autor, os principais fatores sociais que influenciam a mudança linguística são: “grupos socioeconômicos, idade, sexo, etnia, localização espacial (cidade x campo)” (FARACO, 2005, p. 194-195).

As variações são, normalmente, tachadas de erradas, incorretas e impróprias. Tarallo (2005) explica que as variações, ou seja, as formas não padrão, são estigmatizadas:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade (TARALLO, 2005, p. 11-12).

O que diferencia, portanto, as variedades linguísticas da língua padrão, também chamada de *standard*, é que a última goza de prestígio entre os falantes e a sociedade. Conforme destaca Faraco (2005), esses juízos de valor recaem sobre os falantes da classe estigmatizada. No entanto, o autor chama atenção para aquelas

pequenas comunidades que se utilizam da diversidade como marca de grupo: “uma comunidade (principalmente quando pequena e com a rede de relações internas bastante firmes) pode desencadear um processo de mudança para marcar sua diferença em relação a grupos de falantes de outras áreas” (FARACO, 2005, p. 28). Nesses casos, a mudança linguística está relacionada, também, ao jogo de valores sociais do grupo.

Calvet (2002, p. 57) observa que existe “todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”, que influenciam no comportamento linguístico de uma comunidade de fala.

Sendo assim, o nível de bilinguismo de um falante e de um grupo é influenciado pelas crenças e atitudes linguísticas, as quais são influenciadas pelos juízos de valor da sociedade sobre este grupo. Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 23) definem atitude como “uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico”. Para os autores, as atitudes são motivadas por efeitos psicológicos.

Bisnoto destaca que “há que se considerar os fatores psicológicos, socioculturais e políticos que desencadeiam as atitudes dos falantes perante sua própria língua e a língua do outro” (BISINOTO, 2007, p. 23). Para a autora, portanto, as avaliações positivas e negativas dos falantes têm a propriedade de dar prestígio ou desprestígio às formas linguísticas.

As atitudes linguísticas de um grupo estão relacionadas a fatores cognoscitivos, afetivos e emocionais. López Morales (1993, p. 233) evidencia que vários autores consideram esses três componentes:

el cognoscitivo, en el que incluye las percepciones, las creencias y los estereotipos presentes en el individuo; el afectivo, referido a emociones y sentimientos, y el de comportamiento, que se describe como la tendencia a actuar y a reaccionar de cierta manera con respecto al objeto (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233).¹⁰

¹⁰ o cognoscitivo, no qual inclui as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo, referido à emoções e sentimentos, e o de comportamento, que se descreve como a tendência a atuar e a reacionar de certa maneira com respeito ao objeto (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233, tradução nossa).

Esses três componentes têm sido citados por diversos autores que seguem a linha mentalista e que entendem a atitude como um estado interno do indivíduo. Moreno-Fernández (1998, p. 182) diferencia os dois pontos de vista afirmando que:

Como han indicado diversos autores – Ralph Fasold, por ejemplo -, las actitudes lingüísticas han sido estudiadas desde dos puntos de vista: uno mentalista, de naturaleza, psicosociológica, y otro conductista. La concepción conductista interpreta la actitud como una conducta, como una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolingüísticas determinadas. Desde un punto de vista mentalista, la actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolingüísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermedia entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual.

Dessa forma, Moreno-Fernández cita os subcomponentes: *valoração* (*componente afetivo*), *saber* ou *crença* (*componente cognoscitivo*) e *conduta* (*componente conativo*), os quais servem como base para a interpretação mentalista da atitude.

As crenças e valores emocionais se desenvolvem na interação social. Desde crianças interagimos com o outro, com a família e com a comunidade e esse processo continua à medida que crescemos, “até o ponto em que passamos a conduzir-nos, a pensar, sentir e avaliar as coisas, mais ou menos, como o fazem todos os que nos cercam” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 15). Os autores lembram, ainda, que as pressões sobre um indivíduo variam de família para família, e de sociedade para sociedade. Eles afirmam que os componentes essenciais da atitude são:

os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Sendo assim, os psicólogos sociais apresentam três fatores da atitude: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções, e tendências de reação.

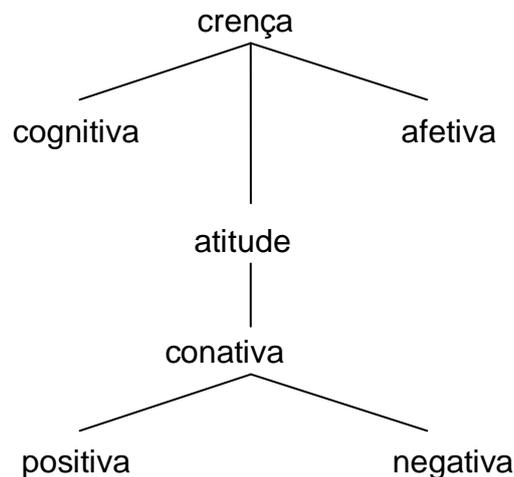
A Psicologia Social embasa as crenças e atitudes de um indivíduo. Pastorelli (2012, p. 249) explica que “o estudo da atitude foi introduzido na Psicologia

Experimental em fins do século XX e, em pouco tempo, passou a ser considerada como um dos conceitos centrais da Psicologia Social”. Além disso, não há como separar o comportamento humano da psicologia e o significado social das ações e posturas de um indivíduo.

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genêricamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 77-78).

O comportamento, no entanto, assim como as línguas, muda com o passar do tempo, pois as pessoas se renovam e são reconstruídas a cada dia. Kersch discorre sobre isso, ao afirmar que “as atitudes linguísticas, entretanto, não são constantes; assim como as línguas, elas mudam, porque, como aquelas, são aprendidas, socialmente coconstruídas na interação face a face” (KERSCH, 2011, p. 399).

As crenças envolvem cognição, afetividade, atitudes e tomadas de consciência. López Morales (1993, p. 235) ilustra as relações entre crenças e atitudes da seguinte forma:



Assim, crença, atitude e valores estão inter-relacionados. “As crenças podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social, e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, revelam uma tomada de posição” (PASTORELLI, 2012, p. 249), ou seja, mesmo que a atitude não seja concretizada em um comportamento de fato, ela

pode ser materializada em uma postura, em uma intenção, calcada nos fatores cognoscitivo e afetivo.

Lambert e Lambert (1972, p. 97) também falam sobre essas alterações de comportamentos. Eles explicam que as atitudes desenvolvidas em casa são certamente importantes e que essas resistem bastante à modificação, mas que elas podem ser alteradas dependendo das condições, como a sociedade em que a pessoa está inserida.

Segundo Von Borstel (2011), Weinreich foi quem iniciou os estudos sobre contatos entre línguas e que “direcionou seus estudos mais aos fenômenos de interferência e ou de transferências linguísticas que aparecem nas falas dos bilíngues como resultado de contatos interlinguísticos” (VON BORSTEL, 2011, p. 36).

Para Weinreich, a língua materna, aquela primeira adquirida, a primeira língua de socialização, também pode ser alvo de interferências proveniente da segunda língua adquirida. Confortin esclarece que isso se deve a fatores psicossociais:

A determinação da língua dominante de um bilíngue é uma tarefa complexa e nela devem ser levados em conta não somente aspectos linguísticos, mas, sobretudo, fatores psicossociais. A possibilidade de uma língua ser dominante num determinado momento da vida de um bilíngue, depende das circunstâncias numa situação particular ou da influência de uma língua (nacional) sobre, por exemplo, o dialeto dos (i)migrantes (CONFORTIN, 1996, p. 574).

Sendo assim, fatores psicológicos e sociais estão ligados ao bilinguismo, que por sua vez está ligado à postura do bilíngue frente às línguas. López Morales defende o fato de que as crenças e as atitudes afetam também a comunidade: “*Las creencias y las actitudes lingüísticas afectan, no sólo a fenómenos particulares y específicos, sino a lenguas extranjeras que viven o no en la misma comunidad de habla*” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 236)¹¹. Dessa forma, podemos concluir que, comunidade afeta indivíduo, assim como o indivíduo também age sobre a comunidade linguística.

Para López Morales, as formas de agir em relação a uma língua podem ser positivas ou negativas, mas nunca neutras. No entanto, quando se tem ausência,

¹¹ “As crenças e as atitudes linguísticas afetam, não apenas os fenômenos particulares e específicos, mas também a línguas estrangeiras que convivem o não na mesma comunidade de fala” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 236, tradução nossa).

temos também uma atitude, que é, talvez, a de não querer se comprometer, de se manifestar.

Tanto as crenças quanto às atitudes de um falante estão relacionadas ao preconceito linguístico que o falante enfrenta devido a sua forma de falar ou perante a fala do outro. Assim, Calvet (2002) define dois tipos de comportamento linguístico: a) conduta frente à própria fala e b) atitudes e sentimentos frente ao falar do outro. No primeiro modo de comportamento, o falante valoriza a sua própria fala ou tentará modificá-la, direcionando-se ao modelo de prestígio. No segundo caso, o falante poderá avaliar tanto positivamente quanto negativamente a fala do outro (CALVET, 2002).

Assim, a atitude pode ser negativa ou positiva. Silva-Poreli e Aguilera (2011, p. 94) observam que a eleição de uma língua é decorrente, muitas vezes, das crenças e atitudes dos falantes: “crenças e atitudes negativas podem levar ao abandono de uma língua e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento”. Busse (2010, p. 45) complementa e diz que “é necessário percorrer o caminho pelo qual uma forma alcançou determinado *status* no grupo para compreender o que aconteceu com aquelas que ficaram pelo caminho”, pois toda mudança é constituída por fatores internos, mas também externos.

Moreno-Fernández (1998, p. 179) acrescenta que:

as atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística que ocorrem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística ocorra mais rapidamente, e que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra. [...] Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e esquecimento de uma língua ou impedir a propagação de uma variante ou uma mudança linguística.

O autor diz, ainda, que a atitude linguística é uma forma de consciência sociolinguística e que os falantes podem forjar atitudes, pois eles têm consciência sobre os fatores linguísticos e sobre o preconceito que podem enfrentar. Nesse sentido, o preconceito, assim como a valorização de uma língua, pode ocorrer com base em crenças negativas ou positivas dos falantes perante suas próprias línguas ou à língua do outro.

Conforme destaca López-Morales, a escolha por uma determinada forma linguística A, frente à outra estigmatizada B, deve-se a dois fatos: pelo conhecimento

da existência de ambas as variedades e pela consciência sociolinguística, ou seja, o saber que a comunidade tem sobre determinadas formas linguísticas e sobre seus falantes. Para que haja consciência é preciso haver o parâmetro valorativo: “*el hablante se verá impedido de elegir si en su conciencia lingüística está presente sólo la forma B*” (LÓPEZ-MORALES, 1993, p. 205)¹². Portanto, segundo López-Morales, “*el reconocimiento de sociolectos es un reflejo del grado de conciencia lingüística del hablante y del grupo*” (LÓPEZ-MORALES, 1993, p. 206)¹³, ou seja, o falante terá consciência linguística apenas se ele conhecer e reconhecer que há diferenças nas formas linguísticas.

As crenças podem interferir nas atitudes, as quais podem influenciar sobre a interação linguística. Vale apontar que as crenças e atitudes podem ser divergentes, dependendo do contexto em que o falante está inserido, pois acreditamos que as crenças talvez possam ser definidas como: individuais, pois o falante tem suas convicções; sociais, pois as convicções individuais são formadas em contato com a sociedade; e flexíveis, pois podem mudar dependendo do contexto que o falante esteja inserido e das pressões sociais que pode sofrer. Sendo assim, as atitudes revelam as crenças do falante, suas origens, sua identidade étnica, assim como a qual grupo social ele está inserido.

O prestígio social que um grupo de falantes tem pode ser determinante para a estereotipação ou não de um falante. Labov (2008) revela que:

As perspectivas futuras desse estereótipo dependem da sorte do grupo com o qual ele está associado. Se o grupo se mover para a corrente dominante da sociedade, e receber respeito e proeminência, então a regra nova pode não ser corrigida mas, sim, incorporada ao dialeto dominante à custa de forma mais antiga. Se o grupo for excluído da corrente dominante da sociedade, ou se seu prestígio diminuir, a forma linguística ou regra será estigmatizada, corrigida e até mesmo extinta (LABOV, 2008, p. 367).

Dependendo da comunidade em que o falante está inserido, sua forma de se comunicar pode ser estigmatizada ou, ainda, ser prestigiada. Krug (2004, p. 8-9) salienta que “uma variedade minoritária pode ser, em determinado contexto ou comunidade, fortemente estigmatizada e, em outro, gozar de amplo prestígio, dada a

¹² “o falante se verá impedido de escolher se em sua consciência linguística está presente apenas a forma B” (LÓPEZ-MORALES, 1993, p. 205, tradução nossa).

¹³ “o reconhecimento de sociolectos é um reflexo do grau consciência linguística do falante e do grupo” (LÓPEZ-MORALES, 1993, p. 206, tradução nossa).

condição sócio-econômica de seus falantes”. Essa realidade também se aplica ao *talian* em Cascavel, que, diante do português, é uma língua minoritária, mas em outro contexto pode ser considerado majoritário ou concorrente, como em pequenas comunidades do Rio Grande do Sul, principalmente nos séculos anteriores.

Em relação à estigmatização e ao prestígio que uma variedade pode ter em determinado contexto, além de fatores cognoscitivos, afetivos e emocionais, os quais estão ligados à forma de pensar, sentir e avaliar, as atitudes de um falante podem ser determinadas, também, por questões socioeconômicas, considerando o prestígio e *status* de um grupo. Além disso, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 23) vinculam as atitudes linguísticas também a fatores sociais, como idade e gênero.

Outro fator, no entanto, que pode influenciar as crenças e atitudes de uma comunidade é o contexto em que este grupo está inserido. Compreender, portanto, o processo de imigração dos italianos e de migração dos descendentes de italianos até chegarem ao município cascavelense é relevante para que se possa entender como os fatores históricos influenciam nas crenças e atitudes da comunidade italiana de frente sulista em Cascavel.

2 IMIGRAÇÃO ITALIANA E A COLONIZAÇÃO DE CASCAVEL: HISTÓRIA, LÍNGUA E IDENTIDADE

Quando os imigrantes italianos decidiram vir ao Brasil, eles trouxeram consigo a própria cultura e o próprio modo de viver, na tentativa de reproduzir aqui a vida na Itália. As variedades linguísticas que falavam fazem parte desse aporte cultural presente ainda hoje em comunidades sulistas que registram a presença de descendentes de italianos. Nesse sentido, para compreender a existência do *talian* em Cascavel é necessário relembrar alguns movimentos históricos e linguísticos antes da chegada dos descendentes de italianos nesta localidade.

2.1 A formação cultural do Sul do Brasil: os italianos e a trajetória rumo ao Oeste paranaense

A Europa sofreu grandes transformações políticas, sociais e econômicas, a partir do início do século XIX, tanto por causa das unificações nacionais da Itália e da Alemanha, como por outras questões, tais como o crescimento do capitalismo. Esse contexto levou muitos grupos a migrarem para diversas regiões do mundo e os italianos foram os que mais emigraram, quando se pensa à proporção do país. Balhana (2003, p. 72) explica que de 1869 a 1970, partiram da Itália 20.830.000 emigrantes, dos quais 11.348.000 para países europeus e 9.482.000 para outros continentes. Apesar de a imigração italiana no Brasil ter tido como ápice o período entre 1880 e 1930, Balhana (2003) destaca que o país recebe imigrantes italianos desde 1836.

No período da grande imigração, entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, a chamada “febre da América” ou “sonho da América” foi o que também motivou os italianos a virem ao Brasil, segundo Gregory (2008). Para o autor, o desejo da conquista de terras vazias da América foi o que trouxe tantos italianos para o novo continente. Zanini (2006, p. 115) complementa ao dizer que na América os italianos tinham a oportunidade de se transformarem de *braccianti* (trabalhadores braçais) ou *contadini* (agricultores) em imigrantes e posteriormente em colonos italianos proprietários de terra¹⁴. Flores (1983, p. 99) completa ao dizer

¹⁴ Assim como Zanini, Balhana (2002, p. 266) define colono como um “pequeno proprietário, ou seja, um lavrador independente”.

que na Europa este era um sonho inatingível: “A posse da terra era um ideal inacessível para o proletário europeu, e por isso mesmo sinônimo de liberdade, auto-suficiência e realização pessoal”.

Outros fatores que influenciaram no processo de imigração foram: a suspensão do tráfico negreiro, na década de 1859, e, no século XX, o desenvolvimento dos meios de comunicação, das ferrovias e da navegação a vapor. Tudo isso, vinculado à pobreza e à falta de perspectivas, motivou o europeu a buscar novas oportunidades, novas terras e novos horizontes. Para Araújo e Cardoso (1987, p. 336-337), “os imigrantes veem na terra a possibilidade de concretização de um sonho que no lugar de origem tornou-se impossível pelas mesmas condições da expansão capitalista reproduzidas aqui em outros moldes”. Apesar de o capitalismo também ter chegado ao Brasil naquela época, nesta localidade, os colonos tinham o sonho concretizado em contornos físicos. Gregory (2008) diz, ainda, que o catolicismo, como um dos formadores de opinião, contribuiu para que o europeu não aceitasse outra forma de viver que não fosse aquela vinculada à vida natural do campo.¹⁵

Os imigrantes, vindos da Europa, em fins do século XIX e início do século XX, com destino aos estados do Sul do Brasil, na maioria das vezes desciam no Rio de Janeiro ou em Santos. Hutter lembra que tal viagem, para os portos do Sul, levava de dez a doze dias e que os imigrantes se defrontavam com diversas dificuldades, como com o transporte da bagagem na alfândega até os núcleos coloniais e que “mais tarde, vinham a enfrentar diversos problemas como os referentes a contratos com os fazendeiros, aos lotes dos núcleos coloniais ou a situações adversas nas indústrias” (HUTTER, 1987, p. 84). A autora observa que aqueles que se destinavam ao sul iriam trabalhar nos núcleos coloniais, nas terras vazias, e aqueles que se estabeleciam em São Paulo, por exemplo, trabalhariam nas fábricas e indústrias, principalmente.

Os italianos se instalaram no Rio Grande do Sul entre 1879 e 1886. Alguns relatórios consulares apresentam estimativas sobre o número de italianos no Brasil para determinados momentos. “Assim, em 1908 o número de italianos no Rio Grande do Sul era estimado em 100.000 pessoas, entre imigrantes e filhos já

¹⁵ Porém, é importante lembrar que, apesar de no início a agricultura ser a atividade predominante entre os imigrantes italianos, com a criação das colônias, surgiam artesãos, comerciantes, entre outros profissionais italianos (BALHANA, 2003, p. 111).

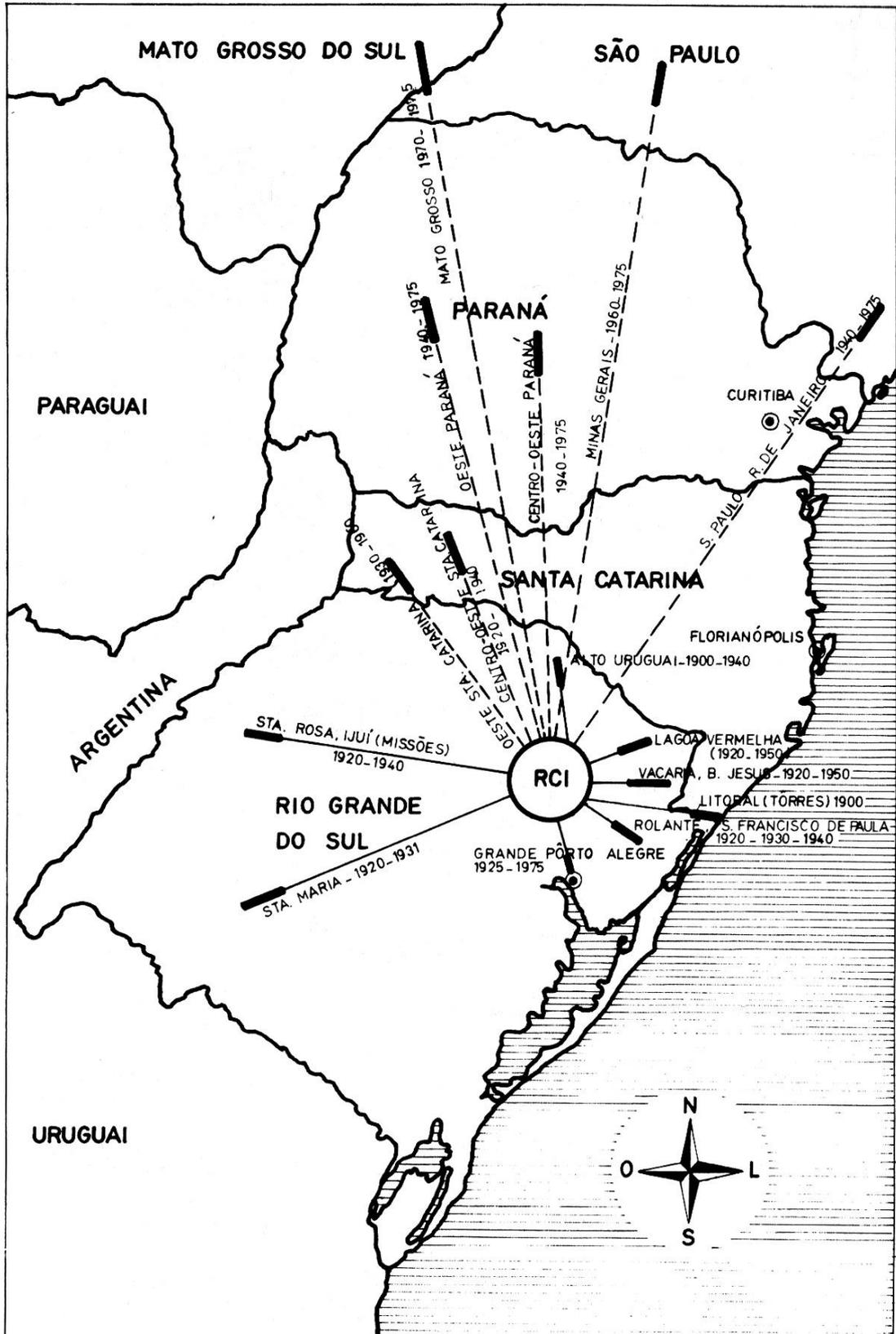
nascidos no Brasil” (BALHANA, 1987, p. 122). O autor conta, ainda, que no mesmo ano, em Santa Catarina, a estimativa era de 30 mil italianos e seus descendentes, no Paraná 18 mil, em Minas Gerais 25 mil e no Espírito Santo 50 mil.

Hutter esclarece que os imigrantes italianos foram encaminhados para as regiões montanhosas, onde predominava densa floresta, pois nos vales e planícies já estavam os alemães e os luso-brasileiros. “Fundados nessa região montanhosa, os núcleos coloniais Caxias, Conde d’Eu (atual Garibaldi), D^a Isabel (atual Bento Gonçalves) e Silveira Martins constituíram os principais focos de colonização italiana no Rio Grande do Sul” (HUTTER, 1987, p. 87). A partir de 1885, novos núcleos coloniais italianos foram criados: São Marcos (1885), Antônio Prado (1887), Jaguari (1889), Nova Prata, Nova Vicenza (1885/86), Encantado, Nova Milano, entre outras.

Os colonos começaram a deixar o estado do Rio Grande do Sul, com o esgotamento das terras destinadas à ocupação colonial. Giron e Corsetti (1990) explicam que apesar de muitos imigrantes terem terras, estas não eram suficientes para o sustento da família, que crescia com o tempo, a qual era o seu verdadeiro patrimônio. “Poucos deixaram parentes diretos para trás: tratava-se de preservar o grupo familiar, o que era mais importante que o local onde viviam ou poderiam viver” (GIRON; CORSETTI, 1990, p. 487).

As autoras esclarecem ainda que os imigrantes e descendentes de italianos eram pais de família e quando percebiam que as terras que possuíam não eram suficientes para que a família permanecesse unida, tomavam a atitude de buscar novas terras. Frosi e Mioranza (1983, p. 85) apresentam um mapa com os deslocamentos dos grupos pela região Sul do Brasil:

Figura 2 - Migrações dos grupos descendentes italianos pela região Sul do Brasil



Fonte: Frosi e Mioranza (1983, p. 85)

Com o esgotamento das terras na Região de Colonização Italiana (RCI), no norte do Rio Grande do Sul, a ocupação do Estado de Santa Catarina ocorreu por meio do processo migratório, nos dois últimos séculos (GREGORY, 2008). Hutter (1987, p. 88) diz que neste estado, os primeiros imigrantes italianos começaram a chegar “em maior número a partir da década de 70 do século XIX”. A partir de 1900, então, em algumas partes de Santa Catarina, houve uma superpopulação que motivou colonos a se deslocarem para outras regiões do estado catarinense, para o Rio Grande do Sul e para o Paraná.¹⁶ Deitos (2004, p. 46) salienta que o excedente de trabalhadores no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina provocou a colonização de frente sulista no Paraná e assim “a região oeste do Paraná passou a ser uma das áreas mais desejadas para a colonização”. Ele conta, ainda, que o fortalecimento da vinda dos colonos se deu nas décadas de 50, 60 e 70, do século XX, e que a identidade étnica da região é composta por italianos, alemães e poloneses.

Além da colonização de frente sulista, no Oeste do Paraná, Deitos (2004) esclarece, ainda, que há outras duas frentes, sendo que a primeira é a pioneira, também chamada de frente cabocla e que tem como marco a criação da Colônia Militar na fronteira, com sede em Foz do Iguaçu, e que “provocou a colonização no sentido leste-oeste”. Além da pioneira e da sulista, a outra frente, deslocada do norte do Paraná, é estimulada pela produção do café e provém dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e da região Nordeste. Assim, o autor conclui que o processo de colonização no Oeste do Paraná foi plural:

O Estado do Paraná, desde a década de 30 até os anos 70 do século XX, foi área de atração populacional. O auge da atração aconteceu nos anos 50, quando ainda existiam espaços não ocupados no norte do Estado e iniciava-se a ocupação da região oeste, processo que não durou mais do que 20 anos. Na década de 1970, o oeste do Paraná, bem como as demais regiões do Estado, tornaram-se áreas de expulsão populacional. O processo de colonização do oeste do Paraná é plural. Isso pode ser constatado tanto pelas várias frentes de colonização que se registram, bem como pelos mecanismos utilizados para tal, ora através de empresas colonizadoras, ora pela apropriação litigiosa de territórios. No espaço geográfico do oeste do Paraná percebe-se o entrecruzamento de três frentes de colonização, num período relativamente curto. A partir das décadas

¹⁶ Balhana (2003, p. 73) evidencia que em 1908 estimava-se que em Santa Catarina viviam 30 mil italianos (entre imigrantes e descendentes), no Paraná 18 mil, em Minas Gerais 25 mil e no Espírito Santo 50 mil. Dos 4,5 milhões de imigrantes italianos no Brasil no período da grande imigração, São Paulo contava com cerca de 2,5 milhões, ou seja, 55% dos imigrantes que chegaram ao país.

de 1940/50 intensifica-se a vinda de famílias colonizadoras para a região oeste (DEITOS, 2004, p. 46-47).

Nilceu afirma, ainda, que a colonização do Oeste paranaense iniciou de fato com a crise do sistema de obrages¹⁷. A intervenção das empresas colonizadoras que loteavam áreas para revender aos colonos foi também fundamental e os caboclos que aqui estiveram antes disso “assinalaram muitos dos locais que serão tomados posteriormente pela onda de imigração” (PIAIA, 2004, p. 64).

No final do século XIX, o Paraná era ainda apenas um ponto de passagem entre os interesses que ligavam São Paulo e Rio Grande do Sul. Os primeiros colonos chegaram às terras oeste, segundo Sperança (1992, p. 78), em 1920, sendo um grupo de 200 famílias de agricultores, predominantemente italianas e alemãs, que se instalaram na região de Santa Helena.

O papel das empresas colonizadoras foi fundamental para a ocupação do Oeste do Paraná. Gregory cita quais delas se destacaram na região:

[...] a Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A - MARIPÁ, a Pinho e Terras com as seções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes, Lopeí, a Industrial Agrícola Bento Gonçalves Ltda., a Colonizadora Gaúcha Ltda., a Colonizadora Matelândia Ltda., a Colonizadora Criciúma Ltda. Estas empresas foram criadas para se dedicarem à exploração da madeira, à mercantilização de terras, ao comércio e à indústria (GREGORY, 2008, p. 93).

As colonizadoras tiveram que investir nas áreas para estruturá-las e conseguir vendê-las. Apesar disso, o preço dos lotes na região era bem mais baixo do que os lotes gaúchos, um dos atrativos para os colonos que procuravam áreas para o desenvolvimento agrário.

A região foi colonizada por descendentes alemães e italianos, já que as colonizadoras almejavam estes colonos, vistos como ideais porque traziam consigo a experiência na criação de suínos, da fabricação da manteiga, do cultivo do feijão, entre outras culturas (PIAIA, 2004, p. 214). Schneider (2000) explicita que a vinda dos euro-brasileiros foi encarada como vantajosa para a região:

Considerar válidos somente os colonos euro-brasileiros, provenientes das colônias do Sul, descendentes em sua maioria de alemães e

¹⁷ Termo regional para denominar um lugar de corte e beneficiamento de madeiras próximo às margens de um rio.

italianos, com dedicação a cultivo e produção de bens, significava conferir a estes a capacidade de colaboração com o desenvolvimento e a integração do oeste paranaense ao restante da nação e aqueles que fugissem destas características representavam, de certo modo, ameaça ao controle do poder público e privado, da empresa colonizadora (SCHNEIDER, 2000, p. 102).

Para Schneider, essa identidade étnica tinha como objetivo facilitar a organização da colônia, pois se a comunidade fosse de uma mesma descendência, fácil seria fazer com que ela se identificasse (com língua e cultura) e ali permanecesse. “O apego aos elementos étnico-culturais e religiosos, tão bem reconhecidos pelos dirigentes da companhia Maripá, foram fatores que impulsionaram os migrantes em direção a um interesse comum” (SCHNEIDER, 2000, p. 105), e acabou superando alguns empecilhos para que a migração ocorresse.

No entanto, em Cascavel, a atuação das colonizadoras não foi tão intensa. A colonização foi mais independente, além de mista, pois outras etnias também tiveram e têm forte influência nesta localidade. Piaia (2013) evidencia que em Toledo a colonização foi planejada e em Cascavel não, pois nesta “o processo foi mais anárquico, nenhuma colonizadora teve supremacia no processo de formação do seu núcleo urbano, tampouco demonstrou influências consideráveis” (PIAIA, 2013, p. 112).

A colonização no Oeste do Paraná ocorreu somente no século XX e, por isso, pode ser definida como moderna. Até 1920, Cascavel ainda era uma vila, com poucos casebres, acanhadamente movimentada ainda por interesses ervateiros. A dificuldade para chegar até a localidade era grande, tendo os colonos que fazer uma viagem de ida e volta por outros estados brasileiros. Piaia (2013) explica, ainda, que, principalmente na fase pioneira, a influência econômica e política dos gaúchos foi determinante para a construção de uma identidade em Cascavel, assim como em Santa Catarina.

Tal identidade era reforçada pelos imigrantes catarinenses, que se consideravam herdeiros da cultura gaúcha, também os paranaenses compartilhavam desse referencial gaúcho, devido à intensa ligação que sempre houve entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, quer fosse pelas correntes migratórias internas da Região Sul, quer fosse pela vinda de imigrantes europeus desde o século XIX, que, espalhados entre os três estados sulistas, concederam seus temperos ao caldo étnico que tanto seria reverenciado (PIAIA, 2013, p. 113).

Portanto, compreender a influência italiana em Cascavel é entender como os colonos que se estabeleceram aqui enfrentaram e ainda lutam pela manutenção de suas fronteiras étnicas, pois a colonização desta cidade não foi tão homogênea como em outras cidades da região, pois as empresas colonizadoras não tiveram tanta influência e a cidade foi colonizada por diferentes etnias. Desta forma, observar o comportamento de alguns italodescendentes que se encontram nesta cidade perante a língua e a cultura de seus antepassados, talvez seja revelador e surpreendente, pois aqui, as colonizadoras não foram tão influentes e não conseguiram estabelecer a homogeneidade que almejavam.

Apesar de Cascavel não ter sido tão influenciada pelas regras estabelecidas pelas colonizadoras, com a intervenção do Estado, a cidade acabou atraindo também grupos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Capelesso, Scherer e Deitos (2010, p. 38) salientam que o ano de 1930 foi o marco inicial da cidade de Cascavel e que “O pequeno povoado em 1934 passou a Distrito Policial. No ano de 1938 passou a Distrito Administrativo. Em 1952 a Município e em 1954 a Comarca”.

Cascavel surgiu em um contexto confuso e de intrigas. Capelesso, Scherer e Deitos (2010, p. 38) falam sobre o desenvolvimento e o crescimento da área como algo não pacífico, pois políticos e amigos dos detentores do poder apossavam-se das terras, posseiros tomavam conta de terras e outros multiplicavam os títulos das terras, fazendo com que determinadas áreas tivessem mais de um dono. Por isso, para Piaia (2004), a expedição de colonizar a região Oeste paranaense não era realizada por homens de pouca fibra, pois, para ele, tal atitude exigia muita determinação e a ferro.

É interessante observar que entre os sete primeiros prefeitos de Cascavel, cinco gestões ficaram nas mãos de descendentes de italianos: José Neves Formighieri, que nasceu na cidade de Marcelino Ramos, uma antiga zona colonial do Rio Grande do Sul, foi o primeiro prefeito de Cascavel; o curitibano Octacílio Mion ocupou a terceira e a quinta gestão; Pedro Muffato, da cidade de Irati, no Paraná, o sexto prefeito; e Jacy Miguel Scanagatta, na sétima gestão. As outras duas gestões ficaram nas mãos de descendentes de alemães: Helbert Edvino Schwarz, na segunda gestão e Odilon Reinhardt, no quarto mandato.

Piaia (2013) apresenta, ainda, um gráfico a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1970 para apresentar a naturalidade

da população de Cascavel. A quantidade de paranaenses, naquele ano, nesta localidade, era de 49.767 pessoas. Em segundo lugar eram os riograndenses: 14.626. Em terceiro, de Santa Catarina: 13.819 e na sequência São Paulo, com 3.730, Minas Gerais, com 3.702, Espírito Santo, com 1.204 e de outros estados, 3.075. Piaia (2013, p. 121), no entanto, chama atenção para o fato de os paranaenses serem filhos de colonos e estes, “reproduzem valores e significados da vida social, dando continuidade às influências e saberes recebidos de seus pais”. É importante lembrar que, por sua vez, pais de muitos cascavelenses repassaram valores e saberes dos antepassados, imigrantes italianos que colonizaram a região do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

A comunidade de descendentes de imigrantes italianos de frente sulista em Cascavel não é pequena. Compreender até que ponto esta comunidade étnica partilha, ainda hoje, valores e significados, é entender se ainda existe uma “permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade” (PLUMMER, 1996, p. 369), ou seja, se ainda hoje essa comunidade se identifica, tanto em relação à língua, como à cultura.

Ao falar uma língua diferente da oficial, seja ela o *talian*, seja a língua italiana padrão, assim como ao preservar tradições folclóricas, uma comunidade pode buscar a manutenção de uma identidade étnica além da linha primordialista, ou seja, além da questão biológica e do sobrenome italiano.

2.2 Identidade étnica

Quando se fala em etnia, em etnicidade¹⁸, a ideia de descendência ou ancestralidade é a base comum, o que se vincula à noção de cultura e conseqüentemente de língua. Quando a descendência é referida, a “etnia” parece estar vinculada mais à questão biológica, como no viés primordialista de pesquisadores da identidade étnica. No entanto, ela pode ser observada de outra maneira, desvinculada da questão biológica e vinculada a fatores situacionistas e de sentimento grupal.

¹⁸ “É importante distinguir etnicidade de diferenciação racial. Enquanto esta última ocorre em termos de diferenças físicas que se acredita serem biologicamente herdadas, a diferenciação étnica se dá em termos de diferenças culturais que têm de ser aprendidas” (REX, 1996, p. 282). Apesar de um dos preceitos para fazer parte da comunidade italiana, por exemplo, é ser descendente e ter um sobrenome italiano, essa pesquisa não tem como objetivo abordar questões raciais, mas sim, étnicas.

Para Oro (1996), a identidade étnica pode ser observada de duas formas: “primordialista” e “situacionista”.

Para a ótica primordialista a identidade étnica constitui uma realidade inata, congênita, substancial, primordial, pois parte da definição de grupo étnico enquanto uma unidade cultural caracterizada por um certo número de traços objetivos, que são de ordem biológica, territorial, lingüística, econômica, cultural. [...] Para a segunda perspectiva, a situacionista, a identidade étnica se caracteriza por um sentimento de pertencimento grupal baseado na auto-atribuição e atribuição pelos outros (ORO 1996, p. 612).

O antropólogo social da Noruega, Frederik Barth, um dos que defendem a perspectiva situacionista, a qual será a base para esta pesquisa, define grupo étnico como formas de organização social: “Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional” (BARTH, 2011, p. 194). Um grupo, no entanto, tem suas regras e rituais. Bottomore (1996, p. 345) deixa claro que um grupo social é um agregado de seres humanos que se relacionam e se compreendem e que cada um, dentro do grupo, “tem consciência do próprio grupo e de seus símbolos”.

Desta forma, Barth também observa que para fazer parte de um grupo étnico é preciso enquadrar-se em uma série de restrições, desde o papel que a pessoa pode desempenhar, até sobre os parceiros com que ela pode se relacionar. “Melhor dizendo, considerada estatuto, a identidade étnica domina a maioria dos outros estatutos e define as constelações de estatutos ou personalidades sociais que um indivíduo com aquela identidade pode assumir” (BARTH, 2011, p. 198).

Para compreender essas restrições, basta observar o estudo de Machioski, que pesquisou sobre a autopreservação e a integração, verificando até que ponto, em um grupo de italianos, encontravam-se ações que afirmavam a cultura do imigrante, assim como até que ponto esses integrantes realizavam suas ações na sociedade receptora, sem que perdessem seus valores étnicos. “O que se pretende, enfim, é analisar alguns aspectos do processo de autopreservação do grupo, através das práticas religiosas e familiares dos mesmos” (MACHIOSKI, 2004, p. 2), ou seja, por meio de ações relacionadas à prática religiosa, assim como sobre a escolha dos novos parentes, noivos e compadres, e a escolha dos nomes dos primeiros descendentes nascidos na pátria de adoção.

O autor defende que a religião pode ser a principal base para a construção de uma cultura imigrante. “Os imigrantes encontravam na fé religiosa e na assistência de seus pastores um elo de proximidade e de identificação cultural que possibilitava ultrapassar o trauma da mudança e da adaptação às novas contingências” (BALHANA, 2002, p. 295). Foi por meio do catolicismo que os imigrantes reforçaram a identidade étnica entre eles quando se estabeleceram no novo país. Oro observa que os imigrantes encontraram na religião o amparo para superar as dificuldades. O catolicismo foi, portanto, uma forma de “reencontrar-se como grupo e reorganizar-se social e culturalmente. Ou seja, através da prática religiosa eles se encontraram, cultivaram a identidade cultural e mantiveram os valores étnicos” (ORO, 1996, p. 617).

Zanini (2006, p. 137) reitera que os sacerdotes tiveram uma grande parcela de responsabilidade na emigração, mas que também foram responsáveis pela adaptação dos imigrantes na terra estrangeira.

Foi a vivência religiosa que permitiu a manutenção cultural e moral dos italianos, bem como a sensação de que entre os emigrados e a terra natal havia ainda muitos vínculos, pois italianidade e catolicismo, nos primeiros tempos da colonização, andaram juntas (ZANINI, 2006, p. 137).

A partir da constituição de uma comunidade religiosa, em que seriam atendidas também pessoas de outras etnias, com a formação de um grupo homogêneo, Machioski (2004, p. 27) defende que “o grupo passaria agir para preservar a sua identidade etno-cultural”. Corroborando essa ideia, Oro destaca que ainda hoje, “colônia italiana e catolicismo são vistos como sinônimos, vindo a catolicidade a constituir uma das mais importantes marcas de expressão da identidade étnica italiana do Estado” (ORO, 1996, p. 618).

Para desenvolver sua pesquisa, Machioski (2004, p. 38) pesquisou os registros paroquiais referentes a um período de vinte e dois anos, de 1888 a 1910. Com isso ele pôde apresentar a origem dos cônjuges dos descendentes italianos da cidade de Curato de Colombo, no Paraná. Podemos observar que o grupo, na época, manteve sua identidade étnica por meio do matrimônio, já que dos casamentos realizados nesse período, 82% foram uniões de caráter endogâmico, ou seja, em que os consortes eram de origem italiana. Tais dados comprovam a teoria

de Barth, quando define que há estatutos a serem seguidos dentro de um grupo étnico.

No entanto, Machioski aponta que, já naquele período (de 1888 a 1910), iniciou-se o processo de integração do grupo à sociedade receptora, considerando que os outros 18% foram matrimônios de italianos com pessoas de outras etnias. Assim como o matrimônio, Machioski apresenta posteriormente novos números significativos de compadrios, em que se escolhia o padrinho conforme sua origem étnica, no caso, italiana.

Para que exista uma identidade étnica é preciso ter uma diferença, algo que diferencie determinado grupo do restante. O autor define que “a identidade étnica aparece no contraste das relações interétnicas, ou seja, trata-se da afirmação de um ‘nós’ diante dos ‘outros’” (MACHIOSKI, 2004, p. 28). Em outras palavras, a etnicidade vai se formar quando um grupo se encontra em um ambiente interétnico, de diferenças: “É precisamente quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com os outros grupos que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 71), o que Gans denominou “a etnicidade simbólica”.

Quando um grupo está inserido em um contexto, em contato com várias culturas, é que as consciências étnicas e linguísticas afloram. Para que um grupo seja étnico, ele precisa ser diferente do contexto em que está inserido, ou seja, só existe etnicidade quando há heterogeneidade, assim como só existe variação se há um padrão. Para os autores, a etnicidade está longe do processo de assimilação: “longe de levar à assimilação, ela tem como efeito aumentar a consciência e a significação da etnicidade” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 72).

As fronteiras (critério de pertencimento e exclusão) de um grupo étnico podem ser as diferenças que mantêm esse grupo vivo. São esses confins que o diferenciam da sociedade geral, do contexto ao redor.

O conceito de fronteira de grupo indica um sentido relacional, ou seja, como um grupo se define e como define o outro e, ainda, como é traçada a fronteira entre eles. Sob esse ponto de vista, um elemento cultural, como a língua, o traje ou a religião, poderia funcionar como um delimitador de fronteira e também como elemento de negociação (BARICHELLO; SANTOS, 2012, p. 191).

Os autores explicam, portanto, que língua, traje e religião são indicadores de delimitação de fronteiras étnicas. Krug (2004) observa que a língua é um dos principais fatores para a determinação de uma identidade étnica, mas que esta não é a única. Em sua dissertação, o autor analisa o comportamento linguístico da comunidade rural do município de Imigrante, situada aproximadamente a 146 km de Porto Alegre. Marcada pela presença de dois grupos étnicos de imigrantes, alemães e italianos, concentrados em dois núcleos vizinhos, a comunidade é plurilíngue, pois, além do português falado como língua oficial, há variedades trazidas pelos imigrantes. Krug destaca que há resistência dos falantes em manter a língua do grupo:

considerando o tempo transcorrido desde o início da imigração (hoje, já se chega à quinta, sexta geração de falantes), surpreende a resistência desses falantes, em determinados contextos, à substituição lingüística pelo português (*language shift*). Neste sentido, é de se supor que a identidade lingüística, bem como a solidariedade à língua do grupo (*language loyalty*), tenha desempenhado papel vital nesse processo e que, do mesmo modo, a língua e outros traços da etnicidade tenham-se constituído em elementos cruciais na constituição dessa identidade (KRUG, 2004, p. 8).

Essa resistência pela substituição do português mostra como o grupo luta pela manutenção linguística das variedades minoritárias e conseqüentemente pela preservação das fronteiras étnicas, o que caracteriza um grupo étnico-linguístico.

Barth, na obra de Poutignat e Streiff-Fenart (2011), evidencia que as fronteiras podem variar e mudar, pois elas não delimitam uma uniformidade contínua:

a maior parte da substância cultural que em determinado momento é associada a uma população humana não é restringida por essa fronteira; ela pode variar, ser reconhecida e mudar, sem nenhuma relação importante com a manutenção das fronteiras do grupo étnico. Assim, quando se retraça a história de um grupo étnico ao longo do tempo, não se está, simultaneamente, no mesmo sentido, traçando a história de uma "cultura": os elementos da cultura presente de um grupo étnico não surgem do conjunto particular que constitui a cultura do grupo em um período anterior, embora o grupo tenha uma existência organizacional contínua, com fronteiras (critérios de pertença) que, apesar das modificações, nunca deixaram de delimitar uma unidade contínua (BARTH, 2011, p. 226-227).

Para Barth, portanto, a história de um povo não retrata exatamente sua cultura, pois variações e mudanças são ininterruptas, mesmo que o grupo tenha uma organização cultural contínua. Assim, se compararmos a nova geração de italo-descendentes com a mais velha, podemos pensar que o grupo existe, mas com mudanças e inovações, com aspectos diferentes daquele de outrora.

Para Krug (2004, p. 12), a identidade étnica não é estável, mas sim “um processo individual e coletivo de semiose, de produção de significado e de sentido. Não é algo que nasce pronto em um indivíduo”. Rosa, Damke e Von Borstel (2011, p. 5) reiteram ao afirmar que a construção da identidade “não é algo pronto e acabado”. Damke (1998) salienta que a identidade não surge da noite para o dia e que não é construída unicamente pelo berço e pelas relações familiares, mas sofre um processo de construção e modificação constante. Essa construção é resultado de interferências étnicas, religiosas, políticas, culturais ou sociais. Souza (2011, p. 33) esclarece: “Isso significa que parte da identidade acompanha o indivíduo desde o nascimento e a outra parte é construída e modificada diariamente, de acordo com as relações sociais vivenciadas”.

Quando um grupo, no entanto, mesmo tendo traços étnicos semelhantes ao do contexto ao redor, reconhece-se como pertencente a um determinado grupo, não importa se não são semelhantes, pois “se eles dizem que são A, em oposição à outra categoria B da mesma ordem, eles estão querendo ser tratados e querem ver seus próprios comportamentos serem interpretados e julgados como de As e não de Bs” (BARTH, 2011, p. 195). Sendo assim, a perspectiva situacionista, em que a identidade étnica se individualiza por um sentimento de pertencimento grupal, faz com que o grupo se mantenha e se sustente.

É a busca pela afirmação do “nós” perante os “outros” que fez com que os italianos que se estabeleceram no Brasil se identificassem. Araújo e Cardoso (1987) explicam que, quando os imigrantes aqui chegaram, a própria identidade ainda estava em processo de formação. “Ao virem para o Brasil, os italianos não se apresentavam como nacionalidade constituída. Eram vênnetos, lombardos, etc. e tornavam-se italianos em relação à sociedade brasileira e aos outros estrangeiros” (ARAÚJO; CARDOSO, 1987, p. 338). O colono descobriu-se italiano e se transformou em tal, quando chegou ao Brasil. Zanini corrobora:

Quando me refiro à etnicização da cultura, pretendo expressar o fato de que os emigrados mantovanos, vicentinos, venetos, friulanos etc. se transformaram em italianos genéricos a partir do processo de enraizamento em terra estrangeira, quando da passagem da categoria de emigrados italianos para imigrantes e, posteriormente, para colonos italianos proprietários no Brasil (ZANINI, 2006, p. 201-202).

Assim, os descendentes italianos, no contexto nacional brasileiro, veem-se e são percebidos como diferentes e transformam sua cultura, estabelecem suas fronteiras étnicas, configurando-as, desta forma, como diz Zanini, em “limites de pertencimento”.

Barichello e Santos dizem que a persistência da etnicidade é um fenômeno recentemente reconhecido e que não há falha nas culturas antigas em mudar, mas sim, a continuação em novas formas e contextos. Para eles, esse processo é constante: “Essa continuidade está ligada a um processo permanente de negociação entre os que chegam e os que já habitam um determinado território, inserida em um contexto social” (BARICHELO; SANTOS, 2012, p. 191).

Essa negociação constante entre integrantes de uma comunidade faz com que a identidade étnica de um grupo sempre mude. Krug (2004, p. 13) complementa ao dizer que os “indivíduos vão construindo sua identidade de acordo com suas experiências vividas dentro e fora do grupo”.

Para Truzzi, Kerbauy e Barbosa (2012), as fronteiras étnicas entre os grupos podem ser descoladas, pois há reinterpretações constantes da história étnica de uma comunidade, o que faz com que se redefina os critérios de pertencimento. Sendo assim, “os símbolos e os signos que, por assim dizer, instauram o grupo, que o representam, não são fixos e podem ser, ao longo do tempo, valorizados ou negados, exaltados ou ignorados, pelos membros do grupo” (TRUZZI; KERBAUY; BARBOSA, 2012, p. 135). Ao aplicar essa teoria à comunidade italiana, podemos observar que tanto os descendentes influenciam nesse processo de manutenção/preservação ou regressão da cultura italiana, como os “outros”, como as pessoas que não pertencem a essa etnia. Assim, quanto mais interação houver com pessoas de outras etnias, mais estes influenciam no processo de integração dos italodescendentes à comunidade brasileira.

Certamente alguns brasileiros, descendentes de italianos, fizeram uma reconstrução da visão de mundo sobre seus antepassados que imigraram da

Europa. Tanto a língua como a cultura italiana se alteraram no Brasil. Do dialeto vênето surgiu o *talian* e da cultura do imigrante italiano, surgiu também uma nova cultura italiana no ambiente brasileiro, que poderíamos chamar de cultura ítalo-sul-brasileira, calcada na história e nas vivências dos imigrantes que vieram do Norte da Itália e que se instalaram nas terras vazias do Sul do Brasil.

A etnicidade, portanto, pode ter uma origem comum, mas se prolifera com traços culturais diferenciados, formando, desta forma, uma ou mais identidades, que passam a ser vivenciadas como reais em determinado contexto e momento. Com o tempo, novos traços culturais são adquiridos e estes começam a fazer parte dessa nova etnicidade, como é o caso do chimarrão, uma bebida típica entre os colonos italianos e alemães. A bebida, no entanto é de origem indígena e típica da cultura da América do Sul, mas se tornou um hábito entre diversos descendentes de italianos e de alemães e passou a fazer parte da identidade étnica desses grupos.

A assimilação do imigrante italiano à vida dos gaúchos foi, nessas condições, lenta e progressiva. Aliás, a assimilação, no sentido de uma absorção dos estrangeiros e seus descendentes pelos nativos, nunca se realizou. Houve, isto sim, uma transformação cultural e social por influência recíproca de ambas as partes, o que dá ao Rio Grande do Sul uma característica própria que o diferencia dos demais Estados da Federação brasileira (MANFROI, 1987, p. 186).

O autor, explica, ainda, que no início da colonização havia uma homogeneidade cultural forte tanto nas colônias alemãs, como nas italianas, mas que isso foi sofrendo novas influências com o passar do tempo, o que reforça a teoria de Barth, sobre as mudanças e inovações culturais de um grupo étnico. Oro também corrobora, com base na auto-representação dos grupos em relação à cultura, sustentada pela corrente situacionista: “[...] mesmo que os traços culturais mudem, as identidades persistem. Aqui a cultura é vista como algo dinâmico e em constante reelaboração” (ORO, 1996, p. 613).

No início, o processo de solidariedade entre italianos e brasileiros era uma necessidade para que o imigrante se adaptasse. Araújo e Cardoso (1987) analisaram jornais em língua italiana, do período de 1890 a 1917, e identificaram discursos diferentes sobre o que seria a “pátria” italiana para os imigrantes. A análise, apesar de complexa, por se tratar de jornais de tendência socialista ou patriótica, mostra como *Il Corriere D'Itália*, de 1893, e *La Sentinella D'Itália*, de 1917,

por exemplo, evidenciam dois momentos importantes da história da imigração e colonização italianas no Brasil. No primeiro momento a preocupação era a implantação dos núcleos coloniais e com as primeiras necessidades, tais como alimentação, moradia e infraestrutura da área que ocupavam e que viria a se tornar uma colônia. “Mas, a partir da década de 1910, os imigrantes italianos lutam por outros objetivos, não exatamente aqueles iniciais do assentamento e da instalação. A sobrevivência material está aliada à preservação cultural. A luta acontece em favor da identidade grupal” (ARAÚJO; CARDOSO, 1987, p. 335). Sendo assim, mais tarde, em meados da década de 1910, busca-se recuperar, ou talvez, inovar, a identidade étnica do grupo.

Zanini (2006, p. 198) observa que na segunda metade da década de 90 começou a surgir *Circolos* e entidades que mantêm contato com as regiões de origem de descendentes na Itália, as quais eram uma “expressão da italianidade”.

A revivificação de uma identidade étnica italiana como algo positivo começou a se processar no estado do Rio Grande do Sul, como um todo, a partir de 1975, quando feito um século do início da colonização italiana no Estado. Na data, foram promovidos festejos e publicações literárias que começaram a dar voz ao sentimento de italianidade que estava latente. Os descendentes almejavam, de alguma forma, expressar sua origem italiana, pois muitos deles já haviam conquistado prestígio e boas posições sociais, não considerando justas as representações pejorativas advindas do passado. Queriam se visibilizar positivamente [...] Na busca valorativa do passado foram, ao longo dos anos, criando e recriando entidades italianas em todo o Estado que visavam agregar descendentes e dar voz ao sentimento de pertencimento (ZANINI, 2006, p. 197).

Colognese (2004) estuda a identidade étnica italiana no Oeste do Paraná e apresenta a presença das associações étnicas criadas entre 1985 e 2000 na região: Casa D'Itália de Foz do Iguaçu, em 1985; Circolo Italiano de Céu Azul, em 1991; Centro Cultural Ítalo-Brasileiro de Toledo, em 1991; Circulo Italiano de Cascavel, em 1991, Circolo Italiano de Medianeira, em 1993; Centro Cultural Italiano de Palotina, em 1994; Società Culturale Vicini All'Italia de Medianeira, em 1995; e Associazione Culturale Fratelli Italiani de Santa Helena, em 2000. Ele explica, ainda que houve algumas alterações, tais como a fusão do Circolo Italiano de Céu Azul ao Centro de Tradições Gaúchas da cidade, em 2001, o qual passou a ser denominado: Associação Cultural Italiano e Gauchesca. Além disso, o autor cita a criação das

Associações Italianas da Região do Iguazu (Fairi). Colognese observa que, no entanto, há associações étnicas em diversos estados do Brasil, tais como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo que as instituições deste último estado é que inspiraram descendentes italianos do Oeste do Paraná, considerando que a maioria deles proveio deste estado.

Até a Segunda Guerra Mundial, o objetivo dessas associações, segundo Colognese (2004), era auxiliar os imigrantes e seus descendentes a se fixarem no novo território. Com o tempo cada associação se desenvolveu com determinadas peculiaridades, mas os objetivos mais comuns e explícitos das associações eram “auxiliar os doentes, idosos, inválidos e viúvas; providenciar o funeral dos associados; propiciar instrução e ensino das línguas italiana e portuguesa aos associados; criar oportunidades de lazer e recreação etc” (COLOGNESE, 2004, p. 46), além de promover a italianidade. O autor observa que essas associações se transformaram mais em ações de estabelecimento de fronteiras étnicas, pois “elas vêm-se tornando gradativamente, e em especial a partir das décadas de 1980 e 1990, Associações de Resistência Étnica, cujas ações concorrem para o resgate e preservação da identidade étnica dos descendentes italianos no Brasil” (COLOGNESE, 2004, p. 179). Ele observa, porém, que essa emergência da questão étnica e de associações voltadas para o resgate e preservação da identidade não é exclusividade do Oeste do Paraná, pois isto vem ocorrendo como um resultado ao processo de globalização.

A identidade étnica pode ser expressa por meio do comportamento do grupo, seja por movimentos e ações sociais, como festas, grupos de dança, de música e associações, seja por pratos típicos da culinária ou pelo comportamento do grupo. Colognese observa que os entrevistados, no Oeste do Paraná, indicaram diversos valores que um descendente de italiano deve ter, tais como honestidade, sinceridade e respeito. Além disso, o trabalho é outro valor que procuram repassar aos filhos. “Para os italianos o trabalho é um fim em si mesmo, é um valor em si mesmo” (COLOGNESE, 2004, p. 148). Ele também cita gastronomia, folclore, lazer, recreação, família, parentela e religião como indicadores de etnicidade. Do mesmo modo, a língua que alguns descendentes de italianos falam, conservam e inovam, é uma forma de expressão de uma identidade grupal.

2.3 Variedades linguísticas do italiano falado no Sul do Brasil

Denominar o que é uma *língua*, um *dialeto*, um *socioleto*, um *koiné* ou um *patuá* é uma tarefa extremamente complexa, pois estes termos carregam consigo também uma carga social e cultural. Além disso, as línguas nascem antes de serem designadas como língua ou dialeto.

Conforme destaca Guisan, é polêmica a distinção entre as línguas, pois é difícil estabelecer um critério para diferenciá-las de dialetos, socioletos e outras variantes. Mesmo assim, a autora esclarece que existe uma ordem de subordinação entre as línguas e suas variantes:

Existe uma hierarquia ordenando as línguas e variantes através de categorias como língua de cultura, língua culta, língua nacional, língua regional, dialetos, patuás, vulgo, e assim por diante. Essa escala estabelece uma ordem de prestígio, logo, de poder – uma sequência dizendo respeito ao peso de cada língua, para retomar o termo usado por Louis-Jean Calvet (GUISAN, 2009, p. 19-20-21).

As definições mais clássicas, língua e dialeto, estão sempre em oposição. Mas o que seria esse *dialeto*? Somente uma forma distinta de falar, de sotaque, ou uma forma tão diferente do padrão que seria impossível um falante da língua padrão compreendê-la? Monteiro fala sobre essa confusão diante do significado de dialeto:

A delimitação de um dialeto não é tarefa fácil. A título de ilustração, se pensarmos no caso do Ceará, veremos que a expressão *dialeto cearense* pode ser inadequada, visto que há localidades, como a região do Cariri, que contêm traços não pertinentes em outras (por exemplo, a dentalização do /t/ e do /d/ antes da vogal /i/ ou a omissão de artigos antes de nomes próprios). Por esse e outros motivos, utiliza-se com frequência, em vez de dialeto, a expressão *falar cearense*. E, conforme o local em que a variedade existe, outras tantas denominações costumam ser usadas, como *dialeto rural*, *dialeto urbano*, *vernáculo*, *koiné*, *patoá* etc (MONTEIRO, 2000, p. 46).

Mas os sotaques e as variedades de um mesmo sistema linguístico podem ser considerados *dialetos*? Monteiro (2000) questiona e diz que “se pensarmos no caso da língua portuguesa, não seríamos capazes de dizer quantos dialetos ela possui. E, por outro lado, em que medida ainda é válido dizer-se que o português do Brasil constitui um dialeto?” (MONTEIRO, 2000, p. 46).

No Brasil, temos uma realidade linguística demarcada pelo polimorfismo cultural e regional. Ilari e Basso (2007, p. 194) afirmam que a tese da uniformidade do português brasileiro é uma ilusão, pois esta definição, de uniformidade, foi construída na década de 1950, tendo como comparação os dialetos europeus.

É bem sabido que em algumas regiões da Europa (como Itália, o sul da Alemanha, o norte de Portugal e até certo ponto a França e a Espanha) a fragmentação dialetal já foi tão forte a ponto de prejudicar a compreensão recíproca entre habitantes de regiões distantes entre si poucas centenas de quilômetros. **Tomando essas situações como parâmetro, o português do Brasil** (onde afinal o gaúcho compreende o amazonense, que mora a milhares de quilômetros) **aparece sem dúvida como uma língua mais uniforme**. Em suma, quando os autores da década de 1950 falaram na grande uniformidade de nossa língua estavam sobretudo ressaltando o fato de que **o Brasil não conhece dialetos no sentido europeu do termo**, o que é verdade. Mas o português do Brasil, como qualquer outra língua, apresenta variedades regionais (ILARI; BASSO, 2007, p. 194-195, grifo nosso).

Na Itália, por exemplo, os dialetos são muito mais heterogêneos, a tal ponto que um falante de um dialeto do sul não consiga se comunicar com um falante de um dialeto do norte do país.

Os dialetos da Itália são divididos por Marazzini (2002, p. 468) em três blocos: setentrional, central e meridional. Dentro desses blocos, há mais duas subdivisões para designá-los. Serão apresentados aqui, os dialetos setentrionais, falados no Norte da Itália, pois alguns destes estão relacionados a esta pesquisa. Frosi e Mioranza (1983, p. 88), com base nos estudos do professor Giovan Battista Pellegrini, divide os dialetos setentrionais italianos em três sistemas: “(a) galo-italico e vêneto (ou <cisalpino>); (b) friulano; (c) ladino central”. O galo-italico + vêneto é subdividido, por sua vez, em cinco seções: lígure, piemontês, lombardo, emiliano e vêneto.

O dialeto vêneto, por sua vez, é novamente subdividido: veneziano, veronês, vicentino-paduano-polesano, trevisano, feltrino-belunês, triestino e vêneto-juliano. Desta forma, cada região, o Vêneto, por exemplo, apresenta ainda novas divisões, ou seja, novas variações, o que mostra a dificuldade de estabelecer afirmações quanto suas características.

Os dialetos italianos trazidos para o Brasil eram predominantemente aqueles falados no Norte da Itália, pois os italianos da antiga imigração vieram predominantemente daquela região do país. Mioranza enfatiza que:

os dialetos italianos falados hoje no Brasil são necessariamente os mesmos falados nessa área da Itália. Considerando-se que os imigrantes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e no Espírito Santo provinham na sua quase totalidade das regiões italianas da Lombardia, do Trentino-Alto Ádige, Friuli-Venécia Júlia e Vêneto, temos que os dialetos italianos falados no Brasil são de tipo lombardo, trentino, friulano e vêneto (MIORANZA, 1990, p. 597).

Vêneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige e Friuli Venezia Giulia são quatro regiões do Norte da Itália, das quais, a maioria dos imigrantes italianos veio. Frosi e Mioranza (1983, p. 83) apresentam um mapa que indica a origem da maior parte dos imigrantes italianos:

Figura 3 - Mapa indicativo das regiões e províncias italianas de onde provieram os maiores contingentes de imigrantes italianos que povoaram o nordeste do Rio Grande do Sul



- LIMITES REGIONAIS
- LIMITES PROVINCIAIS
- CONTORNO APROXIMADO DA ÁREA GEOGRÁFICA DE ONDE SE ORIGINARAM OS PRINCIPAIS DIALETOS AINDA FALADOS NAS COMUNIDADES RURAIS DA RCI

Fonte: Frosi e Mioranza (1983, p. 83) apud Atlante Garzanti. Enciclopedia Geografica. 1973.

Com exceção dos imigrantes da região de Trentino Alto Ádige, que trouxeram apenas um dialeto desta área, os italianos das outras regiões trouxeram diversos dialetos. Frosi e Mioranza (2009, p. 75) apresentam, ainda, um quadro com a divisão dos dialetos:

Quadro 1 - Dialetos trazidos pelos imigrantes italianos

Regiões	Dialetos
Vêneto	Vicentino, Feltrino-belunês, Trevisano, Paduano, Veronês, Veneziano, Rovigino
Lombardia	Cremonês, Bergamasco, Mantuano, Milanês, Bresciano, Varesino, Comasco, Paviense
Trentino-Alto Ádige	Trentino (Tirolês)
Fríuli-Venécia Júlia	Friulano, Triestino

Fonte: Frosi e Mioranza (2009, p. 75)

Apesar de a maior parte dos italianos que chegaram ao Brasil no período da grande imigração (1880 e 1930) ter vindo do Norte da Itália, não foi apenas desta região que eles provieram. “*Dal nord, i più grandi contingenti partirono dal Veneto e dalla Liguria, mentre nel sud, Campania e Sicilia, fornirono effettivi più numerosi*” (BALHANA, 2003, p. 74)¹⁹. Os dados corrijem a ideia geral de que os imigrantes italianos tenham vindo apenas de regiões do Norte da Itália:

Para o Brasil vieram predominantemente imigrantes do Vêneto, cuja proporção atingiu 47,68% do conjunto da imigração italiana, representado por efetivos menores da Lombardia, Toscana, Abruzze, Campania, Sicília e Calábria. Esta proporção tende a elevar-se quando se trata dos contingentes de italianos estabelecidos em núcleos coloniais do Sul do Brasil, nos quais, a proporção de imigrantes oriundos de Vêneto chega a ultrapassar 90,00%, como ocorre nas colônias italianas do Paraná (BALHANA, 1987, p. 123).

Nas colônias do Sul do país, o maior número de imigrantes veio do Norte da Itália e especialmente do Vêneto, como alguns autores afirmam. Luzzatto (2000, p. 15) declara que 54% eram vênetsos, 33% lombardos, 7% trentinos, 4,5% friulanos e 1,5% de outras regiões. Boniatti (2004, p. 130) é enfático:

Apesar de sua insuficiência e pobreza de vocabulário, o vênetsos tomou o caráter de língua oficial nas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Devido à inferioridade numérica dos falantes de outros dialetos e da própria língua portuguesa, “o dialeto vênetsos conservou-se como uma língua familiar”.

¹⁹ “Do norte, os maiores contingentes partiram do Vêneto e da Liguria, enquanto que do sul, Campania e Sicilia foram as que ofereceram efetivos mais numerosos” (BALHANA, 2003, p. 74, tradução nossa).

Mais de 60% dos italianos que se fixaram no Rio Grande do Sul tinha língua e cultura vênetas. As famílias chegavam e eram instaladas em determinadas áreas sem respeitar suas origens, o que fazia com que uma família trentina, por exemplo, fosse vizinha de uma friulana, de um lado, e do outro, de uma lombarda, e com várias famílias vênetas ao redor. Assim, “os grupos em maior número repetiam, com mais frequência, os vocábulos de seus dialetos que iam se destacando e construindo a nova língua” (TONIAL, 2001, p. 23). Por isso, o dialeto vêneto acabou se tornando, no início, em língua franca para essas famílias.

Surge então, no período da colonização, uma nova variedade linguística, que teve, no início, função de *koiné*, ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Neste período, essa variedade italiana tinha posição de *superestrato*, ou seja, em que é total o “predomínio do dialeto com relação ao idioma português” (MIORANZA, 1990, p. 599).

O dialeto passa a ser *adstrato*, ou seja, os dois sistemas linguísticos (português e italiano) convivem, quando as colônias italianas começam a produzir excedentes para o mercado externo e precisam se comunicar em português para movimentar a economia de suas produções e quando os colonos tornam-se, portanto, bilíngues. Mioranza (1990, p. 599) explica que os dois sistemas linguísticos conviviam nesta situação e que o “colonizador passa a usar os dois sistemas” e se torna, portanto, bilíngue. Foi a partir disso que a *koiné* falada pelos imigrantes italianos, ou seja, o dialeto vêneto com influências dos outros dialetos trazidos pelos conterrâneos, acabou sofrendo interferências do português e com o tempo se transformando, sendo chamado por descendentes de italianos de *talian* ou de dialeto vêneto brasileiro.

Algumas figuras fazem parte da consolidação do *talian*. Frei Rovílio Costa foi um dos revivificadores da variedade minoritária italiana e o principal divulgador da produção escrita em *talian*. O frade capuchinho e sacerdote, licenciado em Filosofia e Pedagogia, mestre em Educação e livre docente em Antropologia Cultural, era um dos maiores pesquisadores e editores de livros sobre a imigração no Rio Grande do Sul, movido pelo desejo de recuperar o microcosmo de sua própria infância, como admitiu em entrevista ao caderno Cultura, do periódico Zero Hora, em 2005.

Rovílio Costa escreveu mais de 20 livros e, na direção da EST Edições, promoveu, desde 1973, segundo o jornal Zero Hora, do dia 13 de junho de 2009, a

publicação de mais de dois mil títulos, envolvendo mais de 3 mil autores que recontam a história da imigração italiana, alemã e judaica.

Honório Tonial, nascido no Rio Grande do Sul, conhecido como um resgatante do *talian*, publicou a cartilha do *talian Adesso imparemo*, o *Dicionário Português-Talian*, em 1997, assim como as obras *Na sbranca de stòrie e fròtole*, *Pì frotelo che storie*, entre muitas outras.

Darcy Loss Luzzatto, também nascido no Rio Grande do Sul, em 1934, professor de matemática e física aposentado, encerrou sua carreira no magistério em 1977 para dedicar-se à língua materna, ao *talian*. Conhecido como um ícone na luta pelo reconhecimento dessa variedade linguística, Luzzatto publicou uma série de livros, tais como *Ghen'avemo fato arquante*, entre muitos outros. Em 1977 começou a se dedicar à produção do *Dissionàrio Talian-Portoghese*, lançado em 2004. Já em 1994 lançou uma gramática, intitulada *Talian (Vêneto Brasileiro): Noções de Gramática, História e Cultura*.

Possamai (2006) evidencia que Luzzatto busca a valorização do dialeto, desvinculando-o do mundo camponês do imigrante italiano quando aqui chegou e relacionando-o à história de *status* da República de Veneza, ou seja, ao dialeto da região do Vêneto que existe ainda hoje na Itália:

Na perspectiva de criar uma língua que sirva como elemento de coesão para afirmar a identidade étnica, existem várias tentativas de normatização do *talian*. Luzzatto defende que se devem extrair os “brasileirismos” daquilo que, pretende, é a mais nova língua neolatina. Rovílio Costa insiste em que o *talian* seja ensinado às crianças como uma condição para a sua sobrevivência, mas reconhece que muitos textos escritos em dialeto não passam de português italianizado. O jornal dos capuchinhos, que atualmente se chama *Correio Riograndense*, publica em cada edição uma lição de *talian* do curso organizado por Luzzatto. Nas lições são freqüentes as referências ao Vêneto, particularmente à Veneza, numa tentativa de vincular o *talian* a uma cidade que por séculos foi um importante centro comercial e cultural europeu (POSSAMAI, 2006, p. 10).

A busca pela normatização do *talian*, que tem se dado pela publicação de dicionários, gramáticas, textos escritos e romances, tais como os citados anteriormente, tem o intuito de afirmar uma identidade étnica. Vale observar, no entanto, que antes mesmo de o dialeto vênето ser definido como *talian*, a *koiné*, utilizada pelas famílias de imigrantes italianos, com base no vênето, já vinha sendo sistematizada pelos capuchinhos, que exprimiam essa variedade linguística em

obras como *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*, *Stória de Pêder*, *Storia de Nino*, e outras, desde 1920. Antes disso, porém, outros meios de divulgação favoreceram a sistematização da variedade minoritária:

Durante dezenas de anos o *talian* foi uma língua somente falada, uma literatura oral. No entanto, a produção de jornais, como o atual *Correio Rio Grandense*, fundado em 1909 pelos Frades Capuchinhos, e o *Corriere d'Itália*, fundado em 1916 pelos Padres Carlistas, e mais recentemente a produção de livros, contribuíram para que o *talian* se tornasse uma língua escrita (ORO, 1996, p. 614).

Para o autor, essas formas de registro do dialeto vêneto contribuíram para que o cotidiano das colônias fosse retratado, assim como a mentalidade de seus habitantes. Apesar dessa busca pela normatização da variedade linguística minoritária, vale observar que a maioria dos descendentes, que mantêm o *talian*, preserva-o mais por meio da fala, pois são poucos que têm um conhecimento da escrita. Krug (2004, p. 21) observa:

Pensando nas comunidades de imigrantes do sul do Brasil, tem-se como característica predominante que, de modo geral, o uso das línguas minoritárias se restringe à oralidade, sendo a habilidade de escrita reservada ao português. No que se refere à função de cada língua, verifica-se que a língua minoritária aparece essencialmente como língua de uso familiar e intra-étnico. No que se relaciona ao aspecto da interferência, o senso comum costuma identificar essas línguas/variedades minoritárias pejorativamente como 'línguas misturadas', intensamente invadidas por traços do português.

Portanto, o *talian*, ainda hoje, assim como a maioria das variedades minoritárias, é essencialmente restrito à oralidade, ainda que alguns descendentes italianos busquem a sua normatização, criando dicionários e obras literárias, por exemplo.

Essa busca pelo reconhecimento do *talian* também pode ser observada no município de Serafina Corrêa, do Rio Grande do Sul, onde foi promulgada a Lei nº 2615, de 13 de novembro de 2009, que dispõe sobre a "co-oficialização da Língua *Talian* - Vêneto Brasileiro", dando ao *talian* o *status* de língua cooficial no município, incentivando a divulgação e o ensino do vêneto brasileiro. Antes disso, porém, em 10 de junho de 2009, a lei nº 13.178 já declarava o *talian* como patrimônio histórico e cultural gaúcho.

Uma reportagem publicada no *site* da Rádio Rosário, de Serafina Corrêa, intitulada “*Talian* em busca de mais reconhecimento”, salienta que no ano de 2010, em dezembro, “o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou o Decreto que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, como um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Na reportagem, o presidente da Federação das Associações Ítalo-Brasileiras do Rio Grande do Sul (Fibra), Paulo Massolini, conta que, com o apoio da Associação dos Difusores do Talian no Brasil (Assodita), o primeiro passo para a valorização e o reconhecimento do *talian* foi dado em 1988, “quando durante as comemorações de emancipação política de Serafina Corrêa, o *Talian* foi considerado oficial, através de um decreto municipal”. O município, localizado na Serra Gaúcha, também foi pioneiro em cooficializar o idioma, em 2009.

Ainda segundo a notícia, ao receber o título de Referência Cultural Brasileira, expedido pelo Ministério da Cultura, o *talian* “deverá ser contemplado com ações de valorização e promoção por parte do poder público”, ou seja, recursos serão recebidos. Na notícia, o *talian* é referido como língua e destaca-se que nesta variedade linguística já são registradas cerca de 320 obras com vários dicionários, livro de gramática e cartilhas para o ensino. Além disso, segundo a reportagem, há cursos de *talian* pela internet.

Recentemente, no Seminário Ibero-Americano de Diversidade Linguística²⁰, que ocorreu entre os dias 17 e 20 de novembro de 2014, em Foz do Iguaçu, o *talian* e outras duas variedades linguísticas indígenas - *asurini do Trocará* e *guarani mbya* - foram reconhecidos como Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e passaram a fazer parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), conforme dispõe o Decreto 7387/2010, segundo a notícia de Adélia Soares e Isadora Fonseca (2014), da Assessoria de Comunicação Iphan.

O *talian* está presente em diversos Estados do Brasil, pois muitos falantes dessa variedade saíram do Rio Grande do Sul para buscar terras em outros estados,

²⁰ O evento reuniu o Encontro de Autoridades Ibero-Americanas sobre Políticas Públicas para a Diversidade Linguística, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e Secretaria Geral Ibero-americana (Segib) e um Fórum Línguas, Culturas e Sociedades Latino-Americanas, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila).

além de Santa Catarina e Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, entre outros. Segundo Luzzatto (1994, p. 24), o *talian* está vivo em Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Veranópolis, Erechim, Carlos Barbosa (RS), Joaçaba, Caçador, Chapecó, Concórdia (SC), Cascavel, Pato Branco, Francisco Beltrão, Medianeira, Toledo (PR).

Também chamado de dialeto vênето brasileiro, o *talian* foi estigmatizado por muito tempo. Picol (2013) destaca que o falante bilíngue, pela situação social inferior e pela fala com acentuadas marcas de sotaque, sofria uma dupla estigmatização sociolinguística: tanto a fala em variedade italiana como a fala em língua portuguesa denunciavam as origens do falante.

Frosi (1998) explica que desde 1875, quando os descendentes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, esse grupo passou por quatro períodos. O primeiro foi o da colonização e do desbravamento da mata, marcado pela aculturação e integração na comunidade italiana, sem ter contato, porém, com a comunidade brasileira. Esse isolamento da comunidade italiana proporcionava conseqüentemente a manutenção da variedade linguística, sem interferências da língua portuguesa. Foi nesse período que o dialeto vênето estabeleceu-se como língua franca entre os imigrantes. O segundo período, a partir de 1910, é marcado pela comercialização e industrialização dos produtos agrícolas. Frosi afirma que foi no segundo período que surgiu a *koiné*, uma variedade comum entre os imigrantes, que falavam dialetos distintos. No entanto, na realidade, a *koiné* surgiu no primeiro período, quando as famílias italianas estabeleceram o dialeto vênето como língua franca, considerando que a maioria provinha da região do Vênето. Nessa segunda fase, surgiu, na verdade, uma língua crioula, ou seja, uma variedade minoritária italiana com influências do português. Foi nesse momento, ainda, que o Estado Novo proibiu o uso das variedades linguísticas dos imigrantes.

O terceiro período é caracterizado pelas migrações internas, na década de 1950, e conseqüentemente a forma linguística dos imigrantes e descendentes de italianos também foi levada para outros estados. Nesse período, dominar a língua de prestígio, ou seja, o português, era sinônimo de ter melhores oportunidades de emprego e conseqüentemente ascensão econômica e social. Paralelamente, o prestígio e a estigmatização sobre a variedade italiana era um resultado. O português, então, ganhava força nas colônias e o ensino das variedades minoritárias ficava a cargo da família. No quarto período, então, a grande maioria não fala mais a

variedade linguística italiana, mas a busca pelo reconhecimento dessa forma de falar é constante. Frosi (1998, p. 166) destaca que junto com o interesse em preservar essa variedade, surgem, então, programas de rádio, festas religiosas e corais “a favor da fala italiana dialetal”.

Picol (2013, p. 288) observa que tempos mais tarde, com as festividades voltadas ao Centenário da Imigração Italiana (1975), ocorre um “retorno às origens étnicas” e características de descendentes italianos, até o momento, vistas como algo inferior (a língua, por exemplo), começam a ser vistas como algo de imenso valor cultural. A partir disso, o *talian* passou a ser valorizado e a ser signo de marca identitária de alguns italo-brasileiros.

Vale lembrar que nesta pesquisa o *talian* é apontado em diversos momentos como variedade minoritária por acreditarmos que carregue menos valoração negativa e também por querermos deixar explícito que é uma forma de falar por grupos menores, nesta localidade paranaense.

3 MÉTODO E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa sobre descendentes de italiano, de colonização pioneira de frente sulista em Cascavel/PR, documenta e reflete sobre a preservação e a manutenção da fala e da cultura italiana de alguns integrantes desse grupo étnico, pautando-se nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, considerando as dimensões diasssexual e diagenérica dos informantes, para a descrição dos elementos que atuam sobre as crenças e atitudes dos falantes.

A realização do estudo orientou-se, também, na pesquisa de tipo etnográfica, para compreender os sentidos que os próprios sujeitos da pesquisa atribuem ao contexto em que estão inseridos. Sobre a pesquisa etnográfica, Silva, Oliveira, Pereira e Lima apontam que ela:

busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado, como afirmam Hammersley e Atkinson (1994), ao revelarem que o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar às experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado (SILVA; OLIVEIRA; PEREIRA; LIMA, s.d., p. 4).

A observação e o contato prévio com a comunidade são fatores essenciais para a realização eficiente da pesquisa de campo. Nesse sentido, Tarallo questiona o fato de como o pesquisador poderá coletar a língua falada em situações *naturais* de comunicação, se sua presença interferirá na naturalidade da situação de comunicação e apresenta uma solução: “O pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação” (TARALLO, 2005, p. 20) e que é uma necessidade “imposta pela própria orientação teórica” essa interação com os membros da comunidade. O autor lembra, ainda, que o pesquisador deve entrar na comunidade para fazer seus primeiros contatos por meio de terceiros, para evitar rejeições, o que foi feito previamente.

A pesquisa de campo envolve vários obstáculos e dificuldades. Kaufmann (2011, p. 129) lembra que uma delas pode ser a origem do entrevistador:

Outra dificuldade na pesquisa de campo pode ser causada pela origem, sexo e idade do entrevistador. O fato de eu ser alemão me ajudou bastante na aproximação dos menonitas, já que eles sentiam certo vínculo emocional comigo, porque vim da 'pátria' dos seus antepassados. Por outro lado, o fato de eu ser um homem jovem (29 anos no momento da pesquisa de campo) fez com que, especialmente entre os menonitas mais conservadores, não fosse considerado adequado ou até mesmo possível que eu ficasse uma hora a sós com uma mulher jovem. Sendo assim, em alguns casos o pai ou o marido da entrevistada ficava no mesmo quarto pondo seriamente em risco o sucesso da entrevista (KAUFMANN, 2011, p. 129).

Labov (2008, p. 242) lembra que “localizar e contatar informantes e levá-los a falar livremente numa entrevista gravada são problemas difíceis” e que “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244). Por isso, as entrevistas foram realizadas individualmente e de maneira informal. O gravador era colocado sobre a mesa ou objeto de apoio para estabelecer uma conversa livre com o informante. Apesar de as entrevistas terem sido feitas com um questionário semidirigido, o ponto central era o informante, utilizando-se uma linguagem informal, sem se preocupar com a forma padrão. Para isso, foram adotadas algumas posturas da área do Jornalismo. Oyama enfatiza que o bom entrevistador é aquele que sabe ouvir e critica algumas posturas:

[...] E saber ouvir implica, antes de tudo, ser curioso. Quando um repórter tem genuína curiosidade sobre o entrevistado ou sobre o assunto do qual ele trata, isso fica evidente na maneira como ele se comporta, reage, fala – e isso estimula o entrevistado a expor-se cada vez mais.

O inverso também é verdadeiro. Nada mais desanimador do que falar para quem dá a impressão de estar entediado, com pressa ou, pior, já ter opinião formada sobre o assunto. Às vezes, na pressa de liquidar todas as perguntas que trouxe no bolso ou por medo de que o entrevistado pare de falar, muitos jornalistas inexperientes mal ouvem a resposta do seu interlocutor (OYAMA, 2013, p. 28).

O jornalista enfatiza, ainda, que saber ouvir não é tão simples como parece e que saber a hora de falar também é crucial. Ele observa que se o inquiridor parar para ouvir a gravação de uma entrevista realizada perceberá como é comum atropelar e interromper o entrevistado em momentos preciosos e que isso acontece

por ansiedade ou pela inversão de papéis, quando o entrevistador também quer ser ouvido pelo entrevistado. O jornalista enfatiza que esse é um grande equívoco e que é imprescindível controlar o próprio ego para ser um bom ouvinte e entrevistador:

Ou, em outras palavras: esquecer quem você é, o que sabe, o que pensa sobre o assunto em questão e lembrar que só o entrevistado existe neste momento: ele é o centro do universo e todos os seus sentidos estão voltados para ele. Assim, em vez de interrompê-lo para demonstrar seu conhecimento sobre o assunto ou preocupar-se em articular lindamente uma frase, dedique-se a ouvi-lo e a estimulá-lo a ir além do que está disposto a contar (OYAMA, 2013, p. 30).

Sendo assim, buscamos, na realização das entrevistas, colocar o informante como o centro das atenções e ouvir suas percepções, deixando-o à vontade. Vale lembrar, também, que o questionário semântico-lexical foi deixado por último (ver anexo), justamente para que o informante não se sentisse constrangido perante as palavras que não conhecia e sabia, pois até chegar ao final da entrevista ele já estava mais à vontade com a entrevistadora.

A pesquisa sociolinguística pode ser feita de algumas formas. Silva-Corvalán (1989, p. 16) explica que ela pode ser procedida da seguinte maneira: 1) Observação da comunidade e hipóteses de trabalho; 2) Seleção dos falantes; 3) Coleta dos dados; 4) Análise dos dados; 4.1) Identificação da variável; 4.2) Identificação dos contextos; 4.3) Codificação; 4.4) Quantificação e aplicação de procedimentos estatísticos; 5) Interpretação dos resultados. A autora esclarece que, no entanto, esta não é uma receita única e que os passos são flexíveis, pois os falantes podem ser selecionados depois da coleta de dados, por exemplo.

Silva-Corvalán (1989, p. 17) lembra, ainda, que a observação da comunidade permite com que se precise mais as hipóteses iniciais, assim como auxilia na proposta das variáveis, no caso desta pesquisa, sexo e idade. Além de delimitar as variáveis sociais para este estudo, foi necessário, também, delimitar em qual nível a língua seria avaliada. Sendo assim, serão apresentadas observações não apenas sobre as crenças e atitudes e o comportamento de italo descendentes, como também a manutenção lexical de alguns vocábulos, pois a manutenção/preservação da língua, ou seja, suas atitudes perante as variedades linguísticas italianas estão relacionadas às crenças dos falantes. Vale lembrar, porém, que a mudança linguística ocorre em diversos níveis, fonético e fonológico, lexical, morfológico e

sintático. Portanto, a variação lexical é apenas um dos modos em como uma língua pode variar. A manutenção do léxico, por sua vez, pode ser observada no viés, ainda, das atitudes dos falantes, na expressão dos seus hábitos culturais, pois envolvem a nomeação, que está ligada ao cotidiano do falante. Essas atitudes podem variar, inclusive, dependendo do estrato social do falante e da comunidade em que se encontra.

Os fatores históricos, portanto, estão vinculados ao contexto em que os falantes estão e/ou estiveram inseridos. Pensando nesse sentido, acreditamos que o estudo sociolinguístico seja diacrônico por natureza. Hora (2004, p. 18) lembra que uma “teoria da mudança deve, pois, conceber a língua – de um ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico – como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática”. Observamos, portanto, que este estudo é sincrônico, pois mostra a situação da comunidade no atual momento. No entanto, pontuamos que qualquer pesquisa, mesmo que seja sincrônica, não deixa de ser diacrônica, pois a realidade presente é resultado de um processo histórico, ou seja, da diacronia. Mesmo assim, vale frisar que esta investigação é feita em tempo aparente:

É importante salientarmos que a dimensão histórica da variável pode se realizar a partir de uma projeção em tempo real (diacrônico), estabelecendo um espaço de tempo determinado cronologicamente, e/ou em tempo aparente (sincrônico), sendo necessário “um recorte transversal da comunidade de falantes” obtendo-se variadas faixas etárias [...].

A análise em tempo aparente, por sua vez, estabelece o estágio pelo qual passam as variantes no momento do recorte temporal em que estão sendo observadas. Trata-se de uma análise específica daquele momento, sendo relevante a observação sincrônica do estágio das variantes (HORA, 2004, p. 19).

Considerando a variação linguística, combinadas aos princípios sociológicos, podemos compreender que os fatores sociais são determinantes também para a evolução linguística, assim como para as crenças de uma comunidade.

Para a aplicação dos inquéritos foi utilizado um gravador de voz, com as seguintes características: marca Sony ICD-PX312 Digital Flash Voice Recorder, com 2GB de memória *flash*, com capacidade de armazenar 534 horas, com microfone embutido de alta sensibilidade, relógio e alarme, com registro de data e hora da gravação, USB 2.0 para conexão com o computador e transferência de arquivos de alta velocidade, indicador de carga de bateria e visor de cristal líquido (LCD).

3.1 A localidade

Muito antes da chegada dos europeus ao Oeste do Paraná, já se encontravam nesta região os índios caingangues. Segundo o site da prefeitura de Cascavel²¹, em 1557, a região teve a ocupação iniciada pelos espanhóis, quando fundaram a *Ciudad del Guairá*, atual Guaíra. Em 1730 a região também contou com uma nova ocupação, com o tropeirismo. No entanto, o povoamento de Cascavel começou efetivamente no fim da década de 1910, quando colonos caboclos e descendentes de imigrantes eslavos, no auge do ciclo da erva-mate, aqui chegaram.

Apenas na década de 1930, quando o ciclo da erva-mate foi extinto e que se iniciou o ciclo da madeira, é que diversas famílias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul constituíram a base populacional de Cascavel. Essas famílias, formadas por colonos sulistas, sendo maioria descendente de poloneses, ucranianos, alemães e italianos, além dos caboclos oriundos das regiões cafeeiras, começaram a explorar a madeira e a cultivar a agricultura e a criação de suínos.

Com o esgotamento das áreas de mata nativa, devido à extração madeireira, o setor agropecuário se desenvolveu e tornou-se a base econômica do município. No fim da década de 1970, chegou à cidade a fase de industrialização, concomitantemente com o aumento da atividade agropecuária, em que se destacam a produção de soja e milho.

Em 1936, a vila foi oficializada pela prefeitura de Foz do Iguaçu, com a denominação de Cascavel, mas, tornou-se distrito apenas em 1938, e alcançou a emancipação em 14 de dezembro de 1952.

Cascavel faz divisa com os municípios de Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Braganey, Campo Bonito, Catanduvás, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida e Lindoeste, como podemos observar no mapa a seguir:

²¹ Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 3 fev. 2015.



Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=410480>

Atualmente, a cidade de Cascavel está com 63 anos e é considerada uma metrópole do Oeste do Paraná. Com cerca de 300 mil habitantes, o município conta com migrantes de diversas regiões do Brasil, assim como de outros países.

Segundo os dados do IBGE de 2010, das 286.205 pessoas residentes no município, a maioria, sendo mais de 259 mil, nasceu na região Sul do Brasil.

População residente por lugar de nascimento

Região Norte	1.240
Região Nordeste	3.979
Região Sudeste	15.095
Região Sul	259.682
Região Centro-Oeste	3.333
Brasil sem especificação	1.388
País estrangeiro	1.488
População residente - total	286.205

Os dados de 2010 reafirmam os dados de 1970, apresentados anteriormente e considerados por Piaia (2013), registrando que a maioria da população em Cascavel era proveniente dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa

Catarina. Desde aquela época, porém, a cidade já contava com a presença de brasileiros de outros estados como São Paulo e Minas Gerais, ainda que em número menor.

A maioria dos migrantes sulistas é de descendência alemã e italiana, o que justifica a pesquisa nesta localidade em relação à língua e à cultura italiana. Sendo assim, o contexto social e linguístico escolhido para a pesquisa envolve um grupo de descendentes de italiano que moram em Cascavel há mais de 30 anos ou que aqui nasceram (pensando na geração mais nova). O comportamento desse grupo perante a própria identidade étnica e linguística é uma forma de entender se as fronteiras étnicas são mantidas e como são preservadas, pois este grupo está inserido em uma comunidade plurilíngue em que o português, como língua oficial do país, convive com outras variedades linguísticas de imigrantes, tais como italianos e alemães, e de novos grupos hoje presentes, tais como chineses e haitianos. Os descendentes de italianos convivem, ainda, com as variações linguísticas dos brasileiros de outras regiões, como do norte do Paraná, dos estados de São Paulo e Minas Gerais, etc.

Realizar essa pesquisa no município de Cascavel justifica-se pelo fato de ainda serem encontradas nesta localidade uma vasta comunidade descendente de italianos, assim como algumas tradições, entre elas a variedade linguística minoritária italiana, no caso, o *talian*.

A partir da observação participante, foi possível constatar previamente e hipotetizar que os mais jovens buscam a variedade italiana padrão e estigmatizam a variedade minoritária, enquanto que os mais velhos buscam a valorização e o reconhecimento da cultura de seus pais e avós, ou seja, da variedade minoritária e da cultura trazida pelos imigrantes e reformulada no Rio Grande do Sul.

Observando a comunidade, percebemos que o contexto da cultura italiana em Cascavel pode ser visualizado a partir de nomes próprios, sobrenomes, assim como substantivos e adjetivos, todos em língua italiana, seja na forma padrão, no dialeto ou no *talian*, que estão por toda parte. Estampando os nomes de lugares comerciais e públicos, o léxico, presente nas placas e faixas de restaurantes, edifícios, mercados, sorveterias, entre outros negócios, assim como em nomes de ruas, por exemplo, revela a valorização e a preservação da cultura italiana na cidade.

Cascavel já contou com uma *Agenzia Consolare Onoraria*, fundada nesta cidade em 2000, mantida pelo Governo Italiano e representada por Geraldo Sostizzo

até 2010. A agência providenciava cidadanias e passaportes, evitando que os descendentes italianos de Cascavel e região precisassem ir a Curitiba para fazer seus documentos.

Outra manifestação da cultura italiana é o Círculo Italiano de Cascavel, fundado em 28 de outubro de 1991, por Gicelda e Armindo Cavalca. A criação do círculo deu-se a partir de atividades e brincadeiras de canto e dança, jantares e reuniões realizados na residência do casal fundador, com o objetivo de valorizar a tradição italiana e integrar descendentes

Em outubro de 1995, cinco casais de amigos do Círculo Italiano de Cascavel começaram a se reunir com o objetivo de formar um grupo de dança italiana. Segundo dados do *síte* oficial do grupo de dança (www.ladridicuori.com.br), com o tempo, o grupo começou a atrair outros jovens, até mesmo de outras origens culturais, e hoje o grupo conta com 28 componentes. A primeira apresentação do grupo ocorreu em 1996, no Restaurante Santa Felicidade, e em setembro do mesmo ano a equipe já contava com 10 integrantes, quando então passou a ser denominado de *Gruppo Folklorico Italiano Ladri di Cuori*. O nome *Ladri di Cuori* vem da frase *Gli italiani sono tutti ladri... di cuori*, que pode ser traduzida para: “Os italianos são todos ladrões... de corações”.

Já o grupo *Filò*, de canto de música folclórica italiana de Cascavel, surgiu em meados de 1997. Segundo o Jornal Hoje, de Cascavel, do dia 3 de junho de 2012, o grupo lançou no início de 2012 o primeiro CD, o qual conta com 15 músicas da cultura folclórica italiana, tais como *Da l'Italia noi siamo partiti (Mérica, Mérica)*, *Quel mazzolin di fiori* e *Nel mio bel giardin*. Todos os componentes do grupo são descendentes de italianos, segundo registra a reportagem.

O programa *Italia del mio cuore*, conforme matéria publicada no Jornal O Paraná, de Cascavel, do dia 7 de abril de 2012, foi ao ar pela primeira vez no dia 4 de fevereiro de 1996, pela Rádio Nacional, passou pela Rádio Capital por um tempo e, desde 2007, é transmitido pela Rádio Colméia (AM - 650 KHZ). Apresentado por três componentes do grupo de canto *Filò*, Ermilo Zanatta, 55 anos na época, João Nichetti, 61 anos, e Enore Savoldi (*in memoriam*), 76 anos, o programa vai ao ar há 19 anos e tem como objetivo, segundo os apresentadores, a manutenção da cultura ítalo-vêneta em toda a comunidade, “que é grande no Oeste paranaense”. O programa vai ao ar todos os sábados, a partir das 15h30, ao vivo, e por cerca de

1h20 apresenta vários temas que buscam disseminar e cultivar as raízes italianas da comunidade de descendentes de Cascavel e região.

Já existiu um coral italiano na cidade, chamado Raízes da Itália, conforme declaração dos entrevistados do programa de rádio no fim da reportagem ao jornal O Paraná: “Tínhamos o coral Raízes da Itália e vínhamos fomentando a preservação da nossa cultura e então decidimos fazer o programa”. A Secretaria de Cultura também mantém no Museu da Imagem e do Som (MIS), de Cascavel, uma fotografia de apresentação do coral no V Festival de Música de Cascavel em 1993. Não há registros, no entanto, de quando surgiu e quando se encerraram as atividades da equipe.

Outra manifestação da cultura italiana em Cascavel pode ser vislumbrada na Praça Itália da cidade, localizada na Avenida Brasil com a Rua Rocha Pombo, no Bairro São Cristóvão. Segundo o *site* da prefeitura da cidade (www.cascavel.pr.gov.br), o local foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2006, em comemoração aos 54 anos do município. O principal monumento da praça é o Leão Alado, uma reprodução da Praça de São Marcos, em Veneza - Itália, capital do Vêneto, região de origem da maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil, o qual tem como simbologia mitológica a força e a proteção contra os invasores externos. Vale lembrar que o Leão Alado também é o símbolo da região do Vêneto, assim como de inúmeras outras entidades administrativas civis e militares. O símbolo aparece, ainda, em todas as cidades que estiveram sob o domínio da República Veneta, normalmente nas praças principais e nos edifícios históricos, assim como em bandeiras, brasões, estátuas e moedas. A praça, assim como o Leão Alado, é uma homenagem aos primeiros imigrantes e descendentes de italianos que chegaram a Cascavel, na década de 1950. O pilar que forma o monumento representa a continuação das famílias e os anéis são as uniões das famílias.

O resgate da cultura italiana em Cascavel pode ser percebido também pela busca de cursos de Língua Italiana, no ensino formal. A existência do curso de Letras Português/Italiano, da Unioeste, é um exemplo, assim como do curso de Língua Italiana oferecido pelo Programa de Ensino de Línguas (PEL), da mesma instituição. Além destes, os cursos em escolas particulares e o Centro de Estudos de Línguas Modernas (Celem), são outros exemplos.

O Centro de Cultura Italiana (CCI) é uma instituição que funciona nos estados do Paraná e Santa Catarina, com o objetivo de difundir o ensino da língua italiana no Brasil. Fundado em 1992, o CCI começou suas atividades no ano seguinte e atua em mais de 100 municípios nos dois estados. Em Cascavel, o Centro de Cultura Italiana foi implantado em 1994 e os cursos de Língua Italiana foram ofertados até 1998, na sede do Círculo Italiano, o que passou, depois, a funcionar no convento das Irmãs “Franciscanas Angelinas”. Hoje, porém, Cascavel não conta mais com os cursos do CCI.

Segundo dados da pesquisa realizada por Ribeiro (2005, p. 38), a luta pela implantação da habilitação de Italiano no curso de Letras da instituição iniciou em 1998 e foram dois anos de negociação para que se conseguisse implantar o curso. No entanto, ela conta que a implantação ocorreu de fato somente em 2003, quando as 50 vagas do curso foram divididas, ficando 20 vagas para a habilitação em inglês, 15 para italiano e 15 para espanhol.

Já o Celem, criado em 1986, é um projeto do governo do estado do Paraná, o qual tem como objetivo a complementação da formação de alunos dos ensinos Fundamental e Médio, mas começou a funcionar em 1988. Ribeiro (2005) explica que a inclusão das línguas ocorre com base na demanda e na necessidade da comunidade.

A inclusão da língua italiana no Celem, do município de Cascavel, ocorreu mediante concurso público realizado no final do ano de 2004 com a admissão do professor logo no início de 2005. Como já dissemos anteriormente, a comunidade cascavelense é composta de muitas pessoas de origem italiana, a porcentagem está entre 60% e 70% segundo a Secretaria da cultura deste município (RIBEIRO, 2005, p. 42).

Vale lembrar que, tanto o curso de Letras Português/Italiano, da Unioeste, quanto os cursos de língua oferecidos pelo PEL, pelo Celem, pelo CCI, e em escolas particulares, tem como base o ensino da língua italiana padrão, idioma nacional da Itália, que tem como base o dialeto toscano, o qual surgiu na apreciação e admiração da língua da *Commedia* de Dante, do *Decameron* de Boccaccio e do *Canzoniere*, de Petrarca, clássicos da literatura italiana medieval, de 1300, mas que evoluiu e se transformou com o tempo. Este idioma foi reformulado e oficializado, no

entanto, somente depois da segunda metade do século XIX, quando a unificação política italiana ocorreu.

O ensino do italiano como língua estrangeira, com base no italiano contemporâneo, portanto, é diverso da variedade preservada, por exemplo, pelo grupo de canto *Filò* e pelo programa de rádio *Italia del mio cuore*, os quais tem como intuito preservar a forma linguística que seus avós trouxeram da Itália, ou seja, o dialeto vênето, o qual foi modificado no Rio Grande do Sul e que passou a ser chamado de *talian*.

O município de Cascavel nasceu em um ambiente multiétnico. Nesse contexto de relações interétnicas é que se propõe refletir sobre as crenças e atitudes de alguns descendentes de italianos para compreender como se processam a preservação e a manutenção da identidade do grupo, seja por meio de variedades linguísticas italianas, seja por meio de manifestações de celebração étnica.

3.2 Perfil dos informantes

Para o desenvolvimento deste trabalho foram selecionados 18 informantes com os seguintes requisitos básicos:

- ser descendente de italiano de colonização sulista;
- ser descendente de italiano pelo lado paterno²², tendo sobrenome italiano;
- morar em Cascavel há pelo menos 30 anos;
- ser nascido em Cascavel, no caso da faixa etária mais jovem.

Como uma das hipóteses é de que a faixa etária, assim como o sexo poderiam contribuir no conservadorismo ou abandono linguístico da variedade italiana, foi selecionada a mesma quantidade de informantes de sexos diferentes, distribuídos em três faixas etárias distintas. Sendo assim, os informantes, classificados tendo em vista o sobrenome paterno italiano, foram colocados nas variáveis: faixa etária e sexo. Com isso, foram estabelecidas as seguintes

²² Os descendentes de italianos selecionados para esta pesquisa foram definidos tendo como prioridade a descendência pelo lado paterno, pois o parentesco linhagista se mantém no domínio do sobrenome paterno. Savoldi (2008, p. 29) observa que a descendência compreende todos os descendentes pelos homens ou pelas mulheres, mas que em nossa sociedade a linhagem paterna é a que vigora, assim como Akoun (1983) nota: “podemos notar que o parentesco linhagista se mantém no domínio do nome. Em realidade é o nome do pai que é o nome da família, quer dizer, um nome de linhagem paterna”.

dimensões: diassexual (masculino e feminino) e diageracional (GI, 20 a 40 anos; GII, 40 a 60 anos; GIII, mais de 60 anos).

Quadro 2 - Perfil dos informantes

Código dos informantes	SEXO	FAIXA ETÁRIA
HGIa	Homem	20-40
HGIb	Homem	20-40
HGIc	Homem	20-40
MGla	Mulher	20-40
MGlb	Mulher	20-40
MGlc	Mulher	20-40
HGIIa	Homem	40-60
HGIIb	Homem	40-60
HGIIc	Homem	40-60
MGIIa	Mulher	40-60
MGIIb	Mulher	40-60
MGIIc	Mulher	40-60
HGIIIa	Homem	mais de 60
HGIIIb	Homem	mais de 60
HGIIIc	Homem	mais de 60
MGIIIa	Mulher	mais de 60
MGIIIb	Mulher	mais de 60
MGIIIc	Mulher	mais de 60

Para proteger suas identidades, seguindo princípios éticos da pesquisa científica, os informantes receberam um código, o que foi de certa forma conflitante para ser estabelecido, pois alguns descendentes de italianos da área urbana de Cascavel, por serem revivificadores, representativos na luta pela manutenção do *talian* no município, mereceriam ser destacados.

Nesse sentido, para designar o sexo adotamos a letra H para homem e M para mulher, na sequência a faixa etária GI, GII ou GIII e em seguida, *a*, *b* ou *c*, para diferenciar os três informantes de cada faixa etária. O informante HGIIc, por exemplo, é um dos entrevistados do sexo masculino, da GII, ou seja, da faixa etária de 40 a 60 anos.

3.2.1 Dimensões sociais

Para Faraco, a Sociolinguística estuda a relação entre as formas de falar e os fatores sociais, como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo e a etnia dos falantes. Assim, o estatuto social dos falantes (etnia, grau de escolaridade etc) e as formas linguísticas variantes são correlacionados, o que revela a chamada estratificação social das variantes.

Quando se faz uma investigação sociolingüística, é sempre possível distribuir os falantes por diferentes faixas etárias (por exemplo, pessoas jovens, pessoas de meia-idade, pessoas idosas). Diante desse fator, os dados podem revelar uma clara correlação entre idade e uso de determinadas variantes. Tal fato pode estar assinalando apenas uma característica linguística própria de cada grupo etário que é adotada pelo falante e posteriormente abandonada à medida que ele vai passando de uma faixa de idade para outra (FARACO, 2005, p. 186).

As três faixas etárias definidas para a seleção dos informantes buscam o registro da fala na dimensão diageracional e em tempo aparente (LABOV, 1994). Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 75-76), a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: “1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso”.

Sendo assim, tanto o fator diageracional como o diassexual podem influenciar nas diferenças linguísticas e comportamentais de um grupo. Estudos indicam que as mulheres têm mais consciência linguística, pois há “uma maior consciência feminina do *status* social das formas lingüísticas. Mas essa tendência pode ser constada, igualmente, em outras línguas” (PAIVA, 2004, p. 35). O autor reconsidera, porém, que essa consciência feminina pode ser atribuída, no entanto, apenas em comunidades de fala ocidentais, as quais partilham aspectos de organização sociocultural semelhantes.

Conforme destaca Trudgill (1974), a fala de homens e mulheres é distinta, e os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais. Busse (2010, p. 53) reitera:

A variação linguística de sexo/gênero surge porque a língua, como fenômeno social, está relacionada a atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, e são regidos por diferentes regras sociais. A língua reflete simplesmente um fato social. [...] Isto é um reflexo do fato de que o comportamento social considerado mais “correto” é o da mulher.

Essas diferenças sociais podem, ainda, desencadear uma espécie de expectativa quanto ao comportamento linguístico de homens e mulheres. Da mesma forma, podemos considerar que há também expectativas em relação aos mais velhos e aos mais jovens.

Quando se fala em conservação de línguas minoritárias, no entanto, observamos uma diferença em relação à dimensão sexual, considerando o prestígio encoberto. Segundo Paiva (2004), os homens o atribuem como forma de identificação de grupo:

As variantes lingüísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo como um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isto é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um *status* particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade lingüística em geral (PAIVA, 2004, p. 40).

Assim, o que se pode também verificar, com a aplicação do questionário, é que os descendentes italianos, informantes desta pesquisa, falam mais o *talian* do que o italiano padrão, principalmente entre os falantes masculinos da geração mais velha, muito provavelmente, a partir da necessidade de se identificar como um grupo social.

Portanto, os fatores sociais sexo e faixa etária podem também influenciar o grau de bilinguismo e as crenças e atitudes dos falantes inseridos em contextos de contato linguístico. Estas, por sua vez, influenciam na manutenção/preservação ou não de uma variedade, da mesma forma que as crenças influenciam nas atitudes dos falantes e no grau de bilinguismo, que pode mudar, dependendo do prestígio e desprestígio de uma língua em determinado contexto. Esse entrelaçamento é

resultado da complexidade do psicológico, do comportamento e das relações humanas e, portanto, seria impossível apresentar resultados fechados, concretos e imutáveis.

A classe social não foi estabelecida como critério para esta pesquisa devido à dificuldade em se situar estratos. Silva-Corvalán (1989, p. 20) fala da complexidade em estabelecer o fator classe social nas pesquisas sociolinguísticas, pois eles não são estanques e os membros de uma comunidade estabelecem e acreditam pertencentes a um estrato social.

Ainda na dimensão diastrática, a escolaridade, também não foi colocada como um parâmetro, pois seria difícil termos acesso a pessoas com baixa escolaridade na geração mais nova. Da mesma forma, não foi estabelecida a dimensão dialingual pelo fato de dificilmente serem encontrados jovens cascavelenses que saibam falar em *talian*. Além disso, o intuito desta pesquisa é identificar até qual faixa etária o *talian* está sendo mantido entre os informantes de Cascavel.

As informações sobre o perfil dos informantes revelam que tanto os homens quanto as mulheres da faixa etária mais nova nasceram em Cascavel, têm Ensino Superior completo ou estão cursando. Quanto à faixa etária intermediária, apenas um não tem Ensino Superior, enquanto que as mulheres, todas, têm o terceiro grau completo. O que chama atenção é que todos os homens de 40 a 60 anos vieram dos estados sulistas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, enquanto que entre as mulheres, apenas uma veio do Rio Grande do Sul e as outras duas são paranaenses. Apesar de o nível de escolaridade não ser uma variável estabelecida para a seleção dos informantes, nem a dimensão diarreferencial, consideramos que esses dados podem revelar a subjetividade das crenças e atitudes linguísticas dos informantes, o que pode influenciar na análise.

3.3 Coleta e tratamento dos dados

A coleta dos dados obedeceu a três procedimentos básicos: observação participante, entrevista, com uso do questionário semidirigido, e transcrição grafemática. Com base na observação participante da comunidade, foi elaborado um questionário (em anexo) visando à coleta sistemática de dados específicos ligados

aos objetivos da pesquisa e também à obtenção de dados para novas e futuras pesquisas.

Na coleta de dados, optou-se pela aplicação de um questionário semidirigido, por meio de entrevistas informais e registros em áudio. O diário de campo foi um instrumento importante, pois foram registrados fatos e comentários que não foram captados durante a entrevista, os quais são fundamentais para uma observação do informante e da comunidade. Sabendo que todos são falantes do português, as entrevistas foram feitas, todas, no idioma oficial. No entanto, apenas um informante pediu para que a entrevista fosse realizada em italiano.

Apesar de as questões induzirem o informante a falar sobre questões étnicas e linguísticas, os entrevistados tinham total liberdade para falar sobre o assunto inquirido, pois a maioria das perguntas era aberta. Chamou a atenção que, muitos informantes, mesmo nas respostas fechadas, divagavam sobre diversas questões.

Os dados foram coletados no período compreendido entre os meses de junho e julho de 2013, em Cascavel. As aplicações do questionário foram feitas por meio de entrevistas individuais, previamente agendadas. As 18 entrevistas resultaram em aproximadamente 1.468 minutos, ou seja, 24 horas e 28 minutos e as transcrições, grafemáticas, foram feitas de agosto de 2013 a janeiro de 2014.

Este estudo é um recorte do projeto de pesquisa “Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o *talian* e o português”. Para este projeto foi aplicado o questionário (em anexo) que conta com 235 questões, elaboradas a partir de uma investigação bibliográfica e de campo, na comunidade investigada.

Buscamos, com as 68 questões dos dados pessoais, além de levantar informações como classe social e nível cultural, obter elementos sobre a história da família do informante, o que, conseqüentemente, denuncia qual o nível de interesse e valorização sobre sua história e sobre a cultura italiana.

A primeira parte do questionário tem, ainda, o objetivo de deixar o informante à vontade, ao contar histórias de sua experiência pessoal, assim como Tarallo observa: “Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*” (TARALLO, 2005, p. 22).

O Questionário Semântico-Lexical (QSL) possui 127 itens distribuídos por áreas semânticas: Alimentação e cozinha; Relação de parentela/família; Nomes

próprios; Qualidades/convívio e comportamento social; Expressões; Vestuário e acessórios; Habitação; Fauna; Verbos; Corpo humano.

Na identificação das variantes lexicais apresentadas em *talian* foi realizado um levantamento de dados na comunidade em questão, assim como utilizado o Dicionário talian-português (LUZZATTO, 2000). Para as formas em italiano padrão, foi utilizado o Dizionario Devoto Oli della Lingua Italiana (DEVOTO; OLI, 2007). Vale observar que essas variantes eram utilizadas apenas quando o informante não se lembrava de nenhum ou de algum termo.

Para que os informantes dessem as formas lexicais que se esperava nas entrevistas, foram mostradas figuras e feitas definições sobre a palavra em questão. Assim, quando o informante registrava a forma no *talian*, sugeríamos o padrão, ou vice-versa, para saber se ele, pelo menos, a reconhecia. O “Método da Sugestão”, defendido por Thun (2005), permite retomar determinadas informações e assim possibilita descrever o léxico passivo e ativo e o registro dos comentários como índices de atitudes e do comportamento linguístico dos falantes.

A “sugestão”, de Thun, no âmbito da geolinguística, possibilita, ainda, uma macroanálise das atitudes e posições metalinguísticas dos falantes que se encontram em contextos de contato linguístico. Quando se sugere outro termo para determinar o mesmo objeto, como Thun recomenda, existe a possibilidade, ainda, de que os entrevistados façam comentários metalinguísticos. Dessa forma, os itens lexicais podem ser atravessados pelas questões metalinguísticas, as quais podem complementar os dados e proporcionar uma análise mais densa sobre a difusão das variedades linguísticas italianas em Cascavel. Mesmo assim, para reflexões metalinguísticas, foram aplicadas, também, 40 questões com o objetivo de verificar o grau de consciência sociolinguística do informante, assim como a valorização ou estigmatização da forma linguística de seus antepassados.

Delimitada a área da pesquisa, definidos os instrumentos para o levantamento de dados, assim como os indivíduos a serem entrevistados, foi iniciada a coleta, o processo de transcrição, seleção e análise dos dados. Para a realização desta dissertação, no entanto, foram selecionadas questões com o intuito de atender aos objetivos do estudo, na tentativa de compreender o contexto linguístico-cultural da etnia italiana em Cascavel, a partir dos estudos de crenças e atitudes e de alguns dados referentes a questões metalinguísticas e históricas, assim como aquelas que

acionam a manutenção e a preservação de usos linguísticos, no nível semântico-lexical.

A análise dos dados será apresentada nas seguintes etapas: (i) Uma análise das marcas de identificação entre italo descendentes de Cascavel/PR; (ii) Comportamento linguístico da comunidade; (iii) Percepções sobre movimentos de celebração da italianidade no município.

Assim, na primeira parte da análise - Uma análise das marcas de identificação entre italo descendentes de Cascavel/PR - serão expostas algumas considerações sobre o contexto histórico e as marcas de identificação de grupo, com o objetivo de identificar os fatores que contribuíram e ainda contribuem para que a comunidade se identifique e se distancie da cultura étnica italiana, com base nas questões:

15. Com que idade chegou a Cascavel?
17. Qual foi o motivo que levou a família a mudar para Cascavel?
52. Qual foi o percurso da família até chegar a Cascavel?
53. Como era a região de Cascavel, quando chegaram aqui?

Na sequência, no subitem - Comportamento linguístico da comunidade -, analisamos os dados que compõem o nível de manutenção e preservação linguística, assim como as crenças e atitudes dos entrevistados, considerando os fatores sociais que envolvem o processo de manutenção/abandono da variedade linguística minoritária. Para isso, serão apresentadas algumas respostas e comentários sobre as questões:

72. Você fala italiano?
73. Se não, por quê?
74. Que língua você fala no dia a dia?
76. Qual foi a língua que você aprendeu com seus pais? Qual língua você aprendeu antes de ir para a escola?
77. Em que momento você aprendeu a língua italiana? Ou, a portuguesa...
78. Com quem você fala italiano?
79. Os integrantes da família falam italiano com você? Quais integrantes?
80. Em que ocasiões você fala italiano?
93. Você estuda ou estudou italiano em escola de língua?

Foi considerada também a questão 90, em que o informante ouviu dois áudios, sendo um falante do *talian*, e outro de um falante do italiano padrão. Na sequência, foram feitas perguntas sobre os áudios, sendo que destas, serão apresentadas respostas das seguintes questões:

Em que língua essas pessoas estão falando?
Há alguma diferença entre elas?
Qual das duas formas de falar você acha mais bonita?

A técnica é conhecida como *matchedguises* (falsos pares) ou *Matched Guise Technique*, que serve como base para a análise das crenças e atitudes dos falantes em questão. Apesar de os dois áudios não serem narrados pela mesma pessoa (bilíngue), como prevê a técnica criada pelo psicólogo social Lambert (1967), sendo, no caso, narrados por pessoas diferentes, observamos que muitos dos 18 informantes afirmaram que as duas pessoas estavam falando a mesma língua: o italiano. Sendo assim, e apesar de a técnica ter sido modificada, esta apresentou resultados positivos perante a análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes.

Ainda nesta etapa apresentamos os dados quantitativamente com o objetivo de ilustrar e demonstrar se o componente conativo, ou seja, se a propensão a agir ocorre de fato. Se quando o informante afirma saber o *talian*, por exemplo, o mesmo se lembra de determinados vocábulos.

Para isso, foram selecionados sete itens lexicais - *forchetta/piron* (garfo), *coltello/possada* (faca), *cipolla/sêola* (cebola), *sciocco/ bauco* (idiota), *sedia/carega* (cadeira), *prendere/ciapar* (pegar), *aprire/verdar* (abrir) - (apresentados no italiano padrão e no *talian*, respectivamente aqui), com o intuito de observar e comprovar o comportamento linguístico dos italo descendentes, informantes desta pesquisa, dentro dos estratos sociais faixa etária e sexo, em relação às variedades linguísticas italianas majoritária e minoritária. Para que os entrevistados falassem os vocábulos em questão foram feitos gestos, perguntas tais como: “O contrário de fechar é?”, ou apresentadas imagens.

Esses sete itens lexicais foram selecionados do Questionário Semântico-Lexical (QSL) das áreas semânticas: Alimentação e cozinha; Qualidades/convívio e comportamento social; Habitação; e Verbos, principalmente pelo fato de os

vacábulo serem totalmente distintos entre as variedades italianas majoritária e minoritária, assim como em relação ao português. Além disso, por serem bem diferentes fonética e fonologicamente, a propensão seria menor de os informantes confundirem os termos com o português e/ou com o italiano padrão, pois as três variedades linguísticas, assim como outras, descendem do latim e apresentam diversas palavras iguais e/ou semelhantes.

No segundo subitem - Percepções sobre movimentos de celebração da italianidade no município -, também de cunho qualitativo, apresentamos as percepções dos italo descendentes frente às manifestações de celebração étnica italiana em Cascavel, com base nas respostas e comentários das seguintes questões:

100. Participa ou já participou de algum movimento italiano? Coral, grupo, ou algo assim?
106. Aqui em Cascavel existe alguma festa italiana? Qual é sua opinião sobre ela(s)?
107. Há alguma entidade em Cascavel (clube, associação, programa...) que valoriza a cultura italiana? Você acha importante? Por quê?
108. Você acha que o que existe e está sendo feito é suficiente para manter e promover a cultura italiana? Qual a sua opinião?

As questões foram catalogadas para uma análise dos aspectos relacionados aos fatores de manutenção/preservação e valorização, cognitivos, conativos e emocionais dos informantes. López Morales (1993, p. 232) observa que as atitudes de uma comunidade linguística não podem ser analisadas de forma direta: “*El problema metodológico que esta concepción conlleva es que, definida así, la actitud no es observable ni analizable directamente, sino sólo de manera oblicua*” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 232)²³. Sendo assim, ao analisar o comportamento de um grupo perante a uma determinada forma linguística, deve-se, apenas, levantar hipóteses e apresentar resultados oblíquos.

Por isso, é importante apresentar as respostas das questões metalinguísticas, pois estas possibilitam a descrição do nível de bilinguismo dos descendentes, assim

²³ “O problema metodológico que esta concepção implica é que, definida assim, a atitude não é observável nem analisável diretamente, mas apenas de maneira oblíqua” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 232, tradução nossa).

como de atitudes de valorização e estigmatização frente às variedades linguísticas italianas em questão. As respostas de perguntas abertas do questionário podem comprovar a conclusão da pesquisa, pois proporcionam a observação do comportamento linguístico e cultural dos informantes e o grau de consciência sociolinguística deles.

4 UMA ANÁLISE DAS MARCAS DE IDENTIFICAÇÃO ENTRE ITALODESCENDENTES DE CASCAVEL/PR

A formação histórica de uma comunidade contribui sobremaneira para que um grupo se identifique etnicamente e continue ou não a manter ou preservar suas raízes. As comunidades italianas, por exemplo, passaram por períodos de estigmatização, em que marcas negativas transformaram-se, com o tempo, em fatores positivos que reafirmaram a identidade étnica do grupo.

A **valorização do trabalho** e a **heroicidade** do imigrante europeu em desbravar novas terras fizeram com que descendentes de italianos se orgulhassem e se identificassem. Muitos deles, ainda hoje, buscam se identificar com seus antepassados, heróis desbravadores de novas terras. Manfroi (1987, p. 185) discorre sobre a situação dos imigrantes quando aqui chegaram e o porquê o imigrante acabou sendo visto como um herói:

O abandono inicial, o isolamento, a falta de estradas e meios de transporte imprimiram um caráter de heroicidade ao trabalho dos imigrantes italianos do Rio Grande do Sul e de seus descendentes. Durante muitos anos, sofreram as consequências dessa situação. Mas, lentamente, a Serra Geral foi transformada pelo trabalho constante e persistente desses pioneiros (MANFROI, 1987, p. 185).

Zanini observa, porém, que desde a travessia, a identidade do imigrante começou a ser figurada como um desbravador:

A travessia, como um marco iniciador da identidade do imigrante, tornou-se, historicamente, a passagem que possibilitou a construção mitológica do colonizador, do desbravador, do herói, daquele que trouxe a civilidade, progresso, desenvolvimento e riqueza ao Novo Mundo (ZANINI, 2006, p. 65).

A autora explica que, para a maior parte dos informantes de sua pesquisa, a travessia simbolizava não apenas um momento de ruptura, mas também o desejo de uma nova situação de vida, um momento carregado de sentimento e que denota, acima de tudo, “a coragem dos antepassados”. Zanini constata com seu estudo, que, no entanto, cada família reelabora sua própria história e constrói a imagem do antepassado imigrante, a qual sofre influências da classe social e do gênero de quem conta a história, por exemplo. O que se faz é romantizar a biografia dos

antepassados e “tornar bela, romântica, marcante e inesquecível esta passagem é agora uma tarefa que os descendentes tomam para si” (ZANINI, 2006, p. 66).

Dentre os aspectos da visão do descendente italiano sobre sua cultura e sua língua, destaca-se o heroísmo dos antepassados no processo de imigração e na conquista de novos espaços, conforme relato a seguir:

HGIIIc - A bisavó que veio com cinco filhos, dentre eles o meu avô. O meu avô foi o imigrante. [Mas ela veio sozinha? O marido tinha falecido?] O marido tinha falecido, eu acredito que fazia pouco tempo, por isso que eu acho que até resolveram vir embora. Acho que até em função disso... [Corajosa!] Põe corajosa nisso! Ela tinha os filhos grandes tal... Mas ela foi muito corajosa, vir embora com cinco... e olha, se eu não me engano ela deve ter deixado lá duas filhas, o que é pior ainda. Que é uma decisão... Olha, vou te contar! Eu até estou escrevendo o primeiro encontro da família e estou colocando esse fato, né, dela simplesmente vai para um país que não sabe o que que é, não sabe onde vai parar e deixa duas filhas lá. [Devia estar muito difícil a situação lá, né?] Ah! Eu acho que era uma questão de vida ou morte. Uma questão de viver ou não. Uma questão que naquela época era terrível. Não morriam de fome, mas era doença toda hora. Aquelas doenças, febres... Morriam milhares e milhares por dia, coisa triste.

A saga dos imigrantes em todos os momentos, desde a travessia, e nos deslocamentos pelo Brasil, é marcada pela dificuldade e pela luta em formar novas comunidades, assim como em preservar a sua cultura:

HGIIIb - Vieram a procura de melhores condições de vida, de terra, a procura do, como é que diz a música italiana, *Mazzolin di Fiori*... Vieram pra América pra isso. E aí chegaram aqui, deram as terras lá em, ali em Garibaldi. Foi feita a doação de, não é doação, eles deram a concessão, por exemplo, José Boschioli. Eu tenho aí a concessão por escrito que nós, que consegui na internet. Eles deram a concessão de uma colônia de terra, só que o estado, naquele tempo, Garibaldi era o nome da comarca e essa comarca doaram pra eles, deram a concessão de uma colônia de terra, de 25.500m², e levaram dez anos para pagar. Depois de dez anos é que eles deram o título definitivo pra eles dessas terras. Então deram nos morros, né. Tiveram que enfrentar tudo que foi dificuldades possíveis e imagináveis. Era um matão sem fim. Tiveram muita dificuldade, ataque de tudo que foi animal que tinha, né. E foram abrindo aquela mataria e acabaram sendo vinicultores, né. E tenho até hoje lá parreiras plantadas pela família Boschioli.

Assim como o informante, Oro ressalta as adversidades que os imigrantes tiveram que enfrentar para sobreviver, tendo o trabalho como fator de identidade:

Para tanto, duplicaram a sua já extraordinária capacidade de trabalho e, para enfrentar e superar a perplexidade causada pelos traumatismos da imigração, foram buscar a força e a coragem nos mais significativos valores da tradição, como a religião católica, a

solidariedade social, a língua e o amor ao trabalho (ORO, 1996, p. 620-621).

Nesse sentido, a autora observa que esse discurso é recorrente, na acentuação do sacrifício e do sofrimento dos imigrantes e dos descendentes das primeiras gerações. Ela enfatiza, que, no entanto, por outro lado, isso enaltece sua bravura, “valentia e coragem, para enfrentar, vencer e superar as adversidades – é revelador de um processo de mitificação envolvendo o colono pioneiro que, neste ‘mito de origem’, é considerado uma espécie de ‘herói civilizador’” (ORO, 1996, p. 621). Para Zanini, o trabalho é fator de unidade identitária:

A imagem de que os antepassados trabalharam arduamente (*come bestie*), exaurindo ao máximo suas possibilidades físicas, está presente no imaginário dos descendentes contemporâneos, para quem, reviver o processo colonizador (em festas, em obras literárias ou pelas canções) é uma forma de honrá-los e de cristalizar acerca deles uma construção de gente trabalhadora e titânica. Sabedores de que foram uma colonização que se manteve e que, superando as dificuldades, fixou-se na terra, faz com que se sintam mais orgulhosos de suas origens italianas. A idéia corrente nos intelectuais regionais e locais e que perdura entre os descendentes é que quando os imigrantes italianos vieram para o Rio Grande do Sul, as melhores terras já haviam sido atribuídas entre os alemães, que, desde 1824, já colonizavam o Estado. Nas construções acerca do processo colonizador, quanto maiores as dificuldades, maiores as qualidades atribuídas aos pioneiros (ZANINI, 2006, p. 126).

Muito provavelmente prevaleceu, entre os colonos que chegaram a Cascavel, o sentimento de valentia dos antepassados, pois, assim como eles, desbravaram novas terras e transplantaram sua cultura e modo de vida para o local.

HGIIIc - Eles não saíram do Rio Grande do Sul. Eles vieram da Itália, vieram no navio, passaram pelo Rio, desceram em Porto Alegre, passaram por Caxias do Sul, lá permaneceram naqueles galpões de confinamento, de quarentena tal, depois devem ter feito aquele trajeto à pé, à pé, né, por picadas, nem imagino quantos dias devem ter levado pra fazer cento e poucos quilômetros... deve ter sido semanas e se instalaram num lugar onde não tinha casa, não tinha estrada, era só mato.

Descendentes italianos quando se dirigiram a novas terras, seja para Santa Catarina, ou para o Paraná, também enfrentaram dificuldades e se identificam com seus antepassados que chegaram ao Brasil, pois estes, são um exemplo a ser seguido, como Zanini comenta: “O emigrado, aquele que deixou a sua casa e a sua terra natal para conquistar novos horizontes, é considerado pelos descendentes

como um corajoso e um exemplo a ser passado por entre as gerações” (ZANINI, 2006, p. 65).

Dentre os informantes mais velhos, é recorrente o sentimento de orgulho em relação à heroicidade do imigrante italiano da família, assim como sua própria coragem de deixar o Rio Grande do Sul para desbravar novas terras brasileiras. As respostas revelam a motivação dos colonizadores em torno da possibilidade de exploração de recursos naturais e, portanto, a existência de condições favoráveis para a sobrevivência financeira e preservação da cultura do grupo.

HGIIIb - Madeira, pinheiros. Ficou algumas indústrias em Palmas, aí eu vim com meu irmão, Alfeo, hoje falecido, aí nós viemos aqui pra Cascavel, compramos terrenos aqui e montamos a primeira indústria de beneficiamento, foi a primeira indústria do gênero aqui em Cascavel. Tivemos isenção de impostos durante cinco anos e depois fomos montando mais serrarias e laminadora e trabalhamos até 1970, com indústria de madeira. Depois foi terminando a madeira, terminando pinheiro e aí começamos, adquirimos terra para agricultura. Na época o Banco do Brasil financiava todo equipamento pra gente iniciar na agricultura, foi o que nós fizemos. Financiamos máquinas, trator, trator de esteira e compramos uma área relativamente boa aqui e foi destocada, foi arrancado o mato que tinha, era quase, era um mato já, já tinha havido, já tinha muito posseiro na época e já era um mato queimado e tal e acabamos de limpar o mato e transformamos em lavoura e então dali pra cá foi, o nosso ramo foi, meu ramo foi lavoura e pecuária. A pecuária, aliás, quando eu morava em Coxilha já tinha lá uma fazenda de campo. Lá em Coxilha nós tinha uma fazenda de campo e lá que eu tive, que aprendi e gostei da pecuária, né. Lidar com cavalo, sempre tive bastante habilidade, né. Vim eu e meu irmão, depois quando encerramos as indústrias lá em Palmas aí veio meu pai, veio o outro irmão, aí ficamos aqui.

A noção do pioneirismo como virtude étnica é uma forma de reconstrução da italianidade em território brasileiro, como Zanini comenta:

O imigrante foi aquele que fez a si mesmo, herói mítico, pioneiro, corajoso e trabalhador. O colono, trabalhador da terra, foi, simbolicamente, o titã que dos terrenos pedregosos fez lavouras, do espaço vazio fez casa, família e civilização. Essa é a imagem que os descendentes guardam dos pioneiros, a de gente sofredora, adnegada, simples, esforçada, humilde e ambiciosa. Aliás, a ambição, em termos de virtudes étnicas, é uma referência constante herdada dos antepassados (ZANINI, 2006, p. 127).

Essa busca pela própria identidade, de povo heroico e desbravador, ainda é processada, como pode ser observado no depoimento de alguns informantes do sexo masculino da faixa etária mais velha, e tem nas manifestações culturais e na língua elementos que agregam o fator identitário. Há em torno das atividades do dia

a dia, do fazer do campo, também a manifestação da identidade do descendente de italiano, como observa Deitos: “Na região oeste do Paraná, o processo de colonização comportou uma característica cultural centrada na valorização do trabalho” (DEITOS, 2004, p. 40).

Outro fato histórico que marcou a comunidade italiana no Brasil foi a coibição linguística. A repressão política sobre os grupos minoritários e línguas de imigração no Sul do Brasil, durante a fase ditatorial do governo Vargas, deixou marcas profundas na história da comunidade italiana. A Propagação de Nacionalização do Estado Novo (1937-1945) proibia importar livros estrangeiros, assim como falar e ensinar línguas estrangeiras a menores de quatorze anos.

O uso da língua portuguesa passou, naquele período, a ser obrigatório em todos os setores da sociedade por imposição do poder político-administrativo. Ficou, assim, oficializado que nas escolas não se poderia mais falar língua estrangeira, como também não haveria mais publicações de periódicos nessas línguas e, em público, as pessoas só poderiam se expressar em língua portuguesa. “Aqueles que insistissem em não acatar essas determinações poderiam sofrer sérias consequências, como serem presos, por exemplo.” (SANTOS, 2001, p. 63). É claro que as medidas eram mais assíduas em relação às populações originárias dos países contra o Brasil na guerra, no caso, Itália e Alemanha. “Dessa forma a repressão instaurada durante a fase ditatorial do governo Vargas, sobre as comunidades coloniais do sul do Brasil, tornou o fato de ser italiano, ou alemão, um crime passível de punição” (CORSETTI, 1987, p. 381).

Sobre a preservação da língua, destaca-se o período de proibição, conforme relatado a seguir:

HGIIIc - Como nasci próximo da cidade os vizinhos já falavam português. Então era, por causa daquela proibição, da segunda guerra também alguma coisa, então já se falava muito português. Então eu posso te dizer, até os seis, sete anos, até a infância se falava italiano. Mas a escola, a igreja, as bodegas, quando você ia comprar, ia buscar, então você já usava muito o português e já era uma condição diferente falar português. Não que não se falava italiano, mas se procurava falar o português até em função de uma sequência de trabalho, de escola... Mas nós nunca abandonamos o italiano, nunca. Até hoje, junto com as famílias nós falamos. [Você já falava as duas então, antes de ir pra escola?] Já falava as duas...

Esta marca negativa, no entanto, transformou-se, com o tempo, em fator de preservação da cultura e da língua, de solidariedade de grupo, e em identificação

étnica. Depois do fim da guerra, como se pode perceber já na fala do informante, a escola já não era mais a mesma, pois esta havia crescido nas mãos de professores que falavam português. A situação tornava-se complexa no ambiente escolar, pois, conforme destaca Luzzatto (2000), se as crianças “não soubessem português, os demais as chamavam de gringos, por isso todas as famílias queriam que seus filhos falassem português” (LUZZATTO, 2000, p. 18).

A **estigmatização** foi outra marca fixada sobre a comunidade de italianos. Imigrantes e descendentes de italianos sofreram com o preconceito perante sua forma de falar. Inicialmente, essa estigmatização acabou gerando um complexo de inferioridade individual e coletivo, o que piorou com as medidas do Estado Novo. Sendo assim, por muito tempo os pais preferiam não ensinar a variedade italiana aos filhos, como Colognese observa: “Por muitos anos o seu uso foi desaconselhado pelos próprios pais, por constituir uma dificuldade para a integração dos filhos na sociedade brasileira” (COLOGNESE, 2004, p. 158). Ele frisa, ainda, que por isso o dialeto era mais utilizado pelos adultos, apenas em ambiente familiar.

Ao serem estigmatizados pelos grupos dominantes, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 7) observam que imigrantes e descendentes, tanto de italianos, como de alemães e japoneses, tiveram uma reação de “solidariedade entre si”, o que talvez tenha sido instintivo e de autodefesa.

Há também destaque com relação ao preconceito da origem étnica, como é possível observar a seguir:

HGIIIb - Essa perseguição por causa da língua a gente sempre levou na época, a gente se ofendia na época quando chamava a gente de gringo. Então os brasileiros, os caboclos chamavam a gente de gringo. Era pejorativo. Desde guri, eu ia para o grupo escolar, então era tudo brasileiro e eles me chamavam de gringo. [E se alguém te chamasse de gringo hoje, você se ofenderia?] Hoje não, hoje eles chamam até o americano de gringo também, né. Até não sei qual é o significado de gringo. Chamar um americano de gringo, qual é o significado? Depende qual é o objetivo que se quer atingir, né? Depois, com a segunda guerra, veio a perseguição, aí por motivos políticos, por causa da guerra, né. Mas era assim... e, por exemplo, chamar o alemão de alemão batata, o alemão não gostava que dissesse isso. Não sei se era porque eles gostam de batata o que que era. Mas assim, meio pra debochar dele, né. Pra atingir.

O processo de estigmatização está também ligado à questão socioeconômica. Quando se considera que a maioria dos imigrantes de italianos que chegaram ao Brasil era composta por agricultores, analfabetos, configura-se um

cenário propício para o preconceito. Rovílio Costa (1996, p. 261) apresenta um quadro com porcentagens de 100 casais italianos estabelecidos na I Léguas de Colônia Caxias, entre 1875-1878, com base no *Registro dos Imigrantes do Núcleo Colonial de Nova Palmira: 1875-1879*. Destes 100 casais, 50 esposos sabiam ler, e os outros 50 eram analfabetos. Entre as mulheres, apenas 21 eram alfabetizadas, e o restante, 79, eram analfabetas. Sendo assim, “percebeu-se que a alfabetização não é [era] algo comum entre os imigrantes” (COSTA, 1996, p. 262). O frade enfatiza, ainda, que entre os alfabetizados, deve-se considerar que poucos ultrapassavam a “mera soletração”. Segundo o autor, “O analfabetismo é, também, um dos indicadores do estado de privação social e cultural em que vivia a família italiana por ocasião da grande emigração europeia” (COSTA, 1996, p. 262). Os dados, citados como exemplo, mostram também que, na época, os homens tinham mais privilégio intelectual e que as mulheres eram privadas do estudo. Esses dados talvez indiquem o porquê da preocupação maior da mulher pelo estudo e pela língua padrão, como afirmam os sociolinguístas.

Após o período de repressão, descendentes de italianos acabaram tornando-se mais discretos em suas vivências culturais, segundo Zanini. Ela explica, ainda, que eles foram, até certo ponto e interesse, adquirindo hábitos e costumes da sociedade regional e nacional.

A alcunha de *gringos*, que muito os incomodava (e ainda incomoda), passou a se tornar corriqueira como designativo pejorativo pelo qual os nacionais denominavam os descendentes de italianos, fossem colonos ou não. Gringo grosso, gringo rude, gringo mão-de-vaca, gringo ladrão, gringo bebedor de vinho, gringo comedor de polenta, gringo sujo foram algumas das representações sociais que tomaram vida nos anos de contato pré e pós Estado Novo, tornando-se denominações carregadas de preconceito (ZANINI, 2006, p. 197).

No entanto, Frosi, Faggion e Dal Corno descrevem que a estigmatização, uma marca negativa, transformou-se em positiva, em “lealdade étnico-linguística” (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 9).

Assim, além da **heroicidade**, da **valorização do trabalho** e da **estigmatização** que se tornou em atitude positiva, as **relações afetivas e emocionais** também influenciam nessa busca, principalmente entre os informantes da faixa etária mais velha e intermediária do sexo masculino, os quais buscam se

identificar como um grupo étnico e continuam estabelecendo fronteiras étnicas, seja por ações culturais seja por meio de uma variedade linguística.

4.1 Comportamento linguístico da comunidade

Compreender a realidade linguística de alguns descendentes de italianos residentes em Cascavel/PR é uma maneira de entender como alguns processos linguísticos ocorrem e se acomodam entre os falantes. Acreditamos que o panorama dos dados poderá oferecer reflexões sobre o cenário das crenças e do comportamento dos italo descendentes com base nas variáveis extralinguísticas. No entanto, devemos considerar mais uma vez que há outras variáveis que atuam no campo da subjetividade, que dialogam com as crenças e atitudes linguísticas dos informantes, como o local de nascimento e a variedade linguística materna, por exemplo. Apesar de essas variáveis não terem sido estabelecidas para a seleção dos informantes, destacamos sua relevância para um estudo mais aprofundado da realidade do *talian* em Cascavel/PR.

Dentre os informantes, todos os da faixa etária mais velha, de ambos os sexos, vieram ou do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Os informantes masculinos da faixa etária intermediária - de 40 a 60 anos - vieram de um dos estados sulistas, assim como os mais velhos, enquanto que entre as mulheres, apenas uma veio do Rio Grande do Sul e as outras duas são paranaenses. Já os entrevistados da faixa etária mais nova nasceram em Cascavel. No entanto, vale lembrar que todos os 18 informantes, mesmo os que nasceram no Paraná, proveem de famílias de colonização sulista e, portanto, sabemos que o imigrante italiano da família se instalou no Rio Grande do Sul.

Nos dados do IBGE de 1970, sobre a naturalidade da população de Cascavel, apresentados por Piaia (2013), dos 49.767 habitantes, naquele ano, 14.626 eram riograndenses e 13.819 catarinenses. Piaia lembra que os paranaenses, em sua maioria, eram filhos de colonos italianos da região do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, fato que se confirma, pois todos os entrevistados para esta pesquisa afirmaram que os pais ou avós eram desses estados. Além disso, todos os informantes da faixa etária mais velha, com mais de 60 anos, por sua vez, tanto homens quanto mulheres, vieram do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina.

Com a aplicação dos questionários observamos, ainda, que mais de 50% dos informantes são descendentes de imigrantes do Vêneto, pelo lado paterno. Sendo assim, dos 18 entrevistados, 11 dizem que o imigrante paterno veio do Vêneto, dois da Lombardia e apenas um de Nápoles (Sul da Itália). Aqueles que não sabiam ou não lembravam a própria origem foram, na maior parte dos casos, informantes do sexo feminino. Já pelo lado materno há variações de descendência: dez são descendentes italianos, pelo lado materno também, quatro de alemães, entre outras descendências como portuguesa e brasileira. A maioria dos antepassados dos entrevistados - dez informantes - talvez tenha priorizado a etnia italiana da esposa, o que pode ser justificado por questões de identidade étnica.

Apesar de todos serem falantes do português, os níveis de bilinguismo são variados entre os informantes. É importante apontar, antes de tudo, que cinco deles tiveram o italiano como **língua materna**, sendo todos os entrevistados do sexo masculino da faixa etária mais velha e uma do sexo feminino também da GIII, além de um informante da faixa etária intermediária. É possível identificar esses italodescendentes como bilíngues de aquisição simultânea, pois aprenderam na infância, precocemente, mais de um idioma. Certamente, um fator fundamental para que alguns deles ainda lutem pela preservação dessa variedade seja o fato de terem a variedade linguística italiana minoritária como língua materna. Sobre isso, Confortin destaca:

[...] compreendem-se melhor as diferentes atitudes de um bilíngue em relação às línguas que fala, sobretudo os que aprenderam uma língua em casa, com a família, e outro na escola, no trabalho ou num outro país onde vivem. A língua aprendida com a família carrega em si o afeto que existiu nessa relação onde, além da linguagem, foram transmitidas uma cultura e uma ideologia (CONFORTIN, 1996, p. 575).

O informante HGIIIb, por exemplo, relata que aprendeu na infância o italiano, que hoje não fala o idioma no dia a dia, mas afirmou ainda saber se comunicar na língua materna.

Para ilustrar a situação da manutenção do italiano minoritário e/ou majoritário entre os informantes mais velhos, apresentamos um quadro com base nos sete itens

lexicais selecionados²⁴, sendo que em negrito estão os **termos registrados pelo informante**, como primeira resposta ao ser inquirido, e, em itálico, os *termos reconhecidos pelos entrevistados*, a partir da sugestão. Quando o informante nem registrou, nem reconheceu nenhum dos termos, deixamos o espaço em branco.

Quadro 3 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária mais velha - GIII

PADRÃO/TALIAN	HGIIIa	HGIIIb	HGIIIc	MGIIIa	MGIIIb	MGIIIc
Forchetta/ Piron	piron , <i>forchetta</i>	<i>piron</i>	piron , forchetta	<i>piron</i>	<i>forchetta</i>	piron , <i>forchetta</i>
Coltello/Possada	possada	<i>possada</i>	possada , cutello	<i>possada</i> <i>e coltello</i>		<i>possada</i>
Cipolla/ Sêola	segola , <i>cipolla</i> , <i>sêola</i>	<i>seola</i>	segola	seóla	<i>séola</i>	seole , <i>cipolla</i>
Sciocco/ Bauco	bauca	<i>bauco</i>	bauco	bauca	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>
Sedia/ Carega	carega	carega	carega , <i>sedia</i>	carega	<i>sedia</i>	carega
Prendere/Ciapar	ciapar , <i>prendere</i>	ciapar	ciapar , <i>prendere</i>	ciapar	<i>ciapar</i> , <i>prendere</i>	ciapar , <i>prendere</i>
Aprire/ Verdar	verder , <i>aprire</i>	verser	verder , <i>aprire</i>	verder , verdere , <i>aprire</i>	<i>aprire</i> , <i>verdar</i>	verder , <i>aprire</i>

Conforme os dados do quadro, podemos observar que o componente conativo e o nível de bilinguismo, entre os homens da faixa etária mais velha, é mais alto, pois registram como primeira resposta o *talian*. Entre as mulheres a manutenção dos itens lexicais no *talian* também se destaca e reitera a dimensão faixa etária como contexto favorável para a preservação da variedade minoritária italiana. De um lado, está o próprio conhecimento do falar, e, de outro, a atitude identitária, que se representa mais próxima da descendência italiana.

Outro fato que chama atenção é a observação do informante HGIIIc que notou as variações do *talian* ao responder *segola* e rebateu a sugestão do termo *séola*. Isso mostra um nível alto de consciência linguística e a prevalência do componente cognoscitivo: “Sim. Aí que tá algumas diferenças de alguns dialetos de

²⁴ Foram selecionados sete itens lexicais - *forchetta/piron* (garfo), *coltello/possada* (faca), *cipolla/sêola* (cebola), *sciocco/ bauco* (idiota), *sedia/carega* (cadeira), *prendere/ciapar* (pegar), *aprire/verdar* (abrir) - (apresentados no italiano padrão e no *talian*, respectivamente aqui), com o intuito de observar e comprovar o comportamento linguístico dos italo descendentes, informantes desta pesquisa, dentro dos estratos sociais faixa etária e sexo, em relação às variedades linguísticas italianas majoritária e minoritária.

comunidades. Nós em casa falávamos *segola*, mas alguns parentes falavam *séola*. Mas são duas palavras totalmente usadas”.

Já o informante HGIIIb lembrou de comentários da mãe, acionando o componente afetivo, quando o termo *bauco* foi sugerido: “A mãe usava muito ‘*mi someia un bauco*’, me parece um *bauco*, parece um bôbo.... (risos)”. Este comentário demonstra que, apesar de o informante não utilizar no dia a dia o *talian*, sua língua materna, ele ainda tem um bom domínio sobre a variedade.

O componente cognoscitivo prevalece entre os informantes desta faixa etária. O fato pode ser observado no comentário de HGIIIc para uma das variantes de cadeira. Ao falar *carega*, o termo do *talian*, e ao ouvir a sugestão de *sedia*, a resposta foi: “Só no oficial...”. Já MGIIIb, ao ouvir a sugestão *ciapar*, variante do *talian* para *pegar*, respondeu e observou: “*Prendere* quando eu estudei e *ciapar* eu ouvia...”.

Entre os informantes da terceira geração, apenas uma mulher registra conhecimento do *talian*. Apesar de MGIIIa ser descendente de italiano pelo lado paterno, a informante conta que não aprendeu com seus pais a variedade linguística italiana, mas com o esposo e amigos, o que coloca o fator diasssexual como fator atuante sobre a manutenção da língua, principalmente o *talian*. Assim, ela pode ser definida como uma bilíngue de aquisição consecutiva, tardia, da variedade minoritária. Além do contexto familiar, as atividades de cunho cultural podem ser tomadas como de maior influência para a preservação da cultura e da língua italiana, como é possível observar na resposta a seguir:

MGIIIc - Eu estou no folclore, no grupo [*Ladri di cuori*]. Já participei do Coral, mas este acabou... Eu não danço, mas eu conto a histórica dos imigrantes, quando eles vieram da Itália, então a gente conta toda essa parte... É um show-teatro que a gente conta uma parte, eles dançam. Eu volto a contar a história... Eu e meu marido, nós dois trabalhamos.

Quando interrogados se falavam italiano, alguns informantes diferenciaram a língua majoritária da minoritária, acionando o componente cognoscitivo mais uma vez. O *talian* é descrito como a língua da família, enquanto o padrão é escolar. HGIIIa, por exemplo, deixa clara a distinção entre as duas variedades: “Falo italiano, não... Falo o da região do vêneto, que hoje chamam de *talian*. Esse eu falo”.

Entre os **informantes da faixa etária intermediária**, não observamos uma valoração positiva ou negativa sobre as duas formas linguísticas.

HGIIC - *È. L'italiano go imparà a scola, so andà a due ani a studar l'italiano gramatical. [Sì. Ma parli l'italiano. Stai parlando...] Il dialeto ze mia lingua materna. El dialeto. El talian. E l'italiano go imparà a scola e anca ascoltando musiche italiane... allora go imparà anca l'italiano gramatical*²⁵.

No entanto, é possível registrar que maior parte dos homens, sendo dois desta faixa etária (GII), ainda prefere a variedade minoritária. HGIIC, por exemplo, ao ser instigado, conclui que a forma linguística mais bonita entre as duas em questão é o *talian*:

HGIIC - *Mi me piase.... perché go imparà anca ben il italiano... Me piase anca l'italiano... ze due lingue latine... Me piase. No go tanta fluenssia del'italiano, como go el talian, ma va bene le due... [Ma se dovissi scegliere una? La più bella...] Pì bela.... se no se sarissimo drio far italiano al programa (risos). Allora el taliano è pì bel e pì importante par mi.*²⁶

Percebemos, portanto, a prevalência do componente cognoscitivo, pois o nível de consciência linguística é alto, e, ao mesmo tempo, do componente afetivo, pois, ao defender e lutar pela língua materna, reafirmam-se as fronteiras étnicas, demonstrando que a identidade étnica toma características emocionais, em que, para alguns informantes falar em italiano é uma questão de preservar a própria identidade.

Por outro lado, alguns informantes acionam o componente conativo e estabelecem atitudes, mesmo que seja a favor da língua italiana de prestígio. Na resposta a seguir, a informante descreve a realidade da língua no seu cotidiano:

MGIIB - Não tem uma ocasião específica. Mas assim, de vez em quando, a gente tá fazendo alguma coisa aí lembra do italiano daí você fala alguma coisa. Mas é pouco também, né. Além da aula, de vez em quando, quando acontece alguma coisa na televisão e tal, você escuta alguma coisa, ou brinca, ou de repente a gente tá ouvindo uma entrevista falando alguma coisa da Itália, daí a gente acaba falando. E lá na Regional, de vez em quando a gente se encontra, a Marisa, eu e a Stefania e tentamos falar! (risos) Tentamos falar algumas palavrinhas em italiano, alguma coisa, depois a gente para (risos). Hoje mesmo de manhã encontrei com as duas, aí a

²⁵ HGIIC - É. O italiano que aprendi na escola, estudei por dois anos o italiano gramatical. O dialeto é a minha língua materna. O dialeto. O talian. E o italiano que aprendi na escola e também escutando músicas italianas, então aprendi o italiano gramatical também (tradução nossa).

²⁶ HGIIC - Eu gosto... Eu aprendi também o italiano... Eu também gosto do italiano... São duas línguas latinas... Eu gosto. Não tenho tanta fluência no italiano, como tenho no *talian*, mas as duas são bonitas... [Mas e se você tivesse que escolher uma? A mais bonita...] Mais bonita... se não nós faríamos o programa em italiano (risos). Então o talian é mais bonito e mais importante para mim (tradução nossa).

gente trocou umas palavrinhas, nem que seja buongiorno, come stai, bene... e lembra algumas coisas... mas assim, bem pouco, porque daí chega uma hora que falta, que esquece as palavras. Como é que é que fala... ihhh! Daí acaba não falando mais.

Há, entre os informantes, principalmente do sexo feminino, uma valorização da língua padrão sobre a variedade minoritária, tanto pelo fato de os pais não terem ensinado a língua em casa, quanto por questões de prestígio da língua *standard*.

MGIIb - Eu acho o italiano clássico, o padrão. Deixa o Jaime escutar isso! Eu assim, eu entendo tudo, eu sei, mas eu não gosto muito, eu prefiro o italiano, eu acho mais clássico, mais bonito, sabe? Gosto. Tudo bem é a língua dos meus avós, eu sei que é isso então eu não vou desprezar, mas eu acho mais bonito o italiano clássico mesmo, o padrão.

Da mesma forma, a informante MGIIc diz não saber falar em italiano por não ter feito curso “ainda”, apesar da descendência. Percebemos, mais uma vez assim, uma preocupação voltada mais para a variedade majoritária:

MGIIc - Porque ainda não comecei estudar... [Mas teu pai fala...] Ah, a gente não teve o costume e não ensinavam. [Porque você acha que não ensinou?] Porque eles já falavam português, né, depois de adultos já falavam português e como sempre trabalhavam muito não havia tempo de ensinar o italiano e falar português. Já não tinha mais os avós vivos, que talvez eles poderiam manter, né.

Na questão 90, os informantes ouviram dois áudios, sendo um falante do *talian* e outro do italiano padrão. A partir disso, os entrevistados eram interrogados sobre os falantes e as variedades linguísticas.²⁷ MGIIc demonstrou preferência pela variedade majoritária quando disse que a língua falada no segundo áudio parecia mais clássica e que era a mais bonita, pois era mais fácil de entender. Conforme a manutenção dos itens lexicais selecionados e tabulados, há indícios, realmente, de que a informante tinha pouco domínio sobre a língua padrão italiana, pois apenas reconheceu itens lexicais daquela variedade e nenhum do *talian*:

²⁷ A técnica é conhecida como *matchedguises* (falsos pares) ou *Matched Guise Technique*, que serve como base para a análise das crenças e atitudes dos falantes em questão. Apesar de os dois áudios não serem narrados pela mesma pessoa (bilíngue), como prevê a técnica criada pelo psicólogo social Lambert (1967), sendo, no caso, narrados por pessoas diferentes, observamos que muitos dos 18 informantes afirmaram que as duas pessoas estavam falando a mesma língua: o italiano. Sendo assim, e apesar de a técnica ter sido modificada, esta apresentou resultados positivos perante a análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes.

Quadro 4 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária intermediária
- GII

PADRÃO/TALIAN	HGIIa	HGIIb	HGIIc	MGIIa	MGIIb	MGIIc
Forchetta/ Piron	piron, <i>forchetta</i>		piron, forchetta	forchetta, <i>piron</i>	forchetta, <i>piron</i>	<i>forchetta</i>
Coltello/Possada	possada, <i>coltello</i>		possada, <i>coltello</i>	coltello	<i>coltello,</i> <i>possada</i>	<i>coltello</i>
Cipolla/ Sêola	cipolla, sêola		sigola, sêola, <i>cipolla</i>	cipolla	cipolla, <i>sêola</i>	<i>cipolla,</i> <i>seola</i>
Sciocco/ Bauco	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	bauca, ció	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	
Sedia/ Carega	carega, sedia	<i>carega</i>	carega, sedia	sedia	sedia, <i>carega</i>	
Prendere/Ciapar	ciapar, <i>prendere</i>	ciapar	ciapar, prender	prendere, <i>ciapar</i>	<i>prendere,</i> <i>ciapar</i>	<i>prendere</i>
Aprire/ Verdar	verder, <i>aprire</i>		verder, aprire	aprire	aprire	<i>aprire</i>

Constatamos também, a partir desse quadro, que dois informantes, da faixa etária intermediária, têm um comportamento semelhante aos informantes mais velhos, prevalencendo o componente afetivo. Assim como os homens da GIII, os informantes do sexo masculino da GII sempre registravam os termos, primeiro, em *talian*. Além disso, mostraram um bom nível de consciência sociolinguística, pois sempre acionavam também o componente cognoscitivo, tanto pelo fato de darem a forma no italiano padrão, como por conseguirem diferenciar as duas formas. HGIIc, por exemplo, comentou a sugestão do termo *cipolla*, dizendo que este faz parte do italiano *standard* para *cebola*, assim como *sedia* (cadeira).

A manutenção da língua italiana entre as mulheres da faixa etária intermediária, como pode ser observado, no entanto, é direcionada à língua *standard*. Entre as informantes, MGIIb observou: “*Possada* era o que os meus pais falavam, que era no caso na língua deles e *coltelo* é o que a gente aprendeu na língua italiana, no curso”. Além destes termos, ela observou que *sêola* era o que seus pais falavam, assim como *ciapar*.

Os dados indicam que a variável diasssexual influencia no comportamento linguístico. Paiva (2004, p. 40) observa que a consciência feminina está direcionada ao *status* social das formas linguísticas e pode ser atribuída ao formalismo: “Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social”.

Assim como as mulheres da faixa etária intermediária, os **informantes mais jovens** demonstraram uma preocupação com a **questão normativa da língua**:

HG1a - É importante [a língua italiana]. Eu quero aprender mesmo. É uma língua que eu quero estudar. Não tá em primeiro plano, mas eu quero estudar, mas mais porque eu gosto de estudar línguas. Eu gosto de português, eu gosto de inglês, eu gosto de espanhol, eu gosto de francês, eu gosto de alemão, eu gosto de italiano. Eu queria aprender todas. Mas com oitenta anos quem sabe eu consiga aprender todas (ironiza).

Além de evidenciarem preocupação com a questão gramatical da língua italiana, os mais jovens demonstraram **consciência sociolinguística** em relação às variedades padrão e minoritária, como é possível observar no seguinte comentário, em que o informante compara as duas variedades, o que evidencia a sobreposição da língua padrão e seu *status* social para o grupo:

HG1c - Então, eu entendo italiano. Algumas coisas eu falo em italiano. Falta gramática e falta, às vezes, concordância. Entendeu? Mas eu falo... Por exemplo, a mãe fala comigo em talian, eu respondo pra ela em italiano. Entendeu? Em gramatical. Eu não peguei muito, por mais que eu sei, eu entendo o que ela quer falar, mas eu não consigo falar... Eu não associei ainda, dá um choque na hora de você falar vecio pra vechio. Entendeu?

A consciência sociolinguística pode acionar também avaliações negativas em relação a uma variedade linguística, conforme resposta a seguir:

HG1c - Total, né. O *talian*, pelo que eu vejo eles falando, parece que é o italiano meio bêbado, falando... Com preguiça de falar. O *talian* é o preguiçoso falando, entre aspas, né. O gramatical não, você tem que abrir mais a boca, pronunciar melhor, então a diferença é essa: a pronúncia, o jeito de pronunciar, a fonética de como tá assoprando a palavra. Um é mais com a boca fechada, a outra é mais com a boca aberta, abrindo mais, né.

Podemos observar uma prevalência do componente cognoscitivo nas respostas de alguns informantes. Apesar de certo estigma em relação à forma minoritária, há o resgate de uma memória linguística (que remete à identidade étnica), por exemplo, no registro das variantes lexicais do *talian*:

Quadro 5 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária mais jovem -

GI

PADRÃO/TALIAN	HGIa	HGIb	HGIc	MGIa	MGIb	MGIc
Forchetta/ Piron			<i>forchetta</i>			<i>forchetta</i>
Coltello/Possada		<i>coltello</i>		<i>coltello</i>		<i>coltello</i>
Cipolla/ Sêola	<i>cipolla</i>	segola, seola, <i>cipolla</i>	cipolla, <i>seola</i>		<i>cipolla</i>	<i>cipolla</i>
Sciocco/ Bauco	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	bauco	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	
Sedia/ Carega			sedia, <i>carega</i>		sedia	
Prendere/Ciapar		<i>ciapar</i>	prendere, <i>ciapar</i>	<i>prendere</i>	prendere	<i>prendere</i>
Aprire/ Verdar		<i>verser,</i> versere	aprire, <i>verser</i>		<i>verdar,</i> verdere, <i>aprire</i>	

Apenas um dos informantes mais jovens, HGIc, do sexo masculino, apresenta um nível mais alto de consciência linguística, o que é demonstrado, por exemplo, no comentário sobre o termo sugerido *sèola*: “Sim, dialeto vêneto...” e também pela quantidade de registros (em negrito) e reconhecimento (em itálico).

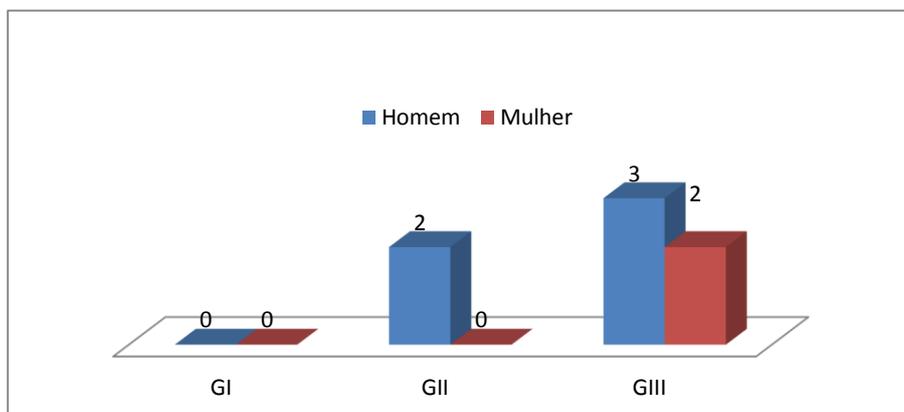
Apesar de o informante HGIc registrar o conhecimento do *talian*, por meio do termo *bauco*, e do reconhecimento dos vocábulos *seola*, *carega*, *ciapar* e *verser*, ele avalia o padrão como forma “mais bonita. A primeira, ela é mais popular. Eu me familiarizo mais, até porque eu escuto mais a primeira, o *talian*. Mas a mais bonita, com certeza, é o italiano” (HGIc).

As respostas obtidas por meio da questão 90 - técnica conhecida como *matchedguises* (falsos pares) ou *Matched Guise Technique* - revelam as crenças dos falantes em relação às duas variedades linguísticas, podendo acionar tanto a consciência sociolinguística do falante e suas crenças, ou seja, o componente cognoscitivo, como o componente afetivo, considerando que os informantes demonstram qual das variedades eles avaliam positivamente e negativamente.

Todos os entrevistados da faixa etária mais jovem responderam que preferem a segunda variedade, ou seja, a padrão. Já entre os falantes da faixa etária intermediária, apenas dois disseram preferir a primeira forma, ou seja, o *talian*, sendo que são os dois do sexo masculino. Entre os informantes da faixa etária mais velha, apenas uma, do sexo feminino, disse preferir o padrão, MGIIIb. Na resposta para uma das perguntas da questão 90, os informantes do sexo masculino, da segunda e terceira geração, registraram a preferência pelo *talian*. Já as informantes

femininas da primeira e da segunda geração, juntamente com os homens mais jovens dizem preferir o italiano padrão.

Gráfico 1 - Respostas registradas na avaliação positiva do uso do *talian*



É possível observar que as crenças dos informantes do sexo masculino da faixa etária intermediária se aproximam daquelas dos entrevistados da faixa etária mais velha (GIII). Os homens da faixa etária mais velha, assim como dois informantes da faixa etária intermediária, podem ser identificados como revivificadores do *talian*, o que é reforçado por López Morales, quando diz sobre o prestígio encoberto: “*Los hombres, por otra parte, también son sensibles a cierto estatuto de prestigio, pero no al general y abierto de la variedad estándar, sino al prestigio encubierto*” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 127).

Entre os informantes da faixa etária intermediária, são registradas justificativas e avaliações nos comentários sobre a preferência por uma ou outra variedade, como é possível observar a seguir:

MGIIb - Eu acho o italiano **clássico**, o padrão. [...] Eu assim, eu entendo tudo, eu sei, mas eu não gosto muito, **eu prefiro o italiano**, eu acho mais clássico, mais bonito, sabe? Gosto. Tudo bem é a língua dos meus avós, eu sei que é isso então eu não vou desprezar, mas eu acho mais bonito **o italiano clássico** mesmo, o padrão.

Já os informantes da faixa etária mais velha justificam a escolha da mais bonita pela familiaridade, ou seja, pelo componente afetivo, quando dizem ser “a forma que a minha mãe falava”, por exemplo. O componente cognoscitivo também prevalece, quando os informantes dizem “entender melhor” a primeira forma que ouviram, ou seja, o *talian*:

- (I) HGIIIa - A primeira, que eu **entendo melhor**...
- (II) HGIIIb - Acho que a primeira. Não sei se é porque eu **entendi mais**, entendi melhor... Acho que a primeira. Eu acho que se parece bem com o que eu aprendi, digamos assim, com **a forma que a minha mãe falava**.
- (III) HGIIIc - Eu gosto das duas. [Mas se você tivesse que escolher uma?] Pra conversar eu prefiro o talian... [Mas você acha mais bonito?] Mais bonito. Gosto de conversar, de falar o dialeto. Acho ele **mais expressivo**. O outro é mais oficial, mais seco.
- (IV) MGIIIa - O primeiro, eu **entendi mais**...
- (V) MGIIIb - Acho a segunda. É mais compreensível por causa da pronúncia e do ritmo de fala.
- (VI) MGIIIc - Bom, eu acho mais bonita a nossa, **porque eu conheço** (risos). O povo **entende mais**...

Os componentes cognoscitivo e afetivo estão interligados, como os teóricos defendem e como pode ser observado nos depoimentos. A resposta da informante MGIIIc, por exemplo, é intercruzada pelos dois componentes, pois quando ela diz que “entende mais” e que conhece mais a variedade linguística minoritária, ela aciona o componente cognoscitivo, ou seja, a consciência sociolinguística e seus conhecimentos perante determinada variedade. Porém, quando diz “eu acho mais bonita a nossa”, o pronome possessivo demonstra vínculo e sentimentos identitários, ou seja, prevalece ao mesmo tempo o componente afetivo.

É possível observar também que apenas uma das informantes da faixa etária mais velha, MGIIIb, compreende melhor a forma padrão e a considera “mais bonita”. Os outros entrevistados da GIII, assim como maior parte dos informantes do sexo masculino da GII, avaliam a variedade minoritária italiana como mais bonita. As mulheres da faixa etária intermediária, por sua vez, assim como a MGIIIb, se aproximam das crenças apresentadas pelos mais jovens, o que confirma a teoria de que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens.

Destacamos também um comentário da informante MGIIb, sobre o termo *bauco*: “Ah, sim! Essa era a palavra que eu ia te falar que falo para o meu marido (risos). Muito, muito. Era uma das palavras que quando eu era criança eu achava

que era do português (risos)”. Tal comentário pode ser tomado como indício de que esta informante é bilíngue, ainda que passiva, de forma composta, conforme Romaine (1995) destaca, ou seja, teve uma aquisição de dois códigos por meio da mesma representação mental comum, não separando um idioma do outro, um significado do outro.²⁸

Os dados indicam que o fator diageracional também influencia no comportamento linguístico dos falantes, o que pode também ser observado nesta comunidade, com esses informantes. Os mais jovens, da GI, preservam menos o *talian* do que os mais velhos e os da faixa etária intermediária, e, assim como as mulheres da faixa etária intermediária, direcionam-se mais à variedade *standard*, como pode ser observado no quadro apresentado acima. No entanto, há diferenças de comportamento dentro de cada subgrupo, de cada faixa etária, o que evidencia a complexidade de estabelecer estratos sociais.

Sobre o conhecimento ou não da língua e seu uso, destaca-se, em algumas respostas, o comportamento dos mais velhos, pois os mais jovens observam a postura dos pais:

MG1a - Porque não ensinaram... Acho que por a mãe não saber... Se a mãe fosse descendente ou soubesse italiano então eles conversassem, a gente ia acabar aprendendo... Eu falo inglês e o Joni [esposo] fala inglês também. O Joni fala um pouco italiano. Às vezes algumas coisas a gente acaba conversando em inglês e o Nicholas acaba aprendendo... Então acho que se o pai e a mãe falassem, a mãe tivesse alguma noção do italiano, eles conversariam e a gente aprenderia também. Então mais pela mistura de, pela mistura de descendência acabou parando ali o idioma diferente.

O informante HG1c também avalia o processo de migração para Cascavel e houve a atitude de conservação dos hábitos culturais dos descendentes que migraram para a localidade.

HG1c - A gente já falava... Eu já falava português, porque aqui, por mais que... Sabe quando parece que eles não querem, que eles têm vergonha de trazer o repertório

²⁸ O bilinguismo pode ser observado, também, pela forma como ocorre. Para Romaine (1995, p. 78), ele será composto ou coordenado, conforme discussões teóricas em relação ao bilinguismo individual. Enquanto o bilíngue composto é aquele que tem a aquisição de dois códigos por meio da mesma representação mental comum, o coordenado adquire as duas línguas por meio de representações distintas e as aprende em ambientes separados. Assim, o bilíngue coordenado é aquele indivíduo que mantém as palavras das duas línguas separadamente, ou seja, as mantém de maneira que cada vocábulo tenha seu significado próprio e específico.

cultural deles pra cá? Minha família foi muito, pelo que eu percebi foi muito assim. Com meus dois irmãos que moravam no Rio Grande do Sul era tranquilo falar em italiano. [Eles falam?] Os meus dois irmãos falam italiano, só que não o gramatical, o vêneto, porque eles cresceram nisso também. E eu brigo com a mãe porque ela falou pouco em italiano comigo, entendeu? Por isso que eu não sei. Quer dizer, eu entendo, mas não sei falar, porque aqui em Cascavel, eu nasci aqui em Cascavel, e parece que aqui foi uma coisa meio que encapsulada. Ah, eu não posso dizer que sou italiano... Alguma coisa nesse sentido. Entendeu? E daí eles falavam mais português aqui e eu fui mais pra esse lado.

Na resposta, o informante observou que a família passou por processos de estigmatização na comunidade cascavelense e notou, ainda, como o contexto em que o falante está inserido pode influenciar na manutenção ou no abandono de uma variante, pois os irmãos, que moraram no Rio Grande do Sul, conseguiram manter a variedade minoritária, diferentemente do entrevistado, que nasceu em Cascavel.

Hoje, os falantes bilíngues de português-italiano, inseridos em contextos diferenciados, acabam utilizando o italiano apenas em ambientes restritos, como em ambiente familiar ou em situações determinadas e planejadas, como no programa de rádio e nos encontros do grupo *Filò*, pelos informantes mais velhos do sexo masculino. Confortin enfatiza que, portanto, “o fato de falar duas ou mais línguas, não supõe sempre a existência de uma comunidade bilíngue” (CONFORTIN, 1996, p. 573). Em Cascavel, podemos observar, também, que a existência de alguns bilíngues não pressupõe a existência de uma comunidade bilíngue português-italiano e que ocorre mais a preservação do que a manutenção em si.

Podemos identificar três atitudes linguísticas distintas entre os informantes descendentes de italianos em Cascavel. Em alguns, percebemos um grande saudosismo e apego, assim como um anseio pela preservação da língua e da cultura da etnia italiana. Outros, no entanto, se preocupam mais com a língua e cultura brasileira, assim como aquela dominante, como é o caso do informante HG1a, que domina o inglês. Para os mais jovens e para as mulheres da GII, falar o *talian* é sinônimo de inferioridade. Outra parcela, porém, tem uma atitude intermediária, de equilíbrio entre as duas culturas.

Os homens mais velhos, e parte daqueles da faixa etária intermediária fazem questão de contrastar-se da comunidade geral cascavelense e brasileira, afirmando-se como um grupo diante dos outros, diferenciando-se por meio de relações interétnicas, estabelecendo fronteiras e afirmando um “nós” diante dos “outros”.

A identidade étnica desse grupo de descendentes, portanto, não é homogênea, pois os mais jovens têm um comportamento diferente em relação à língua e à cultura italiana, assim como as mulheres em relação aos homens. Enquanto os mais jovens se direcionam mais à língua padrão, diversos informantes mais velhos, principalmente aqueles revivificadores do *talian*, apesar de se instrumentalizarem em relação à língua estrangeira, fazem questão de manter as fronteiras étnicas por meio da variedade minoritária italiana. Isto comprova, o prestígio encoberto, citado por diversos autores, entre eles Paiva:

De certa forma, pode-se dizer que os homens estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas lingüísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados. Diferentemente, as mulheres, em muitos casos mais concentradas em atividades domésticas, possuem menor oportunidades de experiências coletivas que exijam a coesão do grupo (PAIVA, 2004, p. 40).

De fato, entre os informantes da faixa etária mais velha, são os homens que mais se socializam, que se encontram nos ensaios do grupo *Filò*, por exemplo, do que as mulheres. Colognese também observa que a presença dos homens em grupos e corais italianos é mais ativa: “Tradicionalmente esses corais eram predominantemente masculinos, sendo rara a presença feminina” (COLOGNESE, 2004, p. 156).

Krug (2004, p. 51), em sua pesquisa, destaca que na comunidade italiana da área rural de Imigrante, no Rio Grande do Sul, os mais velhos são os que mais falam a variedade italiana em casa, pois estes possuem “uma identidade mais forte” em relação à faixa etária mais nova. O mesmo ocorre entre os informantes mais velhos, da GIII e parte da GII, de Cascavel/PR, que são bilíngues ativos. Entre as mulheres da GII registramos um comportamento linguístico mais passivo na identificação dos itens lexicais do *talian*, mas uma atitude ativa com relação à língua padrão. Os mais jovens, no entanto, apesar de reconhecerem alguns itens lexicais, não são falantes nem do *talian*, nem do padrão, apesar de se direcionarem e preferirem a variedade majoritária.

Colognese (2004, p. 114) observa que não há nenhuma referência ao cultivo e ao ensino da variedade linguística minoritária pelas associações étnicas do Oeste do Paraná. Ele observa que, apesar de a “língua italiana oficial” não ser aquela

utilizada pelos antepassados, é apenas esta a referenciada. Apesar disso, ele elucida o fato de o interesse pelo italiano padrão também ser mínimo entre as gerações mais novas de descendentes: “Com a crescente integração dos filhos de imigrantes italianos à sociedade brasileira, não apenas o vêneto está praticamente desaparecendo, sobretudo nas cidades, mas o próprio gosto pelo aprendizado da língua italiana oficial torna-se difícil de ser despertado” (COLOGNESE, 2004, p. 161), o que é um dos desafios para as instituições étnicas. Apesar de lamentarem o comportamento das novas gerações, eles compreendem essas alterações sociais como uma “perda” cultural.

Sobre a importância da língua italiana alguns informantes identificam seu uso a espaços restritos, principalmente, os familiares. Na sociedade, em geral, as respostas indicam a ausência de políticas linguísticas de preservação da língua e cultura de imigração:

HGIIIc - Eu gosto da língua italiana. Mas não vivo a língua italiana. Ela é importante pra uma sequência de família... Mas não sabemos até quando essa língua vai permanecer porque não há interesse em termos nacionais de se manter a língua italiana. Ela é de grupos. Ela é de estados, de locais. Mesmo dentro do estado do Rio Grande do Sul, eu te diria o seguinte, 5% do estado quer manter a língua italiana. Então eu te diria: quê importância tem a língua italiana para o estado do Rio Grande do Sul? Nossa! Importância cultural! Nós não podemos perder a cultura da língua italiana. Até quando? Ela é muito, ela é importantíssima, pra 5%! Pra 5%, de repente, pra aquela região ela é importantíssima. Pro estado ela não chega a ser nem importante. Agora, pra comunidade italiana, ah, ela é importante, porque ela é gostosa, todo mundo se comunica, vive ela, lembra, recorda, aquelas coisas... Então ela é importante. Dou o sentido importante, porque não quero esquecer, porque ainda vivo ela, porque ainda me comunico, porque ainda vivo alguma coisa da língua italiana, mas eu poderia viver sem. E também não poderia viver só com ela, entende? Por isso que eu classifico: importantíssima, se eu não pudesse viver sem ela. Hoje nós vivemos sem a língua italiana. Eu defendo a língua italiana, escrevo em talian. Até hoje ainda faço tudo... Mas se eu for honestamente sincero, ela é importante porque eu vivo ela. Entende? Hoje se eu for fazer essa mesma pergunta a um filho meu, ele vai responder: ah, pai. Pra mim não me interessa nada porque primeiro eu não falo, segundo eu não entendo, terceiro eu hoje me comunico em português onde eu for, até na Itália com alguma outra língua, outra coisa... enfim... Infelizmente eu acho que nas condições que nós tamos levando ela tem um prazo. Ela tem um prazo. Ela tem validade, entende? Nós somos ainda uma geração que ainda estamos carregando ainda 80% da língua italiana, tomara que eu me engane, que eu esteja falando bobagem, mas eu acredito que dentro de 20 anos, de 15 a 20 anos, ela deverá cair pra 20%, 10% da importância dessa... Não estou nem falando na língua italiana, eu to falando mais até no talian, que seria essa nossa. A língua italiana permanecerá em função do país, em função de uma nação que sempre vai ter a sua língua italiana. Mas ela vai ser muito restrita pra quem vai interessar. Essa é a minha opinião sobre a língua italiana.

A resposta remete também a questões identitárias do descendente que, ao se distanciar da língua, perde os elementos que o identificam com aquele grupo e lhe dão uma condição de pertencimento. Colognese (2011) observa, com base nas palavras de Dominguez (2000), que algumas questões principais se organizam e que se deve considerar se as gerações constituem grupos “objetivamente ou necessitam para isso de certa consciência geracional; se as relações geracionais são essencialmente conflitantes e marcadas pela ruptura ou consensuais e marcadas pela continuidade”. Vale destacar que, mesmo assim, as fronteiras geracionais existem e têm relevância, apesar de não serem claras e precisas.

Na comunidade de descendentes de italianos de frente sulista em Cascavel, entre a geração mais velha e alguns dos homens da geração intermediária, é possível reconhecer situações de bilinguismo português/italiano. No entanto, trata-se de um bilinguismo muito mais ocasional e proposital, de interações planejadas, organizadas em prol à preservação do *talian*, assim como a cultura italiana dos imigrantes, pois estas estão vinculadas. Segundo Oro, “Ao cultivar o *talian*, como ocorre com qualquer idioma que é mantido, todo um conjunto de elementos culturais são também preservados” (ORO, 1996, p. 615).

Para explicar a atitude dos mais velhos em relação à língua, podemos observar o apego ao passado, citado por Colognese. O autor explica que o saudosismo é o que motiva alguns descendentes a participarem de associações étnicas, o que pode ser aplicado também à preservação linguística italiana minoritária:

A ‘saudade do passado’ é um dos motivos principais que determinam a participação nas associações étnicas. Para os entrevistados, não se trata de saudade do passado em si, mas, sim, da convivência que havia entre os italianos, da simplicidade e da alegria de que se revestiam os encontros entre vizinhos, da espontaneidade e colaboração que acompanhavam a realização do ‘filó’, das visitas e encontros que eram celebrados como rituais festivos, nos quais se contavam ‘histórias’ do passado, anedotas e casos pitorescos do cotidiano dos imigrantes, trocavam-se idéias e impressões sobre o mundo e a vida em geral, falava-se o dialeto, desgustavam-se comidas típicas, bebia-se o vinho, e se cantava. Enfim, eram encontros carregados de emotividade, de sentido e de partilha de valores comuns. Diante das transformações sociais que têm conduzido ao desaparecimento dessas realidades, as associações étnicas seriam um dos meios para recriar um espaço de encontro e convivência étnica. A participação nas associações étnicas é movida pela expectativa de responder a esse sentimento, que faz os

descendentes de italianos sentirem saudade dos momentos de partilha de emoções, histórias, sofrimentos e vitórias, reatando laços comuns que os unem desde um passado distante. Os jantares, com as comidas típicas e o vinho, constituem o pretexto perfeito para o encontro, para o exercício da língua italiana e do canto, enfim, para a atualização de um passado que insiste em se manter vivo como uma idealização na consciência coletiva desses descendentes (COLOGNESE, 2004, p. 132-133).

O pesquisador esclarece, ainda, que por outro lado, existe o temor de que as novas gerações de descendentes italianos se distanciem das “raízes”, o que constitui um motivo especial para a existência das associações étnicas, pois a “perda dos valores culturais poderia representar a ruína das novas gerações” (COLOGNESE, 2004, p. 133), e que por isso o objetivo é o resgate dos costumes e valores “forjados no passado e que serviram de referência para a superação das dificuldades e a realização dos sonhos de prosperidade no Brasil”.

Podemos, talvez, concluir que os mais jovens, ainda que de forma restrita, acabam se direcionando à variedade linguística majoritária italiana, tanto por ser a única forma de resgatar a fala em italiano, pois seus pais não se comunicam mais na variedade minoritária ou não se dispõem a ensiná-la, como pelo *status* ideologicamente conferido à língua *standard*. A informante MG1b, por exemplo, destaca a condição de aprendiz da língua italiana e as situações de uso limitadas pelo ambiente de interação:

MG1b - Eu tento falar italiano (risos). Na verdade assim, eu poderia ter falado mais, aproveitado mais, porque eu morei alguns anos com meus avós, né. Meu pai e minha mãe moravam junto. Meu vô sempre falou. Então tem palavras perdidas assim que hoje me dou conta que era italiano e eu achava que era do português, que eu falo assim, sabe? Então eu falo, meu Deus isso...

A informante relatou que se interessou mais pela língua italiana quando começou a viajar com mais frequência e que por isso buscou o curso de língua. Quanto à percepção em diferenciar a língua italiana padrão da variedade minoritária, ela disse: “Eu percebo que o primeiro é mais dialeto e o segundo o italiano que eu vi lá na Itália, o que eu estudo...”. Além da busca pela língua padrão, pois fez curso da língua estrangeira, a informante afirmou que o áudio, em língua padrão, era mais bonito. Há, portanto, o resgate dos costumes e valores recriados pelos descendentes mais novos.

Os dados indicam que nem sempre as fronteiras linguísticas comprometem as fronteiras étnicas culturais, como é o caso do informante HGlc, que entende o *talian*, mas prefere o italiano padrão, apesar de ser um revivificador da cultura folclórica italiana em Cascavel, representada pelo grupo de dança *Ladri di cuori*.

Busse (2010, p. 266-268) conclui em sua pesquisa de tese referente ao estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná que as dimensões diassexual e diageracional interferem nas formas de inovação e preservação da fala, o que também podemos afirmar neste estudo. A pesquisadora observa que as mulheres e os jovens são os que mais apresentam as formas de prestígio (positivas), assim como as de inovação, enquanto que os homens e os mais velhos são mais conservadores quanto à fala minoritária do grupo de origem, apesar de ser considerada pelos demais como formas desprestigiadas (negativas). “No nível-semântico lexical, os homens e a geração mais velha podem ser identificados pela conservação de formas de fala trazidas pelos grupos que povoaram as localidades na década de 60” (BUSSE, 2010, p. 267).

4.2 Percepções sobre movimentos de celebração da italianidade no município

Festas, associações étnicas, manifestações artísticas e midiáticas, encontros de família, entre outras iniciativas são resultado de algumas das expressões de italianidade de descendentes de italianos em diversas partes do Brasil.

No Sul do país, essas iniciativas são frequentes, com o intuito de reconstruir as origens e reencontrar as raízes de grupos de descendentes de italianos. Esses movimentos, portanto, servem como base para reflexão, pois, ao analisar as percepções e atitudes dos informantes desta pesquisa de mestrado sobre essas manifestações étnicas, compreendemos um pouco mais sobre as crenças deste grupo, pois a cultura de uma comunidade pode ser expressa de diversas formas, tais como língua, dança, música, culinária e eventos sociais.

Colognese (2004) aponta que na década de 1990 ocorreu uma “efervescência étnica” entre os descendentes de italianos do Sul do Brasil, o que explica o surgimento de ações e grupos em prol à cultura italiana também em Cascavel, como o Círculo Italiano em 1991, o coral Raízes da Itália na mesma década, o Centro de Cultura Italiana (CCI) em 1993, o *Gruppo Folklorico Italiano Ladri di Cuori* em 1995,

o programa *Italia del mio cuore* em 1996 e o grupo de canto de música folclórica italiana *Filò* em 1997.

Durante a primeira metade da década de 2000, segundo Colognese (2004), passou a vigorar um processo de “descontinuidade étnica” entre os descendentes e os mais jovens não estavam interessados nos movimentos em prol à italianidade. Neste mesmo período, no entanto, em Cascavel, surgiram a *Agenzia Consolare Onoraria* em 2000, o Curso de Letras Português/Italiano da Unioeste em 2003, o ensino de Língua Italiana no Celem em 2005 e a inauguração da Praça Itália em 2006. No entanto, devemos considerar que essas ações se materializaram na década de 2000, mas vinham sendo fomentadas na década anterior, o que comprova novamente a percepção sobre a “efervescência étnica” na década de 90 defendida por Colognese. Entre todas as manifestações em Cascavel, vale frisar que o Círculo está praticamente inativo e que o CCI e a *Agenzia Consolare* encerraram suas atividades.

Na década de 1990, a “efervescência étnica” se direcionava muito mais à cultura italiana folclórica, àquela trazida pelos imigrantes italianos. Na década de 2000, porém, as manifestações são direcionadas muito mais à cultura italiana contemporânea, à cidadania italiana, ao ensino formal por meio da graduação em Letras na Unioeste, no Celem e em escolas de língua, assim como à construção de monumentos como a Praça Itália.

Colognese (2011) observa que para a recuperação de laços étnicos, além dos encontros de parentelas (família) e da criação de associações, há ainda “a recuperação de objetos e utensílios pertencentes aos antepassados, a reconstrução de genealogias e histórias dos grupos familiares, o encaminhamento de processos com vistas à obtenção da cidadania italiana etc” (COLOGNESE, 2011, p. 143), o que no Oeste paranaense não é diferente, ainda que as manifestações não sejam tão frequentes como no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Em Cascavel, as festas e associações criadas em torno da variedade linguística minoritária e da cultura de imigração deixam claro o contexto italiano existente no município e as fronteiras estabelecidas por este grupo. Os próprios informantes lembram os **movimentos** em prol à cultura de seus antepassados no município:

HGIIIa - Tem só o Círculo Italiano. Ah, sim. Tem programa de rádio que eu faço parte, *Italia del mio cuore*. O grupo *Filò*, que é 15 anos que eles vêm aqui nessa sala aqui. Até a hora da novela tão tudo aqui. Depois nois vamos lá fechemo a porta e o que nós fala não se aproveita nada. Tem o grupo de dança *Ladri di Cuori*. É importante. Difunde a cultura italiana.

HGIIIb - Tem o Círculo Italiano, né. É importante. A tradição do país tem que ser conservada, né. Tem que conservar a tradição do país de origem.

Do mesmo modo, os outros informantes dessa faixa etária destacam o grupo *Filò*, o programa de rádio *Italia del mio cuore* e o Círculo Italiano.

Os informantes, tanto da faixa etária intermediária, quanto da mais jovem, de ambos os sexos, destacaram tanto a cultura italiana contemporânea, representada pelo ensino de língua italiana padrão por meio do curso de graduação da Unioeste e cursos de língua estrangeira, como os mesmos movimentos citados pelos mais velhos, o que evidencia que quando se fala em cultura italiana, a memória dos informantes também se remete àquela cultivada pelos antepassados, à cultura do *fogolaro*, da polenta e *dei nonni*, as quais foram recriadas por movimentos, festas e associações étnicas. Entre as respostas, destacamos as três a seguir, por exaltarem a importância e criticarem a falta de ações em prol à preservação da cultura italiana no município:

HGIIb - O Círculo, né, que eu saiba. Apesar que tá meio parado... [Além do círculo?] Tem o programa de rádio que eles fazem, né. [Você acha importante?] Sim, claro que é importante, pra manter, deixar viva a cultura italiana, né. [Mas porque você acha importante manter viva a cultura italiana?] Porque, ué, porque o que tem de pessoas de descendência italiana na região, eu vejo que, to várias vezes na rádio lá e o que eles recebem de ligação daqui e da região... [Sério?] É... Então o pessoal gosta de ouvir, né. [Não sabia que era tão ouvido...] Sim... Tem um irmão do Nicheti, que mora na Itália e ele ouve o programa daqui lá na Itália. Já se falaram no programa pelo telefone... É importante porque assim, você vê que abrange, né, não é só Cascavel é a região aqui de fora, Corbélia, Toledo, essas coisas, que eles recebem ligação lá.

MGIIa - Sim, tem o pessoal que faz o programa na rádio Colméia, o pessoal do curso de italiano, a Unioeste. Importante porque ajuda a divulgar a língua italiana e a reunir os descendentes.

MGIIb - Tinha o Círculo, né? Tinha! (risos). Tem. O Círculo existe, só que tá assim parado, né? Acho que as pessoas se cansaram, né. Bom, nós também cansamos. Eram poucas pessoas pra trabalhar e muito trabalho... Ninguém mais quis assumir a diretoria, né, ser presidente, ter uma diretoria pra estar nisso. Aí a gente passou pra um grupo de jovens, né, que queriam tanto, queriam queriam, foi passado pra eles essa presidência, pra eles trabalharem e até agora, faz dois anos que não fizeram nada até agora. [É importante esse tipo de coisa?] Sim, acho. Justamente pra manter, né, a cultura italiana, pra não se perder isso, né.

Percebemos, assim, com os depoimentos dos entrevistados da faixa etária intermediária, que eles valorizam essa disseminação da cultura italiana. Dentre as respostas, o informante HGIIb destacou a abrangência do programa de rádio, evidenciando o interesse da comunidade do Oeste do Paraná pelo programa e conseqüentemente, reafirmando o processo histórico de colonização italiana na região. Alguns informantes, por outro lado, demonstram que nem toda a comunidade italiana está integrada a esses movimentos, quando questionados sobre a existência de ações em prol à cultura italiana:

MGIIc - Sim. O Círculo Italiano. [Tem mais alguma? Programa ou algo...] Não que eu conheça...

A resposta evidencia que talvez nem todos os membros da comunidade italiana tenham interesse ou conhecimento para manter os elementos culturais e que assim, como Colognese (2011, p. 143) observa, “as relações geracionais se revelam centrais para a configuração que as identidades e movimentos étnicos assumem a cada momento em diferentes ambientes”.

Colognese (2011) definiu quatro coletividades geracionais no grupo étnico de descendentes de italianos. A primeira, segundo ele, é aquela formada pelos imigrantes italianos que vieram para o Sul do Brasil entre 1875 e 1914, que se fixaram em áreas rurais e foram os colonizadores de territórios vazios. A segunda coletividade geracional é formada por descendentes de imigrantes italianos, que nasceram ou não no Brasil, “mas que tiveram a infância marcada pela vivência em famílias numerosas e comunidades rurais relativamente homogêneas em termos étnicos”. Foi esta coletividade a mais marcada pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e o Decreto-Lei n.383, de 14.04.1938, do Presidente Getulio Vargas. No âmbito desta pesquisa são os pais e/ou avós dos informantes mais velhos, da GIII, que fizeram parte dessas duas primeiras coletividades geracionais.

A terceira coletividade definida por Colognese (2011) designa os informantes da faixa etária mais velha, GIII, desta pesquisa, assim como da faixa etária intermediária, GII:

Uma terceira coletividade geracional é formada por descendentes de italianos que tiveram contato e vivências limitadas em famílias e comunidades rurais de predomínio étnico italiano, especialmente na infância. Passaram por trajetórias migratórias para o meio urbano,

onde concluíram a escolarização e passaram a viver em ambientes heterogêneos em termos étnicos. Experimentaram vivências esporádicas e ocasionais em ambientes típicos de descendência italiana, basicamente em ocasiões de visitas aos nonos e demais membros da parentela que permaneceram no meio rural e em comunidades típicas italianas. Não foram incentivados pela coletividade geracional anterior a cultivar a identidade étnica específica, motivo pelo qual muitos aprenderam rudimentos do dialeto com os nonos e não com os pais. Nas cidades vivem isoladamente o que desperta certo saudosismo em relação ao passado. É a coletividade geracional responsável pela efervescência étnica atual. São pessoas bem sucedidas, urbanizadas e que identificam o fator étnico como uma forma de valorização e prestígio social (COLOGNESE, 2011, p. 145).

Segundo o autor, o grupo pode ser descrito como os revivificadores da etnia italiana, “responsáveis pela efervescência étnica atual”. Em Cascavel, são eles os encarregados pelos grupos de canto *Filò*, programa de rádio *Italia del mio cuore* e Círculo Italiano, por exemplo.

Os informantes da GI desta pesquisa, por sua vez, podem ser designados, assim como os descendentes de italianos exemplificados por Colognese, como pertencentes à quarta coletividade geracional:

A quarta coletividade geracional no grupo étnico dos descendentes de italianos é representada pelas pessoas nascidas aproximadamente a partir da década de 1980 no meio urbano das cidades e que não tiveram contato com famílias e comunidades típicas de descendentes de italianos. Foram socializados em ambientes heterogêneos em termos étnicos, não conhecem o dialeto, a culinária, os cantos e a trajetória das gerações anteriores dos representantes do grupo étnico. Por este motivo não são portadores de um sentimento de pertencimento étnico e não manifestam interesse pela identidade étnica específica. Os movimentos de italianidade e efervescência étnica visam atingir esta coletividade geracional, afim de resgatar os seus vínculos étnicos (COLOGNESE, 2011, p. 145).

De fato, muitos dos descendentes de italianos, assim como diversos informantes desta pesquisa, não conhecem o *talian* e a trajetória de seus antepassados. No entanto, nem sempre as fronteiras geracionais correspondem ao esperado, como o próprio autor reconhece. O grupo de dança *Ladri di Cuori*, constituído por jovens da GI, por exemplo, demonstra como as dimensões sociais não são homogêneas, permanentes, imutáveis e previsíveis.

Sendo assim, nem sempre a idade determina as crenças e atitudes de determinado informante. Bao reitera que por meio do arranjo geracional estabelecido por Colognese, das quatro coletividades geracionais, “é possível perceber como os eventos históricos de relevo são marcadores de diferenças nas experiências geracionais” (BAO, 2014a, p. 25), ou seja, que as vivências sociais podem ser mais determinantes que a faixa etária em si.

Além disso, todos os entrevistados mais jovens, apesar de não demonstrarem tanto interesse pela cultura italiana e participarem de ações étnicas como os mais velhos, demonstraram que sabem quais são esses movimentos, o que se confronta com o esperado da geração mais nova, definida pela quarta coletividade geracional. Sendo assim, os próprios informantes da geração mais nova falam quais são os movimentos em prol à cultura italiana em Cascavel e frisam a importância dessas manifestações para algumas pessoas:

HGIa - O Círculo Italiano. É importante porque muita gente acha muito importante essa ligação com a cultura original e tal. Pra essas pessoas é muito importante porque elas precisam disso, elas acham que isso é muito importante, elas precisam viver isso, conviver com isso. E sem esse tipo de coisa, sem uma família ou sem um grupo que faça isso não vai ter. Então, pra eles é muito importante.

HGIb - O Círculo Italiano, o grupo de dança, que o grupo começou no Círculo e depois eles se separaram. Tem o programa do pai [Italia del mio cuore]. [Você acha importante?] Eu acho legal, pra poder trazer de volta essa raiz, pra não deixar perder a história.

HGIc - Além do Grupo *Ladri di Cuori* e Círculo Italiano tem o próprio grupo *Filò*, tem o programa de rádio, né, o *Italia del mio cuore*, tem a própria Unioeste, né, com o PEL... O curso de graduação, claro. Fora isso tem algumas famílias que se reúnem, menores, pra fazer *chiachieratas*, né. Conversar sobre italiano... em também... Isoladas, esse que é o problema.

MGIa - Só o Círculo que tá paradinho. [Algum programa?] Ah, tem o programa de rádio, tem o grupo *Filò*, de canto, o grupo de dança *Ladri di Cuori*. É importante pra manter um pouquinho da cultura, né. Dois pra aproximar as pessoas que tem descendência e que têm interesse em comum. Acho que aproxima a família... sei lá, dá impressão.

MGIb - (risos) Tem o programa de rádio, né, que é muito bom (risos). E o Círculo Italiano, que aí tem o grupo de dança, né. [Ah, o *Ladri di Cuori*?] É! O *Ladri di Cuori*. [Como é o nome do programa?] Italia del mio cuore.

MGIc - Tem uma associação eu acho, não sei se é associação... Mas tem, eu sei que tem. Não sei exatamente o nome... Acho que é importante pra quem... Tem gente que acha importante essa cultura e às vezes as vizinha querem conversar em italiano com as outras vizinhas. Acho que é importante sim.

Entre os jovens, a maioria se relaciona de alguma forma com os revivificadores da língua e da cultura italiana em Cascavel, o que também justifica o fato de esses informantes confrontarem o que se espera dessa faixa etária, dessa quarta coletividade geracional. Além disso, tais respostas, que demonstram o conhecimento e o respeito a movimentos de grupos italianos, são resultados das associações étnicas, as quais são caracterizadas como ações “interessadas em socializar a geração mais nova de ‘descendentes’ e orientá-la no sentido da manutenção e da perpetuação dessas ‘tradições’, ou melhor, dessa diferença” (BAO, 2014a, p. 21), como é o caso dos componentes do *Ladri di Cuori*.

Por outro lado, porém, todos esses informantes se referem a essa cultura italiana como constituição do “outro”, como se eles não fizessem parte dessa comunidade, como observamos nos seguintes trechos extraídos dos comentários acima: “muita gente acha muito importante essa ligação com a cultura original e tal. Pra essas pessoas é muito importante [...]” (HG1a); “pra poder trazer de volta essa raiz” (HG1b); “pra aproximar as pessoas que têm descendência e que têm interesse em comum” (MG1a); “Tem uma associação eu acho, não sei se é associação... Mas tem, eu sei que tem” (MG1c). A declaração de MG1c demonstra a parcela de descendentes de italianos que não interagem e não sabem o que se passa dentro do próprio grupo étnico, o que é definido por Colognese (2011, p. 145) quando este enfatiza que os mais jovens “não conhecem o dialeto, a culinária, os cantos e a trajetória das gerações anteriores dos representantes do grupo étnico”.

HG1c, por sua vez, destaca a universidade e conseqüentemente a língua padrão, por meio do curso de graduação e do ensino de língua italiana no Programa de Ensino de Línguas da Unioeste. Paralelamente, no entanto, o mesmo informante frisa as *chiacchieratas*, ou seja, as conversas em italiano de algumas famílias, as quais ocorrem de forma isolada, e principalmente os encontros de família, citando diversas, tais como Lazzarin, Boschioli e Richetti:

HG1c - Aqui em Cascavel têm várias famílias, por exemplo, os Fabian... Esse ano, por exemplo, vai ter um evento que o Ladri di Cuori vai apresentar num encontro de famílias, aqui em Cascavel. Mas a gente fez dos Boschioli, dos Lazzarin, fez do Richetti, do Richetti vai ser esse ano também, o segundo. Então, tem vários encontros de famílias aqui em Cascavel.

Além de o informante ser participante do grupo de dança da cidade, o que confronta a teoria de Colognese sobre a quarta coletividade, ele frisa que o *Ladri di*

Cuori participa ativamente dos encontros de família, deixando claro o sentimento de pertencimento étnico a essa comunidade italodescendente. Savoldi (2008) observa o papel dessas festas de família:

O culto aos ancestrais que imigraram é ritualizado em todos os eventos, prestam-se homenagens, é narrada a história destes ancestrais para todos os participantes. Destacado o apreço destes ao trabalho, família e religião. A italianidade merece destaque especial nestes eventos, o culto aos ancestrais está associado ao culto à italianidade. As associações italianas participam efetivamente tanto dos encontros de família, como da organização das mesmas (SAVOLDI, 2008, p. 33).

O autor destaca que tanto os encontros de família como os movimentos sociais em prol à cultura italiana são formas de consagrar e homenagear os ancestrais, valorizando-os e destacando-os como portadores de valores étnicos calcados no trabalho, na família e na religião, o que complementa o discurso dos informantes da faixa etária mais velha e intermediária sobre seus antepassados, discutido no primeiro item deste capítulo de análise.

Outra forma de manifestação e celebração da cultura são as festas étnicas. Nesse sentido, Krug (2004) ressalta que da mesma forma que os grupos, corais e cantores voluntários, a promoção de eventos, festas e bailes exercem a função de reforçar a identidade de um grupo. Oro comenta sobre os movimentos italianos:

Ora, as festas contribuem favoravelmente para promover e valorizar o colono, mostrando sua produção de alimentos – alimentos “puros”, “não contaminados”, “saudáveis”, apesar das condições adversas – enaltecendo sua bravura, espírito de luta e dedicação ao trabalho. Ou seja, essas festas constituem-se em ritos de rememoração do “herói fundador” e de celebração do “mito de origem” (ORO, 1996, p. 625).

As festas são, portanto, formas de expressão da identidade étnica, assim como os grupos de canto e de dança, o Círculo e o programa de rádio. Tais movimentos oportunizam a expressão da cultura *taliana*, recriada por alguns imigrantes e descendentes italianos e são, sobretudo, a afirmação da identidade étnica dos descendentes italianos de Cascavel/PR.

Oro (1996, p. 624) observa que as festas italianas, de comunidades sulistas, seguem um padrão:

Tais festas obedecem a uma estrutura mais ou menos comum, com escolha de rainhas e princesas, missa solene, muitas vezes celebrada em talian, parque de diversões, exposição e venda de produtos industriais, artesanais, agrícolas, pecuários e alimentícios (ORO, 1996, p. 624).

O autor conta que, com o passar dos anos, muitos municípios passaram a realizar festas italianas anualmente, como: a Festa Nacional do Vinho, em Bento Gonçalves; a Festa Nacional da Champagne, em Garibaldi; a Festa da Maçã, em Veranópolis; a Festa da Vindima, em Flores da Cunha; Festa do Leite, em Carlos Barbosa; Festa Colonial da Uva, em Otávio Rocha; Festa dos Produtos Coloniais, em Nova Pádua; Festa do Queijo e do Vinho, em Antonio Prado. Claro que o autor cita apenas as festas referentes ao seu contexto de estudo, ou seja, Rio Grande do Sul, mas vale lembrar que em Santa Catarina também há esses tipos de eventos, assim como na região Oeste do Paraná. A Festa da Polenta, em Santa Tereza do Oeste, que está na sétima edição, é um exemplo.

A Festa das Colônias em Cascavel existe há mais de 20 anos, no entanto, não prioriza a cultura italiana, mas mostra a multietnicidade do município. Entre as iguarias de diversas etnias, o grupo do Círculo Italiano sempre trabalha e faz pratos típicos, como na 23ª edição da festa, em 2013, com o “Jantar all’italiana”, tendo como prato principal “*Maiale alla pentola con polenta e radici*”.

Em Cascavel, as **festas italianas** eram recorrentes. Hoje, no entanto, elas quase não ocorrem mais, conforme alguns informantes declararam nas entrevistas aplicadas em 2013 para esta pesquisa:

HGIIIa - Hoje não tem mais. Existia... Precisaria.. Nós tinha uma vez por ano a festa da Pasta Sciuta. Tinha... O círculo italiano [organizava]. Tinha a Festa da Rainha do Circulo Italiano também.. Tá meio parado faz uns seis anos....

HGIIIc - Tristemente nós tínhamos o Círculo Italiano ativo e tal e que alguns anos pra cá praticamente... (silêncio)... não digo que desapareceu porque ainda existe. Existe mas não atua. Então eu te diria que hoje estamos sem nada. Infelizmente.

MGIIIb - Acho que existia, né, daquela associação, mas acho que não tem mais... [Que festa?] É... quando fundou o Círculo Italiano. Eles faziam sempre. Tem uma que a gente vai sempre, mas não é aqui em Cascavel, é de Toledo, a Janta Italiana, em São Francisco, de Toledo. Em Cascavel tinha a festa da Pastasciuta... Eu achava legal. [Dava bastante gente?] Sim. Bastante gente.

HGIa - Existia muitas. Hoje são muito poucas. São extremamente importantes para o consagrado dos descendentes e a língua, o dialeto, a música e as anedota...

MGIb - Festa italiana? Tem né? [Tem?] Tem... não sei... quer dizer, tinha... Não, ultimamente tá tudo parado. [É?] Até quando o Círculo Italiano tava assim em atividade, né? Tinha... Nós fazíamos Baila da Rainha, Baile de Máscaras, vários jantares, almoços por ano. De uns quatro anos pra cá foi parando, parando e tá totalmente parado agora.

HGIa - Existe o Círculo que promove as festas, só que agora faz tempo que não tem. Faz tempo que não sai mais nada, mas tinha. Eu gosto, é legal. É uma coisa, mas... não tá tendo mais.

HGIb - Eu acho que faz muito tempo que não... Pelo menos do Círculo Italiano faz muito tempo que não tem mais. [Mas antes tinha? Como era?] Tinha sempre. Era bem variado, tipo, sei lá, festas mais baratas... As mais famosas acho que era a Noite da Codorna, Baile de Máscaras, do vêneto, né, aquelas trabalhadas, bonita, o Baile da Rainha, que tinha ano sim ano não, eles intercalavam Baile de Máscaras e da Rainha, e o Festival da Pastasciuta que eu lembro bem, assim, que era concurso de macarrão, era bem bacana (risos). Eu achava bom, só o preço que não era muito agradável. As festas em si eram legais. É uma coisa que acabou. Quando os mais novos assumiram o Círculo Italiano, acabou. Não sei se eles não querem mais fazer, o que que acontece.

MGIa - Acho que não tem mais. Tinha... [Qual?] Todo ano tinha a Polenta com Codorna e tinha um Festival de Massas. Que era o Círculo que fazia. Era bom (risos), era bem gostoso. Teve um festival de massas uma vez, ai que delícia. Era aquelas equipes competindo, fazendo receita da família, sabe? Daí o pessoal comprava os ingressos e podia experimentar de todos e tinha que escolher uma equipe, votar. Era legal, bem divertido. Foi bem legal.

Os informantes destacaram as décadas passadas, quando ocorriam festas italianas em Cascavel com mais frequência, como um período positivo, e alguns deles, como a informante MGIa, referem-se a esse momento com saudosismo. Eles frisam, no entanto, a inatividade do Círculo Italiano e a falta de festas e eventos em prol à italianidade, o que demonstra como a comunidade não age mais tanto em prol à preservação das fronteiras étnicas por meio de festas e consagrações, o que é apontado como ponto negativo em relação à comunidade e uma autocrítica. O informante HGIb, por exemplo, ao dizer “Quando os mais novos assumiram o Círculo Italiano, acabou” deixa claro a crítica aos mais jovens, apesar de ele fazer parte desse subgrupo.

No ano de 2014, porém, algumas manifestações ocorreram, diferentemente dos anos anteriores. No dia 6 de setembro de 2014, por exemplo, o *Gruppo Folklorico Italiano Ladri de Cuori* realizou o Jantar Italiano, em Cascavel, junto com a programação da Festa do Morango do município. O grupo ofereceu ainda, nos dias

25 e 26 de outubro do mesmo ano curso de confecção de Máscaras de Veneza. Em 2015, no dia 24 de janeiro, ocorreu o Jantar Italiano e no dia 28 de fevereiro o Jantar Dançante, ambos promovidos pelo grupo jovem de dança *Ladri di Cuori*. O objetivo, segundo reportagem veiculada na TV Oeste (RPC-Globo), em fevereiro, é angariar verba para o que o grupo possa pagar as passagens aéreas para se apresentar na Itália, em abril.

Apesar disso, e de existirem outras formas de manifestação da cultura na cidade, todos os informantes acreditam que apenas esses grupos não sejam suficientes para manter a cultura italiana viva na comunidade. Algumas respostas à pergunta 108 - *Você acha que o que existe e está sendo feito é suficiente para manter e promover a cultura italiana? Qual a sua opinião?* - deixam claro tal posicionamento:

HGIIIa - Não. Precisaria mais. Outros grupos. Outros programas de rádio. Revista, qualquer coisa. Hoje trouxe o Correio Rio-grandense. Tem uma parte sempre escrito em italiano, história de Naneto Pipeta. [É uma coluna, né?] No jornal é uma coluna.

MGIIa - Não. Porque abrange muitas poucas pessoas. Deveria envolver mais a comunidade. A festa italiana em Blumenau, que têm italianos e alemães, existe festa italiana da cidade. E eles competem, apesar dos italianos serem menos que os alemães...

Tais comentários demonstraram uma comparação que os informantes fazem das ações em prol à etnia em Cascavel com cidades de colonização italiana do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, locais de destino e de desbravamento dos imigrantes italianos. Em cada contexto, a postura dos descendentes pode ser diferente, dependendo do posicionamento dos integrantes na comunidade, das vivências, experiências e relações de proximidade com a cultura.

A informante MGIIa citou também as festas de Blumenau, em Santa Catarina, e enfatizou positivamente a competitividade entre os descendentes de italianos e alemães em relação às celebrações e festas de suas etnias.

Os entrevistados para a pesquisa também criticaram e apontaram pontos negativos tanto em relação a pouca dedicação dos próprios descendentes de italianos como em relação à falta de incentivo do governo municipal:

HGIIa - Não. Poderia-se fazer mais. O descendente de italiano de uma maneira geral, ele é, apesar de ser amigo, é relapso, relaxado. Não dá valor aquilo que ele tem. Ele só vai começar a dar valor quando começar a perder, quando tá perdido já.

MGIIb - Não. Acho que não. Tinha que ter... por exemplo, essa cultura poderia até a própria secretaria de cultura do município poderia também estar entrando nisso, trazendo corais, né, pra se apresentar aqui, até da própria Itália, porque tem grupos lá muito bons. Nós trouxemos na época em que a gente tava à frente da diretoria, vieram vários corais de lá e eles fazem esse intercâmbio, entendeu? Pra estar se apresentando... Então poderia ter várias... O curso mesmo de italiano, ultimamente é mais as escolas particulares que tem os cursos e na Uniãoeste, né, que acampou e tá mantendo, mas fora disso... O próprio Círculo Italiano teve um período que tinha as aulas, né, de italiano... e que também se perderam, né. Então acho que se poderia fazer mais coisas pra manter essa... Mas tá tudo parado e a cultura mesmo, a Secretaria de Cultura você vê que não... [Não se preocupa muito?] Não! E não só com o italiano, mas com o alemão, com os ucranianos, né, que tinha grupo de dança ucraniana, tinha o grupo de alemão também, que eles tinham uma associação que era muito boa também, mas você vê que não tem mais, acabou. [É.. triste...]. Bota triste nisso!

A informante MGIIb também observou a falta de incentivo a todos os grupos minoritários étnicos em Cascavel e lamentou a inatividade do Círculo Italiano e de ações em prol à cultura da comunidade. Ela comentou, ainda, a falta de cursos de língua italiana no Círculo, que ocorriam antigamente. Da mesma forma, a informante MGIIIc observou a língua como expressão da cultura:

MGIIIc - Não. Eu acho que devia divulgar mais e aprenderem a língua italiana também, né, que não é só ouvir, tem que saber falar também.

As duas informantes do sexo feminino, MGIIb e MGIIIc, registraram a língua como parte da cultura, assim como Bao (2014a, p. 75-76) observa que as identidades étnicas “são (re)atualizadas constantemente no tempo presente com base em instituições significadoras de símbolos que materializam o passado em construções arquitetônicas, nas letras (linguagem), na culinária”, entre outras ações.

A consciência étnica e o conhecimento das ações em prol à cultura italiana em Cascavel podem ser observados mais uma vez pelos descendentes mais jovens, como no comentário a seguir:

HGIb - Não. O Círculo Italiano como falei, ele tá parado, acho que ele só existe, não tem mais nenhum tipo de festa. O grupo de dança acho que é o que mais leva pra fora essa cultura daqui, a parte da cultura italiana daqui de Cascavel, é o que leva pra fora. E o programa acho que é uma coisa mais voltada pra quem já conhece essa cultura. Que o jovem dificilmente escuta. Quem escuta é mais o cara da colônia, que já fala aquele dialeto e ele quer... Ele escuta talvez pra lembrar dos pais, dos avós conversando, acho que mais é isso.

O informante observou a proximidade do grupo de dança *Ladri di Cuori* com os jovens e com o *status* folclórico contemporâneo, enquanto que o programa de

rádio reflete muito mais a cultura italiana folclórica reconstruída pelos imigrantes no Brasil, calcada na variedade linguística minoritária italiana, em espaços coloniais e agrícolas.

Constatamos, enfim, que todos os informantes declararam a não manutenção e preservação da cultura italiana em Cascavel, sejam eles da geração mais velha, sejam da intermediária ou da mais nova. O que chama a atenção é que apesar de os mais jovens não saberem falar a variedade linguística italiana minoritária, e a maior parte não se envolver em movimentos culturais dessa etnia, quase todos acreditam que deveria ser mais valorizada a cultura e que a comunidade precisaria de mais promoções e manifestações. Os informantes acabam frisando os movimentos étnicos em torno de ações culturais muito mais responsáveis pela identidade étnica do grupo do que a língua. Nesse aspecto, a comunidade italiana de Cascavel se identifica com outras comunidades, como Krug comprova:

A identidade de diversos grupos em contato faz-se perceber, além disso, no âmbito do planejamento cultural de cada comunidade. É neste terreno que parecem surgir os símbolos concorrentes mais fortes da língua na expressão da identidade do grupo. Um exemplo são os grupos de danças folclóricas. **Não raro observam-se casos em que integrantes desses grupos não falam mais a língua minoritária e, no entanto, apresentam uma identidade fortemente ligada à etnia e à sua cultura.** A presença de outros ícones suficientemente claros para garantir a expressão da identidade étnica, como os **trajes típicos e a música, parece dispensar e substituir a língua** nessa função. Esta deixa de ser um traço obrigatório da identidade do grupo étnico, para cumprir uma função mais auxiliar (KRUG, 2004, p. 11-12, grifo nosso).

O grupo de dança *Ladri di Cuori*, de Cascavel, também evidencia essa realidade. A equipe é composta por jovens que não falam nenhuma das variedades do italiano. No entanto, estes apresentam uma identidade fortemente ligada à etnia e à cultura italiana. Devemos, portanto, diferenciar as atitudes para com a língua das atitudes para com a comunidade e para com a cultura, pois muitas vezes elas podem não coincidir. Por isso, assim como Colognese (2004, p. 166) destaca, é preciso observar que “a italianidade não é uma essência dada de uma vez para sempre, mas, sim, uma identidade construída e reconstruída constantemente”.

Hoje, as fronteiras étnicas são diferentes daquelas dos imigrantes e dos descendentes mais velhos. Os mais jovens, de maneira geral, acabam se direcionando mais à cultura italiana contemporânea, enquanto os mais velhos e com

algumas exceções, de jovens mais envolvidos com as próprias raízes, valorizam a cultura italiana folclórica, aquela recriada em solo brasileiro. A identidade étnica de alguns jovens, no entanto, como HGlc, são resultado de um processo assíduo dos revivificadores mais velhos, que criaram e lutaram pela criação de associações étnicas e pela preservação da cultura italiana de alguma maneira. HGlc, no caso, apesar de não falar o *talian* e valorizar mais a língua padrão, promove e preserva a cultura italiana por meio da dança folclórica recriada.

Petrone (1996, p. 629) chama atenção para o fato de a cultura italiana recriada no Brasil não ter mais significado perante aquela da Itália moderna atual. Para o autor, as comunidades italianas em terras brasileiras não se aproximam daquela do país de origem. Assim, atualmente:

[...] tais comunidades não mais espelham, e nem poderiam espelhar, a Itália do tempo da grande emigração. Ainda sempre da mesma perspectiva, é evidente que cabe considerar antes de mais nada a existência de uma profunda diferença entre o que foi a Itália de cem anos atrás e o que é a Itália hoje, da mesma forma como há uma substancial diferença entre o que foram culturalmente os imigrantes chegados ao Brasil em fins do século passado e o que são culturalmente os imigrantes seus descendentes hoje. Seria absurdo tentar forçar uma identificação entre as comunidades de *oriundi* sediadas no Brasil e a Itália atual no plano cultural, sem desconhecer, naturalmente, seus grandes divisores comuns (PETRONE, 1996, p. 635).

É importante, portanto, observar que a cultura “*taliana*”, que reflete os hábitos e costumes do italiano que chegou há mais de 100 anos no Brasil, também tem se inovado e se renova constantemente, tanto culturalmente, como linguisticamente. Petrone observa:

A conservação de determinados traços culturais tradicionais não significa necessariamente estagnação cultural, mas tão-somente valorização de alguma coisa profundamente enraizada e de significado identificador de máxima importância para a população. Acresce que, em muitos casos, a *conservação* é tão-somente aparente, na medida em que o que parece tradicional, mesmo mantendo muitos dos traços tradicionais identificadores, já pode ter sofrido um processo de mudança mais ou menos expressivo. Muito, a respeito, pode ser observado, por exemplo, no campo dos cantos populares, ou então no caso do emprego do idioma italiano ou dos dialetos em particular (PETRONE, 1996, p. 634).

Sendo assim, a comunidade étnica italiana não deixou nem deixará de existir, mas se transformou e se inovará constantemente em solo brasileiro, em contato com a cultura do país e de outras etnias presentes. Em Cascavel, por exemplo, talvez, a cultura dos ítalodescendentes esteja se direcionando mais à cultura local, que se constitui permanentemente em contato com diversas etnias aqui presentes, mas carregando um sentimento de italianidade sanguínea e de preservação de traços identitários.

Além dos fatores históricos, do percurso geográfico, alguns processos podem influenciar o processo de assimilação e modificação social. Balhana (2002, p. 268) diz que além do tempo, a afinidade cultural entre grupos de contato contribui para que ocorra ou não o processo de assimilação. O autor diz, ainda, que a existência de “preconceitos étnicos e outros, contribuem para que o processo decorra ou não normalmente” (BALHANA, 2002, p. 268).

A manutenção linguística em Cascavel pode não ser tão forte como em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Confortin observa que se os bilíngues vivem em comunidades homogêneas, constituídas por (i)migrantes italianos, o *talian* certamente será mais utilizado. “Contudo, se estão inseridos em grupos lingüisticamente heterogêneos – em que a língua comum seja o português -, o uso do dialeto é praticamente nulo” (CONFORTIN, 1996, p. 579). Mesmo assim, os pioneiros de Cascavel ainda fazem questão de estabelecer sua identidade, de fixar as fronteiras étnicas, por meio da língua minoritária, afirmando o “nós” diante dos “outros” e dando o prestígio encoberto citado por López Morales (1993).

Na verdade, além dos fatores sociais sexo e faixa etária, é necessário considerar que os informantes mais velhos são de segunda geração de descendentes italianos, e os da faixa intermediária, de terceira geração, o que influencia no processo de assimilação, como Dublet comenta: “Na verdade, a assimilação total de um grupo à cultura hospedeira ainda na segunda ou terceira geração é coisa rara” (DUBLET, 1996, p. 467). Além disso, ele observa que o fato de muitas sociedades terem uma mistura de comunidades faz com que aos poucos a cultura da sociedade hospedeira se transforme. Sendo assim, o processo de assimilação é progressivo em comunidades étnicas. Dublet enfatiza ainda, que a cultura de uma comunidade muda e se mistura, “sem jamais fundir-se totalmente, e não faltam estudos históricos que revelam a natureza dinâmica e enriquecedora de todo esse ‘trabalho’ cultural” (DUBLET, 1996, p. 467).

Possamai (2006, p. 8) também constata essa realidade em seu campo de estudo, ou seja, no Rio Grande do Sul, quando diz que a população jovem e urbanizada busca “no intercâmbio cultural com a Itália ou mesmo na emigração uma maneira de inserir-se numa sociedade cada vez mais globalizada”, enquanto que os mais velhos buscam a retomada dos valores dos imigrantes. Nesta perspectiva, a autora evidencia que a língua é o principal meio de coesão dos grupos e que enquanto os mais jovens “buscam no italiano oficial a melhor maneira de se inserirem na sociedade moderna italiana”, os mais velhos buscam a “preservação da cultura dos imigrantes na valorização de uma koiné dialetal” (POSSAMAI, 2006, p. 8). Sendo assim, Possamai especifica que “o dialeto chamado *talian* ou ‘vêneto brasileiro’, em seu estágio atual, deve ser visto antes como uma busca de reafirmação de pertença étnica que como a sistematização de uma nova língua, como propõem seus defensores” (POSSAMAI, 2006, p. 9).

Nesse sentido, a busca pelo reconhecimento e valorização das línguas minoritárias, assim como da consciência étnica são realidades hoje. Costa relata que o período do Estado Novo, apesar de ter proibido línguas de imigração e conseqüentemente ter gerado um processo de estigmatização sobre elas, estes fatos não surtiram o efeito esperado e que apesar de hoje falarem-se muito menos essas variedades minoritárias, houve um crescimento quanto à valorização e o respeito: “cresceu e se purificou a consciência de ser italiano. Nesta busca da identidade cultural, a língua é vista como o núcleo central mais importante à manutenção das tradições tipicamente italianas” (COSTA, 1987, p. 385).

Para Kaufmann (2011, p. 123), as atitudes estão ligadas a questões econômicas, pois não há sentido relacionar o comportamento específico com atitudes gerais. Para explicar, ele coloca como exemplo o fato de uma pessoa não gostar de pessoas dos Estados Unidos, mas que pode querer dominar o inglês estadunidense fluentemente pelo fato de isso trazer vantagens importantes no trabalho, ou seja, econômicas.

Kersch discorre sobre a vitalidade e a sobrevivência de uma forma linguística: “Em contextos bilíngues, cada uma das variedades é usada para fins específicos, assim, quanto maior for o número de domínios em que determinada língua for usada, maior será sua vitalidade e sua chance de sobrevivência” (KERSCH, 2011, p. 398). Apesar disso, Elia evidencia que “Quando, porém, se tratar da comunidade internacional, onde só as grandes línguas de cultura terão voz, a *lingua del cuore*

terá de ceder espaço à *lingua del pane*” (ELIA, 1987, p. 111), ou seja, a variedade minoritária, que representa o saudosismo, cederá espaço para as línguas dominantes, seja a língua italiana padrão, seja o português oficial. Para Confortin (1996, p. 579), a relação de afetividade e as situações emocionais estão relacionadas ao grau de conservação da língua materna, assim como da cultura.

Bao (2014a, p. 25) frisa que nas narrativas dos descendentes de italianos de Toledo pesquisados por ele, pertencentes à quarta coletividade, chamada por ele de “geração mundo”, percebemos que, apesar de os mais jovens não participarem de ações sociais que fomentem a “italianidade”, esses “ainda se reconhecem como ‘descendentes’, ou seja, mantém a noção étnica de uma ‘origem comum’ pautada em noções de ‘comunidade de sangue’ e ancestralidade territorial”, ou seja, ainda se identificam como descendentes de italianos, da mesma forma que os informantes da faixa etária mais jovem, G1, de Cascavel, desta pesquisa. Isto de fato ocorreu neste estudo, pois, ao contatar os informantes para as entrevistas, verificava-se se eram descendentes de italianos, o que foi afirmado por todos.

Além de descendentes mais jovens como o HG1c, que fomenta o grupo de dança folclórica italiana em Cascavel, todos os informantes da geração mais nova recriam a identidade étnica da comunidade italiana, estabelecendo fronteiras étnicas por meio da “origem comum”, pautada pela ancestralidade territorial e sanguínea, o que dá sustentação para pesquisas nas áreas da Sociologia e da Antropologia Social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que os imigrantes italianos resolveram sair de seu país de origem, sua identidade étnica se transformou. Em contato com os brasileiros e com outras etnias, a cultura dos italianos imigrantes, com o tempo, acabou se alterando mais ainda. De um lado incorporou elementos das novas culturas e de outro preservou aspectos que imprimem traços mais consistentes à cultura, à língua e aos hábitos dos descendentes. Atualmente, esses comportamentos distribuem-se no interior das dimensões sociais, em que podemos observar tendências que se aproximam ou se distanciam do imigrante italiano.

A história e a saga desse grupo étnico podem ser descritas como elementos determinantes para a realidade registrada nos dados desta pesquisa. Ao se fixarem no Rio Grande do Sul, muitos dessa comunidade de imigrantes tornaram-se colonos proprietários de terra e desenvolveram uma identidade diferente daquela dos imigrantes que se instalaram em São Paulo, por exemplo. Além da repressão e da estigmatização, que influenciaram alguns imigrantes e descendentes de italianos a abandonarem a variedade linguística minoritária, a solidariedade entre o grupo étnico, o saudosismo e outros fatores emocionais contribuíram para que um determinado grupo, dentro da comunidade de descendentes, se identificasse e se solidarizasse.

Os mais jovens e as mulheres da faixa etária intermediária e uma da mais velha, MGIIIb, porém não estabelecem essas fronteiras étnicas linguísticas como os homens mais velhos e parte deles da intermediária. No entanto, os mais jovens e as mulheres valorizam mais a língua italiana padrão, ainda que a grande maioria não a domine.

Apesar da complexidade, estabelecer as variáveis sexo e faixa etária foi fundamental para registrar que os resultados não são homogêneos, assim como toda situação linguística. Apresentar os resultados distribuídos no interior das variáveis é uma forma de observar que tanto a forma linguística como a percepção sobre a cultura de um grupo sofrem os efeitos dos movimentos e processos de mudança linguística, resultados de inovações, prestígio e estigmatização ao mesmo tempo, dependendo da condição social.

O programa de rádio *Italia del mio cuore* e o grupo de canto *Filò*, ambos mantidos por homens da faixa etária mais velha e intermediária, são ações

revivificadoras da língua e da cultura minoritária italiana. O grupo de dança *Ladri di Cuori*, apesar de evidenciar uma cultura folclórica, que representa aquela trazida pelos imigrantes do século passado, é mantido por alguns jovens, que valorizam a língua padrão e estigmatizam o *talian*.

O *talian* acaba sendo muito mais preservado, do que mantido. Esta variedade linguística torna-se, assim, expressão da fronteira étnica de um grupo da comunidade italiana e esta variável linguística não funciona apenas como um meio de comunicação, mas como símbolo de identificação de grupo.

A consciência étnica é uma realidade e isso pode ser constatado por esta pesquisa quando se considera que os mais jovens respeitam e valorizam a língua, ainda que seja a padrão. Assim, as atitudes nem sempre condizem com o comportamento específico, pois apesar de valorizarem a etnicidade e a língua padrão, a maioria dos jovens não sabe falar nenhuma das variedades italianas e também não participa de ações que promovam a cultura do grupo.

Muitos descendentes de italianos de Cascavel, apesar de considerarem a língua italiana importante, não sabem falar o idioma ou nunca frequentaram um curso da forma padrão, o que muitas vezes pode estar ligado ao fato de isso não trazer um retorno financeiro. Além disso, devemos considerar que no Brasil e neste município, no caso, a comunicação se estabelece em língua portuguesa. Assim, uma crença nem sempre está relacionada ou materializa-se em atitude.

O abandono linguístico de variedades minoritárias é uma realidade. Ainda que o fenômeno aconteça, as línguas minoritárias são cada vez mais respeitadas e têm direito a uma vivência livre de opressões. O *talian*, em Cascavel, é uma variedade linguística familiar, das canções do grupo *Filò*, do programa de rádio *Italia del mio cuore*, das festas de famílias italianas, enfim, é uma forma vibrante de honrar os antepassados, de lembrar o tempo do *fogolaro*, da polenta e *dei nonni*.

A comunidade cascavelense constitui uma sociedade plural, composta por diferentes grupos étnicos, como italianos, alemães, ucranianos, portugueses. Integrados à sociedade cascavelense, pois dela participam e convivem, os italodescendentes não renunciam, ainda, à própria identidade. Alguns componentes, principalmente os mais velhos, persistem em colocar as fronteiras étnicas e a preservar a *lingua del cuore*.

Os dados analisados nesta pesquisa indicam que em Cascavel existe uma comunidade étnica italiana e que apenas os descendentes mais velhos e parte dos

da faixa etária intermediária compõem uma comunidade de fala, ainda que de preservação, ponderando que Labov considera comunidade de fala como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua. Portanto, a identidade étnica não pressupõe a existência de uma identidade linguística. O fato de um indivíduo ser descendente, de ter um sobrenome italiano, não implica que este seja leal à língua dos antepassados.

Da mesma forma, seria praticamente impossível impor, principalmente aos mais jovens, o *talian*, pois a comunidade tem como língua padrão o português e há, ainda, a língua italiana padrão, ensinada na universidade e nas escolas de idiomas, que lhe conferem *status* e prestígio.

Assim, enquanto os homens da faixa etária mais velha e intermediária reconstróem a identidade do grupo em torno da heroicidade, da valorização do trabalho e transformam as marcas negativas, como o preconceito que enfrentavam na infância, em marcas positivas, em saudosismo e em solidariedade étnica, valorizando o *talian* e reafirmando a cultura dos antepassados por meio de associações étnicas e movimentos em prol à língua e à cultura dos imigrantes italianos, os mais jovens e as mulheres da faixa etária intermediária reconstróem sua identidade étnica em torno da língua padrão e da cultura contemporânea. Do mesmo modo, aqueles que fazem parte do grupo *Ladri di Cuori*, os quais retratam a cultura folclórica de seus antepassados, recriam e conferem prestígio ao grupo. Assim, os mais jovens, participantes ou não de movimentos étnicos, reinventam a identidade étnica marcada em seus sobrenomes, reconstruindo a cultura dos italodescendentes, aproximando-a dos costumes locais.

Os mais jovens e as mulheres da faixa etária intermediária, portanto, apesar de valorizarem a forma linguística italiana padrão, não materilizam a crença e a atitude em comportamento de fato, pois não usam o italiano como forma de comunicação. Grande parte dos homens mais velhos, por sua vez, assim como daqueles da GII, manifesta de fato as crenças e atitudes positivas em relação ao *talian* e à cultura dos antepassados quando participam de movimentos de celebração étnica como o programa de rádio *Italia del mio cuore* e do grupo de canto *Filò*, nos quais usam a forma minoritária linguística italiana para se expressar, ainda que de forma planejada. O que ocorre, portanto, nesses casos, é a preservação do *talian*.

O *talian* é o repositório de toda a história do grupo desde os primeiros imigrantes que chegaram à região sul do Brasil. Nela está a memória de resistência ao tempo e a todos os desafios pelos quais os falantes passaram. Nessa realidade, as manifestações culturais, como a música, a dança e a alimentação se colocam como cenário de reavivamento de uma memória afetiva, que, na verdade, mantém a cultura italiana viva na comunidade.

Esta pesquisa demonstrou, em todo o seu percurso, a eminente necessidade de ações mais sistemáticas para resgate e preservação de línguas e culturas que formaram a comunidade de Cascavel e a região Oeste do Paraná, no sentido de manter elementos da identidade étnica dos seus moradores.

Partindo da noção de que a língua italiana ensinada nas escolas do Oeste do Paraná, como língua estrangeira, não é a mesma trazida pelos imigrantes italianos ao Brasil, e pelo colono de frente sulista para Cascavel, é que ações sobre o ensino desse idioma e sobre a formação de professores de italiano devem ser repensadas.

Em sala de aula são recorrentes os comentários de alunos que aprenderam o italiano minoritário na infância, com a família, os quais trazem questionamentos sobre itens lexicais e pronúncias diferenciadas, o que é um desafio para o professor de língua italiana em Cascavel, assim como em outros contextos de colonização. Esses alunos, assim como a variedade linguística que carregam, devem ser respeitados e, para isso, o professor precisa ser instrumentalizado sobre a variação linguística italiana, conhecendo a história dos imigrantes italianos, da colonização italiana no Sul do Brasil e a formação do *talian*.

Não se defende aqui que o *talian* deva ser ensinado nas escolas de Cascavel, mas sim que o professor precisa conhecer essa variedade linguística, a qual é a língua materna de muitos alunos ou de seus pais ou avós. Essa é uma forma de dar a possibilidade ao aluno de conhecer melhor a história de seus antepassados ou sua língua materna, pois, assim como Spinassè evidencia, “alunos mais conscientes de suas línguas maternas têm mais possibilidade de aprender melhor outras línguas”. Além disso, ele poderá, assim, saber como enfrentar preconceitos e compreender as diferenças da língua padrão com a sua língua materna. Instrumentalizar os professores, portanto, é uma forma de instrumentalizar o estudante para que ambos saibam valorizar a própria identidade e a identidade do outro.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas Linguísticas do Português Falado no Sul do Brasil: um Balanço das Fotografias Geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

_____; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 289-315.

ARAÚJO, Sílvia Maria Pereira de; CARDOSO, Alcina Maria de Lara. Italianos no Brasil ou a pátria recriada. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

BALHANA, Altiva Pilatti. Italianos no Paraná. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

_____. **Un Mazzolino de Fiori**. v. I. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Un Mazzolino de Fiori**. v. III. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

BAO, Carlos Eduardo. **Fronteiras da “italianidade”**: representações entre gerações na cidade de Toledo-Paraná (1990-2014). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014a.

BARICHELLO, Cesar Augusto; SANTOS, Julio Ricardo Quevedo dos. Grupos étnicos italianos, religiosidade e negociação de identidades na região central do Rio Grande do Sul. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 25, n. 2, p.189-198, jul.dez. 2012.

BARRETTO, Mônica Maria Guimarães Savedra. Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual. In: _____. SALGADO, Ana Claudia Peters (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil**: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p.121-140.

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.

BONIATTI, Ilva Maria. Paese di Cuccagna, tradições locais e regionais: a colonização italiana no Alto da Serra, Sul do Brasil. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente (Orgs.). **Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes: 25 anos do Ecirs**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

BOTTOMORE, Tom. Grupo. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. Dialeto social e história da linguagem. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974b.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolingüístico da fala do Oeste do Paraná**. Londrina, 2010. 284 p. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina. [Orientadora: Prof. Dr. Vanderci de Andrade Aguilera].

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAPELESSO, Pe Antônio; SCHERER, Dom Irineu Roque; DEITOS, Nilceu Jacob (Orgs.). **Dom Armando Cirio: apóstolo e missionário do Oeste do Paraná**. Cascavel: Coluna do Saber, 2010.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolingüística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações étnicas de italianos: identidade e globalização**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

_____. Gerações, fronteiras e italianidade no sul do Brasil. **Tempo da Ciência**, Cascavel, v. 18, n. 36, p. 137-152, 2011.

CONFORTIN, Helena. Comportamento de falantes bilíngues do Alto Uruguai gaúcho frente à língua materna (dialeto italiano) e à língua portuguesa. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A Presença Italiana no Brasil. v. III**. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

COSTA, Rovílio. A literatura dialetal italiana como retrato de uma cultura. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

_____. A família italiana da área agrícola do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A Presença Italiana no Brasil. v. III**. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

DAMKE, Ciro. **Variação lingüística e a construção do sujeito**. In: JELL Jornada de estudos Lingüístico e Literários. Marechal Cândido Rondon-PR. 1998.

_____. **A língua e cultura alemãs no sul do Brasil através da música**. In: V SIGET. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul. 2009.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)**. Porto Alegre, 2004. 250 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DUBLET, François. Migração. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FISHMAN, Joshua A. A sociologia da linguagem. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Canção dos imigrantes**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço/ Universidade de Caxias do Sul, 1983.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos**. Caxias do Sul: Educs, 1983.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2. ed. MAESTRI, Mário (Coord.). Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998. p. 158-167.

_____; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: um caso de contato lingüístico e cultural. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). **Os contatos lingüísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 317-347.

_____; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. **Estigma: cultura e atitudes lingüísticas**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

GIRON, Loraine Slomp; CORSETTI, Berenice. As companhias de colonização - A reprodução do sistema colonial. In: BONI, Luis A. de. (Org.). **Presença italiana no Brasil**. vol. 2. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 483-502.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Cascavel: Edunioeste, 2008.

GUISAN, Pierre. Língua: a ambiguidade do conceito. In: BARRETTO, Mônica Maria Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Claudia Peters (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 17-27.

HEYE, Jurgem; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 381-411

HORA, Demerval da. Teoria da variação: trajetória de uma proposta. In: _____. (Org.). **Estudos sociolinguísticos**. João Pessoa: UFPB, 2004.

HUTTER, Lucy Maffei. A imigração italiana no Brasil (séculos XIX e XX): dados para a compreensão desse processo. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 121-137

KERSCH, Dorotea Frank. Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 397-421

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Volumes I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/ UFPR, 2002.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante - RS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos** (1972). Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Princípios del cambio lingüístico**. Vol. 1. Madrid: Gredos, 1994.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vêneto Brasileiro):** Noções de Gramática, História e Cultura. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.

_____. Dicionário **talian-português**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. **Preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano de Curato de Colombo, Paraná, 1888 - 1910.** Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial à conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

MACNAMARA, J. **The Bilingual's linguistic performance:** a psychological overview. *Journal of Social Issues* 23, 1966. p. 59-77.

MARCELINO, Marcello. **Bilinguismo no Brasil:** significado e expectativas. *Revista Intercâmbio*. v. 19. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2009. p. 1-22. Disponível em: < revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/3487/2295>. Acesso em: 17 ago. 2013.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MANFROI, Olivio. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Presença Italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST, 1987.

MARAZZINI, Claudio. **La lingua italiana:** profilo storico. 3. ed. Bologna: Mulino, 2002.

MIORANZA, Ciro. O futuro dos dialetos italianos. In: BONI, Luis A. de. (Org.). **Presença italiana no Brasil.** vol. 2. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 595-601.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. Actitudes lingüísticas. (p. 179-194). In: _____. **Principios de sociolingüística y sociología de language.** Barcelona: Ariel, 1998.

ORO, Ari Pedro. "Mi son talian": considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto. **A presença italiana no Brasil. v. III.** Porto Alegre: EST, 1996.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PASTORELLI, Daniele Silva. Crenças e Atitudes Linguísticas em Região de Fronteira - Capanema. In: ALTINO, Fabiane Cristina Altino. **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 246-263

PERTILE, Marley Terezinha. **O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

PIAIA, Vander. **A ocupação do Oeste Paranaense e a formação de Cascavel: as singularidades de uma cidade comum**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense/Unioeste. Niterói, 2004.

_____. **Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel**. Cascavel: Edunioeste, 2013.

PICOL, Greyce Dal. **Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul: mudança dialetal e mescla linguística**. Web-Revista Sociodialeto. v. 3. n. 9. Campo Grande, 2013. Disponível em: < <http://sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013030842.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

PINHEIRO, Luciana Santos. **Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2014. 165 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen]. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102203/000922608.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 out. 2014.

PLUMMER, Ken. Identidade. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

POSSAMAI, Paulo César. **Italianidade ou venecidade? A contrução da identidade coletiva entre ítalo-rio-grandeses**. 2006. Associação Sul Americana de Filosofia e Teologia Interculturais. Disponível em: <<http://www.asafti.org/seminario/trabalhos/Paulo%20Cesar%20Possamai.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução: Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e o Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 13-56.

RIBEIRO, Alessandra Regina. **Aprender italiano: identidade em (re)construção entre língua cultura em contexto formal**. Dissertação apresentada ao Programa de

Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2005.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 1995.

ROSA, Eliane Kreutz; DAMKE, Ciro; VON BORSTEL, Clarice. **Língua/cultura como fator de pertencimento identitário**. In: 14ª Jornada Regional e 4ª Nacional de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon-PR. 2011.

SAVOLDI, Adiles. Culto aos ancestrais: encontros de família. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 20-42, mar. 2008.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. Contribuição para o estudo de um projeto de colonização no oeste do Paraná: fundamentos socioculturais. In: LOPES, Marcos (Org.). **Espaços da memória: fronteira**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: Teoría y Análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

SILVA, Maria Oneide Lino da; OLIVEIRA, Sandra Suely; PEREIRA, Vanderléa Andrade; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação**. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/etnografia_e_pesquisa_qualitativa_apontamentos_sobre_um_caminho_metodologico_de_investigacao.pdf>. Acesso em: 8 maio 2013.

SILVA-PORELI, Greize Alves; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes: um estudo sociolinguístico na cidade de Pranchita/PR**. In: Línguas e Letras. Dossiê: Crenças e atitudes linguísticas em regiões de línguas em contato. v. 12. n. 22. Publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras, vinculado ao Centro de Educação, Comunicação e Artes da Unioeste. Campus de Cascavel. 2011. p. 85-108.

SOARES, Adélia; FONSECA, Isadora. **Três línguas são reconhecidas pelo Iphan como Referência Cultural Brasileira**. Assessoria de Comunicação Iphan, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Ministério da Cultura, Brasília, 19 nov. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=4C93ECA1233CA48D8C845AA1A8F3B9F4?id=18682&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

SOUZA, Andreia Cristina de. **Análise de aspectos sociolinguísticos em propagandas comerciais**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2011.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: a história**. Curitiba: Lagarto, 1992.

SPINASSÈ, Karen Pupp. O ensino de línguas em contextos multilíngues. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

TARALLO, Fernando. (1990) **A pesquisa sócio-lingüística**. São Paulo: Ática, 2005.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

TONIAL, Honório. **Dicionário Português-Talian**. Porto Alegre: Edições Est, 1997.

_____. **Talian la nostra vera língua**. Erechim: EdiFAPES, 2001.

TRUZZI, Oswaldo; KERBAUY, Maria Teresa Miceli; BARBOSA, Agnaldo de Souza. Mudança de fronteiras étnicas e participação política de descendentes de imigrantes em São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n.80, p. 135-256, out. 2012.

VON BORSTEL, Clarice. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

WEI, Li. **The Bilingualism Reader**. London and New York: Routledge, 2000.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. (1968). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: UFSM, 2006.

ZERO HORA. **Morre o Frei Rovílio Costa**. Reportagem publicada em 13 de junho de 2009. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/06/morre-o-frei-rovilio-costa-2544763.html>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

ZIMMER, Márcia; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian. **Do bilingüismo ao multilingüismo: intersecções entre a psicolingüística e a neurolingüística**. v. 6. n. 11. ReVEL: 2008. Disponível em: < http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_do_bilinguismo_ao_multilinguismo.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2013.

ANEXO

PROJETO
ESTUDO DA LÍNGUA E DA CULTURA ITALIANA EM CASCAVEL

FICHA DO INFORMANTE

Nº do Informante: _____

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME _____

2. APELIDO _____

3. DATA DE NASCIMENTO _____

4. SEXO

A. masculino B. feminino

5. IDADE _____

6. ENDEREÇO _____

7. ESTADO CIVIL

A. solteiro B. casado C. viúvo D. outro

8. NATURALIDADE _____

9. ESCOLARIDADE _____

10. OUTROS CURSOS

A. especialização B. profissionalizante C. outros

11. PROFISSÃO _____

12. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES _____

13. RENDA _____

14. TIPO DE RENDA: A. individual

 B. familiar

15. COM QUE IDADE CHEGOU A CASCAVEL? (caso não seja natural da localidade) _____

16. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DE CASCAVEL

17. QUAL FOI O MOTIVO QUE LEVOU A FAMÍLIA A MUDAR PARA CASCAVEL?

Veio toda a família?

Já tinha pessoas descendentes italianos aqui, da família?

18. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?

- A. sim B. não

19. NATURALIDADE

A. do pai: _____

B. da mãe: _____

C. do cônjuge: _____

20. ESCOLARIDADE

A. do pai: _____

B. da mãe: _____

C. do cônjuge: _____

21. PROFISSÃO

A. do pai: _____

B. da mãe: _____

C. do cônjuge: _____

DADOS CULTURAIS DO INFORMANTE

22. ASSISTE TV

A. todos os dias

B. às vezes

C. nunca

23. PROGRAMAS PREFERIDOS

A. novelas

D. noticiários

G. outros

B. esportes

E. pr. religiosos

C. pr. auditório

F. filmes

24. TIPO DE TRANSMISSÃO

A. rede gratuita

B. parabólica

C. tv por assinatura

25. OUVE RÁDIO

A. todos os dias

D. parte do dia

G. enquanto trabalha

B. às vezes

E. o dia inteiro

C. nunca

F. enquanto viaja

26. PROGRAMAS PREFERIDOS

A. noticiário geral

D. noticiário policial

G. outro

B. esportes

E. música

C. pr. religiosos

F. pr. com participação do ouvinte

27. LÊ JORNAL

A. todos os dias

B. às vezes

C. nunca

D. semanalmente

E. raramente

28. O JORNAL É

A. local

B. estadual

C. nacional

29. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER

- A. editorial D. pr. de cultura G. classificados
B. esportes E. política H. outra
C. variedades F. página policial

30. LÊ REVISTA?

- A. às vezes B. semanalmente C. mensalmente D. raramente E. nunca

31. NOME /TIPO DE REVISTA _____

32. TEM ACESSO À INTERNET?

- A. sim B. não

33. CONECTA-SE A INTERNET:

- A. todos os dias
B. quase todos os dias
C. às vezes
D. raramente

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

34. CINEMA

- A. às vezes B. raramente C. nunca

35. TEATRO

- A. às vezes B. raramente C. nunca

36. SHOWS

- A. às vezes B. raramente C. nunca

37. PRÁTICA ESPORTES?

- A. às vezes B. raramente C. nunca

38. QUAIS?

39. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?

40. RELIGIÃO DO CÔNJUGE.

41. QUAL ERA A RELIGIÃO DOS PAIS?

42. SABE A RELIGIÃO DOS AVÓS?

43. IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA A FAMÍLIA

- A. muito importante
B. importante
C. não é tão importante

D. nenhuma importância

44. IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA VOCÊ

- A. muito importante
- B. importante
- C. não é tão importante
- D. nenhuma importância

DESCENDÊNCIA E DADOS FAMILIARES

45. DESCENDÊNCIA (pelo lado do PAI) _____

46. QUAL É A ORIGEM DO SOBRENOME DA FAMÍLIA? ELE FOI PASSADO AOS FILHOS?

47. QUEM FOI O IMIGRANTE DA FAMÍLIA DO LADO PATERNO?

- A. pai
- B. avós
- C. bisavós
- D. tataravós
- E. não sabe
- F. não imigrou

48. DE QUAL CIDADE E /OU REGIÃO DO PAÍS DE ORIGEM ERA O IMIGRANTE?

49. QUANDO O IMIGRANTE CHEGOU AO BRASIL? _____

50. POR QUE VEIO PARA O BRASIL?

51. NO BRASIL, EM QUE ESTADO E CIDADE O IMIGRANTE SE FIXOU?

52. QUAL FOI O PERCURSO DA FAMÍLIA ATÉ CHEGAR A CASCAVEL?

(por exemplo, veio da Itália, foi para o RS, passou por SC, depois....)

53. COMO ERA A REGIÃO DE CASCAVEL, QUANDO CHEGARAM AQUI?

54. DESCENDÊNCIA (pelo lado da MÃE) _____

55. QUAL É A ORIGEM DO SOBRENOME? ELE FOI PASSADO AOS FILHOS?

56. QUEM FOI O IMIGRANTE DA FAMÍLIA DO LADO MATERNO?

- A. mãe
- B. avós
- C. bisavós

- D. tataravós
- E. não sabe
- F. não imigrou

57. DE QUAL CIDADE E /OU REGIÃO DO PAÍS DE ORIGEM ERA O IMIGRANTE?

58. QUANDO O IMIGRANTE CHEGOU AO BRASIL? _____

59. POR QUE VEIO PARA O BRASIL?

60. NO BRASIL, EM QUE ESTADO E CIDADE O IMIGRANTE SE FIXOU?

61. QUAL FOI O PERCURSO DA FAMÍLIA ATÉ CHEGAR A CASCAVEL?

(por exemplo, veio da Itália, foi para o RS, passou por SC, depois....)

62. COMO ERA A REGIÃO E CASCAVEL, QUANDO CHEGARAM AQUI?

CÔNJUGE E FILHOS

63. DESCENDÊNCIA DO CÔNJUGE _____

64. NOME COMPLETO DO CÔNJUGE _____

65. NOME COMPLETO DOS FILHOS _____

PARA OS SOLTEIROS OU QUE AINDA NÃO TÊM FILHOS

66. VOCÊ FARÁ QUESTÃO DE PASSAR O SOBRENOME DA FAMÍLIA AO CÔNJUGE?

67. VOCÊ FARÁ QUESTÃO DE PASSAR A TER O SOBRENOME DA FAMÍLIA DO CÔNJUGE?

68. VOCÊ FARÁ QUESTÃO DE PASSAR O SOBRENOME DA SUA FAMÍLIA AOS FILHOS?

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

69. QUAL LÍNGUA O IMIGRANTE ITALIANO PATERNO E MATERNO - TEU AVÔ, AVÓ, BISAVÔ OU BISAVÓ - FALAVAM?

70. FALAVA-SE ESSA LÍNGUA EM FAMÍLIA?

71. VOCÊ LEMBRA PALAVRAS QUE FALAVAM?

72. VOCÊ FALA ITALIANO?

A. sim b. não

73. SE NÃO, POR QUÊ?

74. QUE LÍNGUA VOCÊ FALA NO DIA A DIA?

75. VOCÊ SE CONSIDERA FALANTE DO PORTUGUÊS OU DO ITALIANO?

76. QUAL FOI A LÍNGUA QUE VOCÊ APRENDEU COM TEUS PAIS? QUAL LÍNGUA VOCÊ APRENDEU ANTES DE IR PARA A ESCOLA?

77. EM QUE MOMENTO VOCÊ APRENDEU A LÍNGUA ITALIANA? Ou, A PORTUGUESA...

78. COM QUEM VOCÊ FALA ITALIANO?

() avós

() pais

() irmãos

() parentes

() vizinhos

() amigos

() outros

79. OS INTEGRANTES DA FAMÍLIA FALAM ITALIANO COM VOCÊ? QUAIS INTEGRANTES?

80. EM QUE OCASIÕES VOCÊ FALA ITALIANO?

81. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CULTURA ITALIANA PARA VOCÊ?

A. muito importante

B. importante

C. não muito importante

D. nenhuma importância

82. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CULTURA ITALIANA PARA SUA FAMÍLIA (pais, avós, irmãos...)?

A. muito importante

B. importante

C. não muito importante

D. nenhuma importância

83. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CULTURA ITALIANA PARA SUA FAMÍLIA (esposa e filhos)?

A. muito importante

B. importante

C. não muito importante

D. nenhuma importância

84. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA VOCÊ?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

85. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA SUA FAMÍLIA (pais, avós, irmãos...)?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

86. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA SUA ESPOSA?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

87. QUAL É A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ITALIANA PARA SEUS FILHOS?

- A. muito importante
- B. importante
- C. não muito importante
- D. nenhuma importância

88. VOCÊ ACHA QUE O ITALIANO É VALORIZADO PELA COMUNIDADE? SIM OU NÃO E POR QUÊ?

89. VOCÊ ACHA IMPORTANTE SABER FALAR ITALIANO? SIM OU NÃO E POR QUÊ?

90. AGORA, VOCÊ OUVIRÁ ALGUMAS PESSOAS FALANDO. A SEGUIR, FALAREMOS SOBRE.

EM QUE LÍNGUA AS PESSOAS ESTÃO FALANDO?

HÁ ALGUMA DIFERENÇA?

ATÉ QUE SÉRIE AS PESSOAS ESTUDARAM?

QUAL É A PROFISSÃO DESSAS PESSOAS?

ESSAS PESSOAS MORAM ONDE?

QUAL DAS DUAS FORMAS DE FALAR VOCÊ ACHA MAIS BONITA?

91. VOCÊ SABE DE ALGUMA HISTÓRIA DA FAMÍLIA, QUANDO CHEGARAM AO BRASIL E A CASCAVEL? ALGUMA HISTÓRIA CURIOSA QUE PASSOU PELO FATO DE FALAR ITALIANO?

92. VOCÊ ESTUDOU ITALIANO NA ESCOLA REGULAR (1ª à 4ª série)?

- A. sim
- B. não

93. VOCÊ ESTUDA OU ESTUDOU ITALIANO EM ESCOLA DE LÍNGUA?

94. POR QUANTO TEMPO VOCÊ FEZ CURSO DE LÍNGUA ITALIANA?

- A. um ano
- B. dois anos
- C. três anos
- D. mais de três anos

95. O QUE VOCÊ GOSTA OU NÃO DA CULTURA ITALIANA?

96. COMO SÃO OS ITALIANOS?

95. PARA VOCÊ, QUAL É A LÍNGUA MAIS IMPORTANTE PARA O TEU DIA A DIA? QUAL A LÍNGUA QUE VOCÊ USA NO TEU DIA A DIA?

97. VOCÊ ACHA MAIS IMPORTANTE APRENDER ITALIANO OU INGLÊS? POR QUÊ?

98. VOCÊ ACHA MAIS IMPORTANTE APRENDER ITALIANO OU ESPANHOL? POR QUÊ?

99. O QUE ESTÁ EM PRIMEIRO LUGAR PARA A LÍNGUA INGLESA E PARA A ITALIANA:

INGLÊS	ITALIANO
<input type="checkbox"/> econômica	<input type="checkbox"/> econômica
<input type="checkbox"/> profissional	<input type="checkbox"/> profissional
<input type="checkbox"/> social	<input type="checkbox"/> social
<input type="checkbox"/> cultural	<input type="checkbox"/> cultural
<input type="checkbox"/> política	<input type="checkbox"/> política

100. PARTICIPA OU JÁ PARTICIPOU DE ALGUM MOVIMENTO ITALIANO? CORAL, GRUPO, OU ALGO ASSIM?

A. sim B. não

101. QUANTO TEMPO FAZ?

A. um ano B. mais de dois anos C. mais de cinco anos D. mais de dez anos

102. POR QUE PARTICIPOU OU PARTICIPA?

103. A FAMÍLIA JÁ FEZ ALGUMA FESTA PARA REUNIR TODOS OS PARENTES, TODAS PESSOAS DO MESMO SOBRENOME?

A. sim B. não

104. SE SIM, DE ONDE VIERAM OS PARENTES?

105. QUANTAS EDIÇÕES JÁ TEM A FESTA?

106. AQUI EM CASCAVEL EXISTE ALGUMA FESTA ITALIANA? QUAL É SUA OPINIÃO SOBRE ELA(S)?

107. HÁ ALGUMA ENTIDADE EM CASCAVEL (CLUBE, ASSOCIAÇÃO, PROGRAMA...) QUE VALORIZA A CULTURA ITALIANA? VOCÊ ACHA IMPORTANTE? POR QUÊ?

108. VOCÊ ACHA QUE O QUE EXISTE E ESTÁ SENDO FEITO É SUFICIENTE PARA MANTER E PROMOVER A CULTURA ITALIANA? QUAL A SUA OPINIÃO?

QUESTIONÁRIO

Agora vamos falar sobre algumas coisas do dia a dia.

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

Mostrar figura e se necessário explicar o que é...

1. COLHER/CUCHIAIO/CUCIARO
... objeto que se utiliza para tomar sopa?
2. GARFO/FORCHETTA/ PIRON
... objeto que se utiliza para comer o macarrão?
3. FACA/COLTELLO/POSSADA
... objeto que se utiliza para cortar a carne no prato?
4. PANELA/PENTOLA/PIGNATA
... objeto que se utiliza para cozinhar alimentos?
5. POLENTA/ANGÚ
... alimento feito de milho, sendo um creme consistente e que pode ser acompanhado de molho de carne, de frango e/ou de queijo?
6. QUEIJO/FORMAGGIO/FORMAIO
... alimento que salpicamos encima do macarrão, feito de leite?
7. CHICÓRIA/ ALMEIRÃO/ RADICCHIO/ RADICIO
... uma verdura com folhas vermelhas e nervuras brancas, de sabor levemente amargo?
8. TOMATE/POMODORO
... alguns acreditam que seja um legume, outros fruta. Alimento que se utiliza para fazer molhos vermelhos?
9. CEBOLA/CIPOLLA/SEÓLA
... legume redondo, que tem camadas e que quando o cortamos começamos a chorar?
10. MACARRÃO/PASTA/MACCHERONE ou MACARONI
... o tipo de massa mais prática que há e bem típica da cultura italiana? Pode-se comer com molhos vermelhos, brancos ou outros ainda.
11. MELANCIA/ANGÙRIA ou COCOMERO
... fruto grande arredondado ou alongado, de polpa vermelha, suculenta, com muitas sementes pretas, a casca é verde e lustrosa, com estrias brancas?
12. ARROZ/RISO
... isto. *Mostrar figura.*
13. FEIJÃO/FAGIOLI/FASOL, FASUI ou FASÒI
... isto. *Mostrar figura.*
14. PÃO/PANE/ PAN, PANIN ou PANETO
... considerado um alimento sagrado, assim como o vinho?

15. CACHAÇA DE UVA/GRAPPA/GRASPA
... bebida alcoólica feita de uva, mas que não é o vinho. Pode-se tomar esta bebida com café, para esquentar o corpo quando está muito frio?
16. FATIA /FETTA
... o pão pode ser cortado em? de que forma?
17. BALA/CARAMELLA/DOLSSI
... doce que as crianças mais gostam? pequeno e de diversos sabores, que vem por vezes embrulhada em um papel plástico, que costuma ser vendido nas ruas e lanchonetes por um valor muito pequeno?
18. SOPA/MINESTRA/ ZUPPA
... alimento quente que pode ser feito com vários legumes e macarrãozinho?
19. LARANJA/ARANCIA/NARANCE, NARANSA
... isto. *Mostrar.*
20. CERVEJA/BIRRA
... bebida alcoólica feita de cevada? Amarela com espuma branca?
21. ALFACE/ LATUGA/ SALATA
... verdura comum na alimentação, com folhas verdes? Há vários tipos, pode ser crespa, lisa, americana?
22. LEITE/ LATTE
... líquido produzido pela vaca e que utilizamos para nossa alimentação, assim como fazer queijo?
23. PIMENTÃO/ PEPERONE/ PIMENTONE/PEVARONE
... fruto ou legume que pode ser verde, vermelho ou amarelo? Isto. *Mostrar.*
24. PIMENTA/ PEPERONCINO
... com ela pode ser feito conservas para deixar a comida picante?
25. ABOBRINHA/ ZUCCHINA/ZUCCA
Isto. *Mostrar figura.*
26. REPOLHO/ CAVOLO/CAPUS/VERSE
Isto. *Mostrar figura.*
27. COUVE/ CAVOLO
Isto. *Mostrar figura.*

RELAÇÃO DE PARENTELA/ FAMÍLIA

1. AVÔ/ NONNO
... o pai do teu pai ou da tua mãe é teu?
2. AVÓ/ NONNA
... a mãe do teu pai ou da tua mãe é tua?

3. IRMÃ/ SORELLA
... assim como você, é filha dos teus pais também. Ela é tua?
4. IRMÃO/ FRATELLO/FRADEL/ ZERMAN/ ZERMANO/ GERMAN/ GERMANO
... assim como você, é filho dos teus pais também. É teu?
5. MÃE/ MADRE/ MAMMA
... aquela que te deu a luz? Que carregou você por nove meses na barriga é tua?
6. PAI/ PADRE/ PAPÀ /PUPÀ/ BABBO
... responsável por teu nascimento, assim como tua mãe. É teu?
7. FILHO/ FIÔLO
... a mulher quando engravida de um menino, este será seu?
8. SOGRO/ SUOCERO/ SÒCERO/ MESSIER/MISSIER
... o pai do(a) teu/tua companheiro(a) é teu?
9. SOGRA/ SUOCERA/ MADONA
... a mãe do(a) teu/tua companheiro(a) é tua?
10. GENRO/ GENERO/ ZÉNERO
... o marido da tua filha é teu?
11. PRIMO/ CUGINO/ COSIN/ CUGIN
... o filho dos teus tios é teu?
12. PRIMA/ CUGINA/ COSINA
... a filha dos teus tios é tua?
13. CRIANÇA/ BAMBINO/TATÍM/TOSETTO/TOSO
... não é adulto, nem jovem, nem adolescente. Como pode ser chamado o ser humano, quando ainda é pequeno?
14. SOBRINHO/ NIPOTE/ NEODO/ NEVODO
... o filho do teu irmão é teu?
15. NETO/ NIPOTE
... o filho do meu filho é meu?
16. SOLTEIRO/ CELIBE/ SCAPOLO
... um rapaz que não é casado é? O estado civil...
17. SOLTEIRA/ NUBILE/ SCAPOLA
... uma moça que não é casada é?
18. VIÚVO/ VÉDOVO
... um homem a quem morreu a mulher é um?

NOMES PRÓPRIOS

Agora eu falarei alguns nomes e você irá dizer se são portuguesas ou italianos:

- | | |
|--------------|--------------|
| 1. JOSÉ | 6. PIERO |
| 2. LUIGI | 7. HENRIQUE |
| 3. BEPPE | 8. CESARE |
| 9. TONI | 12. JULIANA |
| 10. PIERO | 13. ENRICO |
| 11. GIUSEPPE | 14. GIGIA |
| 4. PEDRO | 15. GIULIANA |
| 5. GIGIO | |

QUALIDADES/ CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

1. BRAVO/a
... quando é uma boa pessoa se diz que: è una _____ persona?
2. MALEDETTO(A)
... diz-se daquele ou daquilo a que se lançou maldição?
3. BENEDETTO(A)
... diz-se daquele ou daquilo a quem se abençoou, que é abençoado?
4. BELLO/A
... uma pessoa bonita pode ser chamada de?
5. BRUTTO/A
... uma pessoa feia pode ser chamada de?
6. GORDA/ GRASSO(A)
... uma pessoa que não é magra, que está acima do peso?
7. GORDINHO(A)/ CICIO(A)
... uma pessoa que está um pouco acima do peso? Pode ser também uma forma carinhosa de chamá-la...
8. LOIRO(A)/ BIONDO(A)
... uma pessoa que tem os cabelos amarelados é?
9. MORENO(A)/ BRUNO(A)/ MORETINA (MORENINHA)
... uma pessoa que tem os cabelos pretos é?
10. JOVEM/ GIOVANE
... uma pessoa que está entre a adolescência e a fase adulta é um?
11. VELHO/ VECCHIO/ VÈCCIO
... a pessoa que está na terceira idade pode ser chamada de?
12. MENTIROSO(A)/ BUGIARDO(A)
... uma pessoa que nunca fala a verdade é uma?
13. RUIM/ CATTIVO(A)
... uma pessoa pode ser uma boa pessoa (una brava persona) ou uma pessoa?

14. PREGUIÇOSO(A)/ PIGRO(A)/SENSA VOIA

... uma pessoa que não é disposta, que nunca quer fazer nada e quer ficar só de pernas pra cima?

15. BOBO/ SCIOCCO/ BAUCO

... uma pessoa pouco inteligente pode ser chamada de?

16. MEDROSO-CAGÃO/ STRONZO(A)/SPAURONA

... uma pessoa que tem medo de tudo, que é bobona?

EXPRESSÕES

- *Para demonstrar surpresa com algo inesperado.*
 1. MAMMA MIA
 2. DIO SANTO
 3. CASPITA!

- *Quando você está com raiva ou alguém da tua família estava com raiva, o que se costumava dizer para extravasar a raiva...?*
 4. PORCO DIO
 5. PORCO CAN(E)
 6. SANTA MADONNA
 7. PORCA MADONA
 8. DIO SANTO ANTONI
 9. PORCA TROIA
 10. BRUTTA BESTIA
 11. CAZZO
 12. SACRAMENTO

- *Para dizer que alguém não tem escrúpulos...*
 13. FURBO/FURBON/FORBONE
 14. FARABUTO (sujeito sem escrúpulos)
 15. FARABUTO DI UN SALTA PIANTE

- *Para dizer que uma criança é uma coitada, coitadinha...*
 16. POVERO BAMBINO
 17. POVERETO
 18. POVERINO

- *Para dizer que algo que alguém fez foi uma coisa muito bem feita!*
 19. CHE BELLA ROBA

- *Para desfazer ironicamente de algo que alguém fez... “Grande coisa!!”.*
 20. BELLA ROBA!

- *Para dizer de um sujeito bobo...*
 21. MA VARDA CHE BAUCO! (Olha que bobo!)

- *Lembra-se ou gostaria de acrescentar mais alguma?*

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

Mostrar figuras.

1. CALÇA/ PANTALONE/BRAGHE
2. BOTA/ STIVALI/STAVAI
3. CHINELO/ CIABATTA/ SINÈLA/ PANTÒFALA
4. LENÇO/ FAZZOLETO
5. SAPATO/ SCARPA
6. SUSPESÓRIO/ TIRACA

HABITAÇÃO

Mostrar figuras.

1. CADEIRA/ SEDIA/ CAREGA
2. MESA/ TAVOLA/TÀOLA/TÒLA
3. QUINTAL/ CORTILE/AREA
4. FOGÃO/ FORNELLO/ FOGO/FOGONE/FOGOLARO

FAUNA

Mostrar figuras.

1. SAPO/ ROSPO
2. BEZERRO/ VEDEL
3. MOSQUITO/ MOSCA/ ZANZARA
4. PÁSSARO/ UCCELO / OSEL
5. ANDORINHA/ RONDINA/ RONDINELLA
6. BORBOLETA/ FARFALLA
7. COBRA/ SERPENTE/VIPERA/ BISSA

VERBOS

Mímica + explicações se necessário....

1. PEGAR/ PRENDERE/ CIAPAR
O ato de agarrar e segurar. Quando você está com fome você _____ (*mímica*) um alimento para comê-lo.
2. ALMOÇAR/ PRANZARE/MANGIARE
... o ato de comer ao meio-dia?
3. ABRIR/ APRIRE/VERDAR/VERSER
... o contrário de fechar é?
4. GOSTAR/ PIACERE/ PIASER
... achar bom, julgar que seja bom, sentir..?

CORPO HUMANO

Mímica, mostrando as partes do corpo.

1. CABEÇA/TESTA
2. NARIZ/ NASO
3. PESCOÇO/ GOLA/COL

4. OLHO/ OCCHIO/OCIO
5. ORELHA/ ORECCHIO/RECCIA
6. COSTAS/ SPALLA/SCHENA
7. JOELHO/ GINOCCHIO/DENÓCIO
8. CABELOS/ CAPPELI/CAVEI
9. PERNA/ GAMBA

PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

- CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE
A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico

- ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO
A. total B. grande C. média D. fraca

- POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO
A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente

- CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE
A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"

- GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR
A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum

- INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES
A. sim B. não

- CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S) _____

- AMBIENTE DO INQUÉRITO _____

- OBSERVAÇÕES _____

- NOME DO ENTREVISTADOR _____

- LOCAL DA ENTREVISTA _____

- CIDADE: _____ UF: _____

- DATA DA ENTREVISTA _____

- DURAÇÃO _____

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE: 68 QUESTÕES
PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS: 40 QUESTÕES
QUESTIONÁRIO: 127 QUESTÕES

TOTAL: 235 QUESTÕES